Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 477
Junho 1984
Quinta-feira

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Moção apresentada pelo Governo é votada hoje

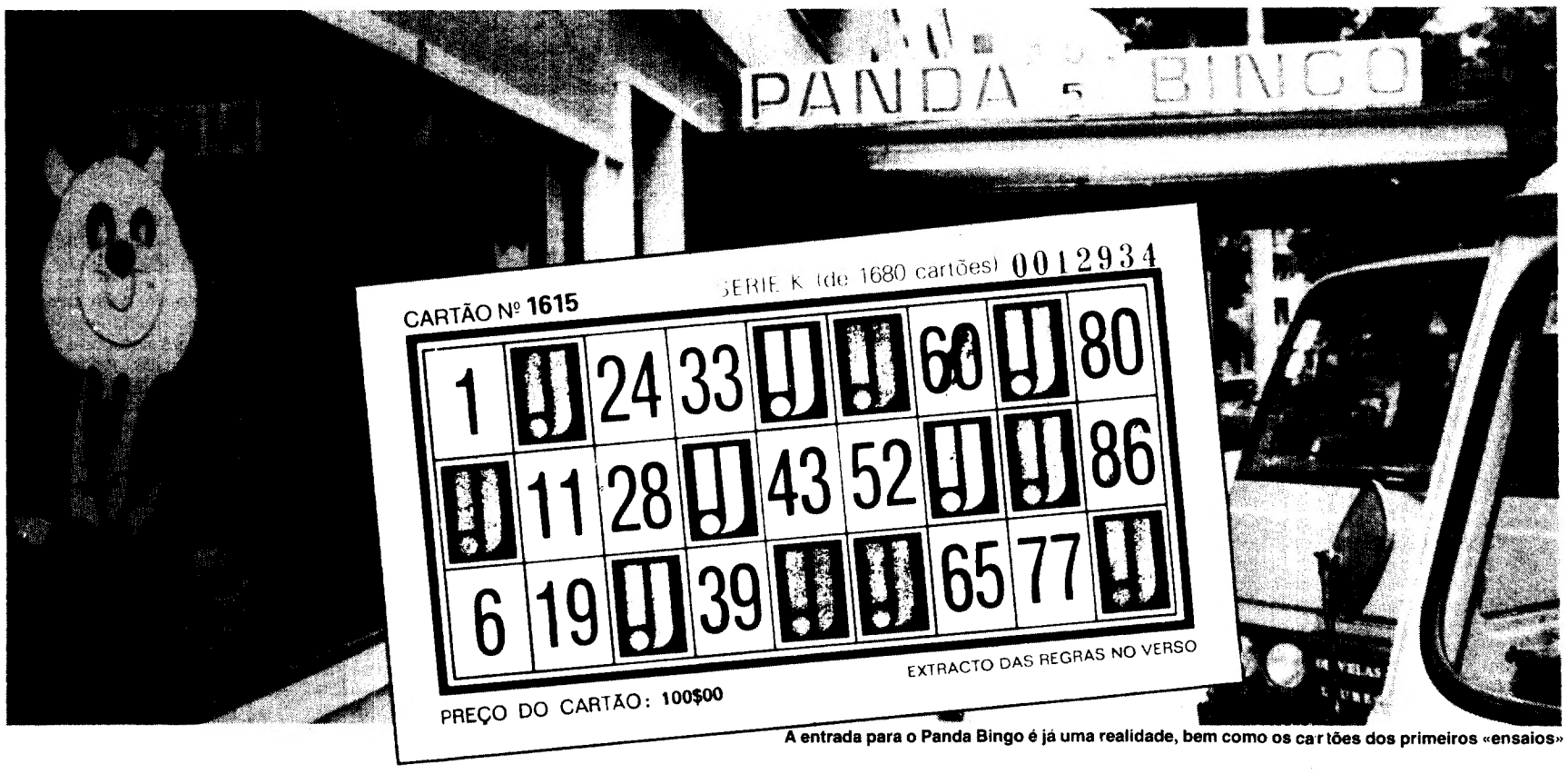
Maioria (sem alternativa) vai dar 'confiança' a Mário Soares

Se a oposição não tem resposta para o desafio apresentado por Mário Soares – onde está a alternativa ao actual Governo? –, também a maioria não tem outra solução para além de votar favoravelmente a moção de confiança suscitada pelo Primeiro-Ministro. Assim, não se levantam quaisquer dúvidas sobre o resultado da votação que estará já a decorrer à hora a que esta edição do «DL» começa a circular. Para uma razoável parcela das bancadas socialistas e social-democrata será um voto a contragosto – mas o único possível. Através dele, Mário Soares tentará conjugar forças que lhe permitam vencer a fase mais aguda da crise, confiante em que 85 trará melhores dias.

Pág. 5

Ministério da Defesa desconhece requerimento de Garcia dos Santos

«No gabinete do ministro da Defesa não entrou, até hoje, qualquer solicitação ou requerimento do sr. general Garcia dos Santos relativo à questão da sua colocação» — disse esta manhã ao «DL» o coronel Hugo Rocha, chefe de gabinete do titular da Defesa, prof. Mota Pinto, respondendo à declaração do ex-chefe do Estado-Maior do Exército, ontem à RDP, segundo a qual aguardava resposta do ministro da Defesa a uma solicitação posta há cerca de quinze dias. Admitiu-nos, entretanto, o coronel Hugo Rocha que tal pretensão poderia estar em trânsito no Estado-Maior do Exército, podendo vir a ser colocada eventualmente ao ministro da Defesa. Todavia, do Estado-Maior do Exército, apurou o «DL» junto de um responsável do Serviço de Relações Públicas, não há conhecimento da referida pretensão. Por outro lado — frisou-nos a mesma fonte — não é do âmbito do EME qualquer decisão sobre o caso, dado que sendo Garcia dos Santos um general de quatro estrelas, não caberá ao CEME, Salazar Braga, general de três estrelas, a decisão do assunto. É problema para o Ministério da Defesa — acrescentou-nos o informador do Exército. Não nos foi possível, até ao fecho desta edição, contactar o general Garcia dos Santos, — exonerado há sete meses e ainda sem colocação — acerca das respostas do Ministério da Defesa e do EME.



A entrada para o Panda Bingo é já uma realidade, bem como os cartões dos primeiros «ensaios»

Habitantes da Avenida de Paris queixam-se

O bingo é mau companheiro

Ainda mal começou a funcionar, o Panda Bingo, na Avenida de Paris e já tira o sono a muitos dos habitantes das redondezas. É que trará para aquela área a inevitável movimentação característica do «jogadores». Os problemas, porém, não terminam aí. Como a instalação de um bingo implica uma grande movimentação automóvel, com reflexos no estabelecimento, Abecasis, bate-se por ceder um terreno, logradouro público, no interior de um quarteirão, para construção de um auto-silo. Mas, se as obras da sala de jogo decorreram, até meio, de forma «clandestina», acontece agora que a autorização de cedência de direito de superfície ainda não devidamente autorizada pelos órgãos com competência para tanto: a vereação e a Assembleia Municipal.

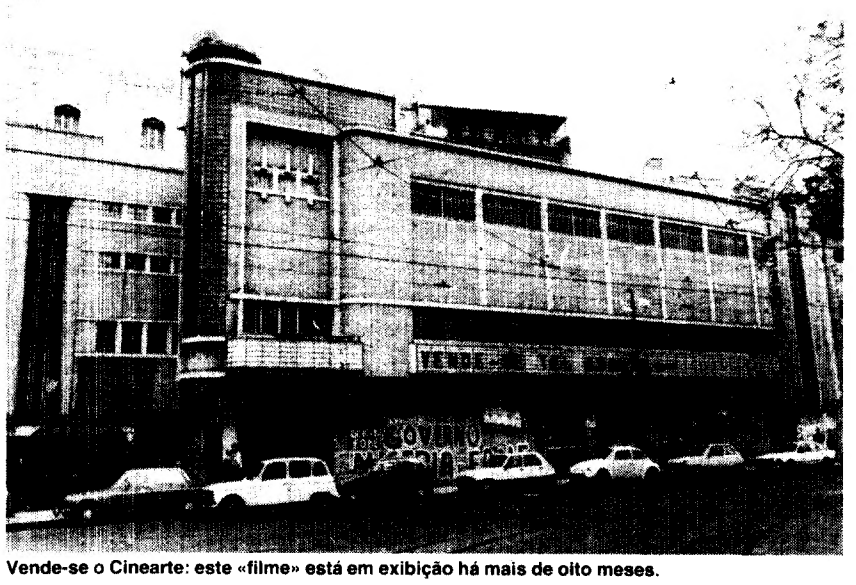
Pág. 9

Vende-se

● *O último "filme" do Cinearte*

Há dois anos e meio, o «velho» Cinema Cinearte, rosto voltado ao Tejo e ao Largo de Santos, dava a sua última sessão e fechava definitivamente as portas ao público. Esteve para ser demolido, mas as suas características arquitectónicas salvaram-no da destruição. Está à venda, mas continua a morrer um pouco mais em cada dia que passa.

Pág. 7



Vende-se o Cinearte: este «filme» está em exibição há mais de oito meses.

"Banco dos retornados" procura 50 mil para avançar

Pág. 13

"Ler/Escrever"

A edição de hoje do «DL ler/escrever» insere a continuação do artigo de Carlos Porto sobre dez anos de Teatro (74/84), bem como, entre outros assuntos, comentários a livros, como, por exemplo, «Zona», de Joana Ruas; «Sapos vivos e outros monstros», de Maria Regina Louro; e «Para sempre», de Virgílio Ferreira.

O poder do dever

Lia Viegas

ANTES dever era coisa feia. Até havia quem se matasse por dívidas. Pudera. Nos tempos da Lei das Doze Tábuas um cidadão era esquartejado pelos seus credores. Os credores estavam no poder. E ainda estão. Mas as coisas são diferentes. É que os devedores também estão no poder. O poder é devedor. O Estado deve. Deve devoluções de impostos, que não paga. Deve aos bancos as bonificações que decretou para as linhas de crédito. Deve às cooperativas e ucepês da Reforma Agrária o preço dos produtos. Deve ao estrangeiro, aos femis, aos japões.

Deve e continua a dever, e continua a pedir emprestado. E nós devedores nos confessamos. Por isso temos de pagar. Com o Estado não se brinca, que os impostos devidos se alcavalam. Mas uns aos outros. Quem mais deve mais pode. Porque pode não pagar. E então. Então faz-se um acordo. Quem deve dita. E paga menos, porque é ele que dá, que dá o dinheiro. E a escassez de dinheiro é tal que, por mais desvalorizado que esteja, tem o maior valor. São os contravalores que se desvalorizam. O trabalho é mais mal pago, os serviços são pior retribuídos. As mercadorias só são caras para quem as produz ou para quem as paga. Quem desembolsa é que fica mal. Os valores estão mudados. Não há empresa que, para ser grande e conceituada, não tenha de ter importantes credores. Estes decerto a apoiarão, a financiarão e farão acordos para que não se declare a sua falência. A sua falência? A falência das outras. Pois se todas devem e são credoras. Da mesma sociedade anónima dir-se-ia que são sócias. Falências, SARL. Por isso os gestores se tratam com o maior respeito e, à mesa dos restaurantes mais caros, debitam os milhões devidos pelas empresas alheias e segredam os seus saberes das falências técnicas. Só falências técnicas claro. Em termos contabilísticos, em termos cabalísticos. Porque falências declaradas não há, não pode haver. Aonde é que nós já estávamos. Há transferências, compras simbólicas, acordos de cavalheiros. Portas que se fecham. Trabalhadores que se despedem. A quem se está, se fica a dever. Pois, os patrões agora não podem despedir (não podem, dizem eles)? Então não pagam, não podem. Quem deve não teme. O dever em primeiro lugar. No poder. E agora não digam que isto não é uma verdadeira mudança de estrutura.

O que nos traz a Agência Internacional da Energia Atómica

J. Gaspar Teixeira

A piscina de refrigeração da central, vendo-se ao fundo os banhistas que fazem parte do pessoal da central. Nem os habitantes de Ignalinsk nem o pessoal da central receiam a «contaminação» de uma central nuclear, honestamente concebida, construída e conduzida...

Terminou há pouco em Lisboa uma reunião pública, realizada no LNEC, onde uma delegação da Agência Internacional da Energia Atómica, de Viena, a AIEA, veio falar aos portugueses interessados da problemática nuclear dos nossos dias. A visita tinha sido sugerida à AIEA **há cerca de quatro anos,** pela Subdirecção-Geral da Energia Nuclear da Direcção-Geral da Energia. **Esquecida na prateleira**, só recentemente, por conveniência de certos dirigentes e governantes, foi formalizado o convite pelo Ministério da Energia vigente. É possível ter havido certa precipitação na vinda dos conferencistas, pois parece que não se encontravam devidamente informados sobre as condições do país que pisavam, situação que, a confirmar-se, constitui uma «pequenina traição» de anfitrião para convidado. Não lhes teria sido dado conhecimento, por exemplo, de que apenas 50% dos recursos hídricos energéticos portugueses estavam a ser aproveitados; que projectos como o Alqueva estavam cancelados; que outros planos nacionais, vitais para a nossa economia – siderurgia, construção naval, frota nacional mercante, pescarias, exploração mineira, etc. – tudo estava a sofrer de uma política económica de retracção, melhor **desmantelamento total,** por política serventuária das transnacionais à custa dos interesses do Povo português – factos que caracterizam, particularmente, a conjuntura energética nacional, no âmbito geral das nossas exigências económicas. Esta a razão provável de alguns retraimentos momentâneos, de resto prontamente ultrapassados por pessoas experimentadas nestas andanças, como pareciam ser.

Registemos que os quadros de valores de parâmetros em regra apresentados pelos conferencitas da Agência referiam-se a países como França, Japão, Suíça, RFA e Estados Unidos, os da Europa connosco, obviamente... Neste ponto, a pré-informação, de convidante para convidado, fez efeito, o que caiu muito bem.

Breve referência passageira à utilização das águas de refrigeração das centrais nucleares soviéticas para piscinas públicas e para o pessoal das mesmas suscitou espantação na assistência... Baãanho! Sussuram a nossa beira... Banho de incomodidade para muitos presentes que, embora informados silenciam em conivência... Banho de espanto para outros maltratados pela informação... Uns e outros **sob o controlo e a manipulação científicas de centrais** que omitem a divulgação ou deturpam os progressos e objectivos da Ciência no campo socialista.

Compreende-se que seria difícil e delicado aos nossos visitantes referirem-se aos «desastres e deslizes« ocorridos no parque nuclear dos Estados Unidos, onde, de 245 centrais, 17 (7%) se encontram fora de todo o serviço muito tempo antes de terem completado as respectivas **vidas técnicas** (não funcionaram mais de 20 anos) 88, (36%), estão canceladas antes mesmo da entrada ao serviço ou durante a fase de construção, funcionando as restantes 138 com muito baixo factor de utilização, o que é uma vergonha para a energética nuclear (1). Seria mais perturbante ainda comparar estes exemplos com o de um pequeno país, à escala do nosso, a Bulgária, onde em 1983 a energia eléctrica de origem nuclear foi 26,6% de toda a electricidade produzida (situando-se, por este facto, a Bulgária em quarto lugar mundial, depois da Suécia, Suíça e Finlândia), devendo aquela percentagem atingir, no fim da década actual, o valor de 40%. Mas a AIEA possui elementos para poder garantir que a central de Kozloduy, em funcionamento há 11 anos nas margens do Danúbio, **nunca contribuiu para a subida dos níveis de radiactividade natural do ambiente** – atmosfera ou águas – segundo as observações de controlo realizadas desde 1970, e que a «alta qualificação e a rigorosa disciplina profissionais e cívicas do pessoal permite afirmar que a sua exploração decorre em termos de absoluta segurança». Em abono da verdade e, para desprazer dos lusos (ou lu$os?) dsefensores da aquisição de uma central nuclear de **chave na mão**, os convidados do ME insistiram particularmente na necessidade de uma alta qualificação profissional: «Education, Trainning and Experience». Foram claros em manifestar o seu desacordo em não se promover previamente, num país que pretende ser nuclearista, a **formação nos nacionais** de predicados que só se adquirem através de uma complexa actividade de alto valor social e profissional, longa, persistente e cuidadosa preparação não só dos futuros quadros técnicos que a construirão e lhe assegurarão a operacionalidade, como das populações que beneficiarão da sua correcta integração na economia nacional. Mas em tudo isto há que ter em conta factores sociais, de economia, de independência, enfim da realidade do País e não decorrentes da «gula» de meia dúzia de personalidades governativas e seus apaniguados...

Em síntese, a reunião no LNEC foi útil e de interesse, se bem que nada de novo tenha trazido aos que, por dever de ofício, dos elementos expostos devem estar informados. Por isso se diz que é de repetir com pré-programação e informações mais isentas, em primeira mão e mais abertas a quem, não andando por dentro destes problemas, sente-os, PAGA-os, vivendo-os com um realismo que escapa à maioria dos especialistas!

A DIAPAUSA NUCLEAR

À margem dos aspectos positivos que envolveram a reunião com a AIEA, subsiste-nos uma dúvida intrigante!

O semanário «Expresso», órgão de informação social geralmente bem relacionados com as fontes governamentais, no seu número de 31 de Março último anunciava: A «decisão definitiva sobre a instalação em Portugal de uma central nuclear não deverá ser tomada antes de 1990». E, depois de esforçadas explicações concluia: **passam a carecer de suporte técnico** os documentos apresentados por Veiga Simão e de ser urgente a opção nuclear».

Em síntese, parecia que tudo se passava como se o Governo tivesse decretado: – **Que entre a energética nuclear portuguesa em novo estado de diapausa, e que continue a EDP, por mais um período de vinte anos os seus estudos nucleares** – actividade que triste e solipsisticamente se tem limitado, desde 1964 e por «decisão superior» a... prospectar sítios!

A energética nuclear tem sido uma das vias de maior rendimento da penetração imperialista da General Electric, de Westinghouse e de suas bastardas europeias nos países do Terceiro Mundo e de economia dominada pelo Banco Mundial e FMI: Argentina, Brasil, Coreia do Sul, Egipto, Espanha, Filipinas, Irão, México, Paquistão, Taiwan, conjunto de países que possuem centrais nucleares e os nossos governantes pretendem estender a Portugal, onde tais instituições já põem e dispõem com a máxima liberdade.

A energética nuclear, qual **batráquio hibernante**, periodicamente se deixa observar nos palcos lusitanos, fazendo então correr rios de tinta, mas sempre como «alimento» para uns tantos...!

De seguida desaparece e entra em estado de torpor letárgico, **diapausa**, por algum tempo. O «SAPO» (espécie Rana Bufo), suspeito de bruxedo pelos que o rejeitam com o sinal da cruz, ignorado dos que lhe desconhecem os méritos, vive sob os olhares gulosos de quem nele alveja frutuosos proventos!

O penúltimo despertar ocorreu em Maio de 1974: o actual secretário de Estado da Energia, por decisão de seus superiores (da então CPE) apressava-se a partir para os Estados Unidos para sinalizar com 50 000 contos a garantia de fornecimento, por parte dos americanos, dos elementos de combustível de **urânio enriquecido** que iriam alimentar uma central nuclear (tipo americano) que forneceria electricidade para a rede portuguesa a partir de 1981. Um protesto oportuno suspendeu a partida, e aquela sinalização viria a efectuar-se **mais discretamente,** meses depois. Até hoje não nos foi possível saber se **a devolução à procedência da referida verba** foi ou não baseada na **não existência em Portugal de quaisquer estudos** que assegurassem a possibilidade de instalação de uma central nuclear (2).

Oito anos foram passados... O batráquio saiu do torpor letárgico sob protecção do PEN-82. A central é a mesma, LWR, mas o seu custo passou de 7 milhões para 350 milhões (3. **A não existência em Portugal de quaisquer estudos válidos** é uma constante no tempo. Outra constante no tempo é o conjunto de causas que originam os surtos nucleares... **interesses, uns confessados outros inconfessáveis!** São as mesmas, as pessoas, as transnacionais e suas bastardas. O projecto de 74 – para Salazar aprovar – é praticamente o mesmo, apenas sofreu uma leve actualização de datas! O actual ministro socialista é o antigo ministro marcelista... O secretário de Estado socialista é o viajante de 1974!

Os actuais dirigentes socialistas nem podem disfarçar o plágio!

Nas sucessivas insistências sucessivamente falhadas, os seus promotores apenas se apresentam cada vez mais velhos e mais comprometidos no descalabro da conjuntura nacional/internacional que alimentam e se envolvem sob a regência de um primeiro-ministro cuja vestutez lhe dá para se anunciar à Posteridade - SOCIALISTA DO SÉC. XXI!

Entretanto, são passados cerca de dois meses sobre o referido artigo do «Expresso» e eis que o Ministério da Energia promove a vinda ao nosso país da delegação da AIEA: – «olhos gulosos» faíscam e não respeitam o repou-

Continua na pág. 13

VISITE A U.R.S.S. EM 1984

e veja você mesmo.

4 a 17 Julho
A ÁSIA CENTRAL E O CÁUCASO
Moscovo/Alma-Ata/Tachkent/Duchambé/Achkabad/Baku
Preço com tudo incluído ..... 108 500$00
11 a 24 de Julho
CIRCUITO DE CIDADES HERÓICAS
Moscovo/Leninegrado/Kiev/Minsk
Preço com tudo incluído ..... 98 500$00
11 a 24 de Julho
CIDADES MUSEU DA ÁSIA CENTRAL
Moscovo/Alma-Ata/Tachkent/Bukhara/Samarkanda
Preço com tudo incluído ..... 108 500$00
1 a 14 de Agosto
A TRANSCAUCÁSIA E O MAR NEGRO
Moscovo/Baku/Erevan-Tbilissi/Sotchi
Preço com tudo incluído ..... 101 500$00
8 a 21 Agosto
A CRIMEIA E OS PORTOS DO MAR NEGRO
Moscovo/Kiev/Kichinev-Odessa/Rostov/Simferopol/
/Yalta-Simferopol
Preço com tudo incluído ..... 105 000$00

Informações e inscrições no Departamento de Turismo da
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano, N.º 30/1200 Lisboa
Tels. 60 11 99 – 60 10 99

Com o Apoio Técnico da
MUNDIRAMA
AGENSE TURISMO LDA
Operador Turístico nº 12
R. Cruz [illegible] 33 1100 Lisboa
Telefs. (0) 02 32885[illegible]

Synres Portuguesa

Indústrias Químicas Synres Portuguesa, Lda.
Rua de Marvila, 151 — 1900 LISBOA

Concurso para fornecimento e montagem de:

— GERADOR DE VAPOR, PRODUZINDO CERCA DE 3.000 Kgv-/HORA, UTILIZANDO THICK-FUEL-OIL, E RESPECTIVAS INSTALAÇÕES ACESSÓRIAS/COMPLEMENTARES E EQUIPAMENTO P/UM FUNCIONAMENTO OPTIMIZADO.
— CONSTRUÇÃO CIVIL INERENTE À IMPLANTAÇÃO DO GERADOR E À CASA DA CALDEIRA.
— ECONOMIZADORES DE ENERGIA ELÉCTRICA EM MOTORES ASSÍNCRONOS SUJEITOS A CARGA DE VALOR NOMINAL E (OU) VARIÁVEIS.

A SER REALIZADO NOS TERMOS DO ESTABELECIDO NO 5.º ESQUEMA DE APOIO TÉCNICO E FINANCEIRO AOS CONSUMIDORES DE COMBUSTÍVEIS, CONFORME DESPACHO NORMATIVO N.º 13/84, PUBLICADO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA N.º 19, I SÉRIE, DE 23 DE JANEIRO DE 1984.

ACEITAM-SE PROPOSTAS DURANTE OS PRÓXIMOS 20 DIAS, A CONTAR DE HOJE, NA SEDE DESTA EMPRESA, ONDE O CADERNO DE ENCARGOS ESTÁ PRESENTE E (OU) PODERÁ SER ADQUIRIDO EM: «**GEPOLYNERGY**» — GABINETE DE ESTUDOS/PROJECTOS DE ENERGIA
RUA CAVALEIRO DE OLIVEIRA N.º 34-1.º D.º 1100 LISBOA
TELEFONE: 827817 TLX: 13866 — ENERGY P

JOAQUIM PIRES JORGE

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português comunica o falecimento de Joaquim Pires Jorge, destacado patriota e antifascista, dirigente do Partido, membro do Comité Central.

O Secretariado do CC do PCP convida os militantes do Partido, os trabalhadores, os democratas e antifascistas a integrarem-se no funeral que se realiza hoje, 5.ª-feira, às 17 horas, do Centro de Trabalho do PCP em Alcântara para o cemitério da Ajuda, em Lisboa.

O Secretariado do CC do PCP

Maria Helena Mira Mateus

Uma obra dos professores Lindley Cintra e Celso Cunha

Nova Gramática do Português Contemporâneo

No Centro Nacional de Cultura, com a presença de numerosos professores universitários, escritores e admiradores dos autores, foi apresentada a NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO de que são autores os professores Luís F. Lindley Cintra e Celso Cunha. A obra é uma edição de João Sá da Costa, com capa e arranjo gráfico de Sebastião Rodrigues. No acto de apresentação a professora Maria Helena Mira Mateus, presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, pronunciou as seguintes palavras:

FOI um privilégio que aceitei com imensa alegria o de ter sido convidada a fazer a apresentação da **Nova Gramática do Português Contemporâneo** dos meus queridos amigos Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra, com quem, desde há muito, venho aprendendo duas coisas notavelmente importantes: investigar em Linguística e amar a vida. E porque me cabe, felizmente, falar de uma gramática, direi algumas palavras sobre a Linguística, que sobre a vida me não atreveria.

Para quem anda afastado dos estudos da Língua Portuguesa, o aparecimento, com poucos anos de intervalo, de várias e extensas gramáticas do português – nas quais incluo a de Óscar Lopes, de 71, a tradução da de Pilar Cuesta e Maria Albertina da Luz, feita em 80 sobre a edição de 71, as sucessivas edições da gramática de Celso Cunha, a gramática realizada por Ana Brito, Inês Duarte, Isabel Faria e eu própria, em 83, e a **Nova Gramática do Português Contemporâneo,** que hoje nos traz aqui –, o aparecimento de todas estas obras, dizia eu, poderá apresentar-se como injustificado por excessivo, supletivo, mal planificado ou, quem sabe, como questão de moda.

E no entanto, por estranho que pareça, não há qualquer sobreposição, as gramáticas são bem distintas desde a primeira abordagem – diferentes teorias, diferentes perspectivas, diferente material analisado (ainda que sempre, a língua portuguesa), diferentes formações dos autores e, por consequência, diferentes interesses, diferentes destinatários. O que prova sem dúvida a rica imaginação dos linguistas, qualidade bem rara nos tempos que correm.

Mas de todas as obras aqui citadas, eu diria que a que mais cabalmente corresponde às expectativas da maioria silenciosa do público leitor é a **Nova Gramática do Português Contemporâneo** de Celso Cunha e Luís Filipe Cintra.

E isto por três razões fundamentais:

Primeiro, porque todos temos consciência que pertencemos a uma comunidade linguística espalhada pelo mundo, simultaneamente variada e una, e a nossa curiosidade é grande quanto à diversidade e unidade do português. E nesta obra, muitas páginas são dedicadas às diferenças dialectais (com inserção, inclusive, de mapas dialectológicos de Portugal e do Brasil), às normas dos países de expressão oficial portuguesa, aos crioulos de base portuguesa, a variantes sensíveis nas normas de Portugal e do Brasil, enfim, àquilo que distingue, sem separar, mais de 150 000 000 de falantes.

Segundo, porque as nossas saudosas reminiscências escolares nos convidam a rever e aprofundar o que aprendemos, a duras penas, nas aulas de português; porque queremos saber o que são esses novos termos que «eles» hoje ensinam na escola; porque sentimos, explícita ou implicitamente, que com mergulhar de novo alguma coisa se consolida e adquire segurança na nossa forma de estar no mundo – já que a linguagem, concretizada da língua que falamos, é factor predominante na construção da nossa individual personalidade.

A esse conjunto de perguntas que nos pomos respondem, nesta **Nova Gramática** definições de conceitos gerais, actualizados, que sustentam o estudo da linguagem e das línguas, contrastes entre terminologias tradicionais e terminologias recentes, análises desenvolvidas sobre o léxico e a formação de palavras e, numa arrumação que vem ao encontro da expectativa do leitor, estudos largamente documentados de «quem é quem» numa gramática que se preza, aqui chamados a depor quanto ao seu funcionamento na língua portuguesa. A frase, a oração e o período, as categorias gramaticais (os nossos velhos conhecidos substantivos, adjectivos, verbos e todos os seus parentes), os empregos normais das palavras e construções, suas funções e valores afectivos, as interligações e as concordâncias, figuras de sintaxe e elementos de versificação. E tudo isto apoiado em exemplificação abundante que, embora colhida em grande parte na língua literária, não descura a modéstia do nosso falar quotidiano e até, aqui e ali, propõe novas formas que subtilmente nele se vão insinuando.

A terceira razão pela qual eu considero que a **Nova Gramática** corresponde ao que o leitor dela espera está ligada à importância que a língua que falamos tem na nossa afirmação social, na construção da nossa personalidade de «status». Qualquer linguista tem na sua história experiência larga de ter sido abordado por amigos e conhecidos da seguinte forma: «Ah! Você é linguista? Então diga-me lá como se diz isto. Como se escreve esta palavra? É correcta esta expressão? Como se deve empregar?»

Celso Cunha e Luís Lindley Cintra têm da norma e da correcção idiomática o largo conceito da aceitabilidade social, da **consuetudo** de Varrão. Nesse cenário se move a gramática que realizaram. Mas o jogo de palco tem regras, posições e deixas; e eles não esquecem que os actores precisam de ser dirigidos na representação dos seus papéis. Não posso deixar de referir aqui um pequeno episódio que me ocorreu ao preparar estas palavras. Há pouco tempo encontrei uma amiga economista que me disse: «Vi no jornal que fizeste uma gramática de português e fiquei entusiasmada porque há muito que desejo comprar uma. Onde é que a posso encontrar?» Eu dei-lhe a indicação, mas preveni-a: «Talvez não seja exactamente aquilo de que estás à espera». Na verdade, o que ela pretendia era sem dúvida a gramática que hoje nasceu.

Não poderia confinar-me, evidentemente, a estas observações que têm como motivo o leitor não especializado. A **Nova Gramática do Português Contemporâneo,** pelo seu rigor científico, que nem por um momento è descurado e pela sólida e larguíssima experiência dos seus autores como linguistas, historiadores da língua e professores bem depressa se tornará um instrumento indispensável para o estudo universitário e para a investigação sobre a língua portuguesa, nos cinco continentes do mundo. E para isso contribuirá, indubitavelmente, a linguagem fluente, agradável e acessível em que estão apresentados os assuntos, que se tornariam pesados e desencorajantes nas mãos de quaisquer outros autores menos sensíveis e inteligentes.

Uma palavra finalmente dirigida ao João Sá da Costa, o entusiasta editor da **Nova Gramática;** a quem desejo, com amizade, que o êxito editorial do livro seja correspondente ao seu valor intrínseco.

A minha apresentação não foi académica, e de certeza que foi omissa. Quantos aspectos que não abordei, quantas análises que não foram devidamente realçadas, quantos conhecimentos de que não dei informação!

Mas na verdade, isso não me preocupa. Porque é para mim bem claro, meus queridos amigos, que qualquer obra que realizem, em Portugal ou no Brasil, não precisa de apresentação.

ponto a ponto

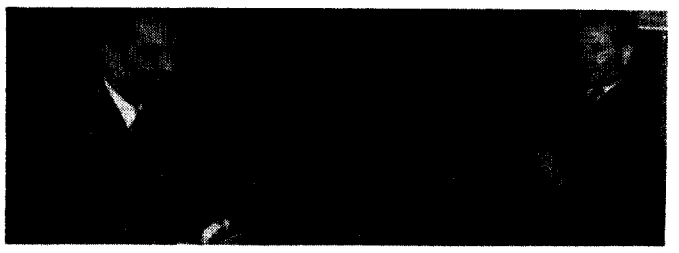
CERCA de 600 crianças jantam hoje com o Presidente Ramalho Eanes, no Forte de S. Julião da Barra, à semelhança do que tem acontecido anteriormente, comemorando o Dia de Portugal.

O Primeiro-Ministro, **Mário Soares,** é hoje condecorado com a Grande Medalha de Ouro de «La Societé D'Entouragement Au Progres», sociedade francesa de utilidade pública.

A cerimónia decorre na Embaixada de França em Lisboa e para o efeito desloca-se a Portugal o secretário-geral da organização, Jacques Soular.

O Secretariado Nacional do Conselho Português para a Paz e Cooperação CPPC), nos termos do art.º 19.º dos seus estatutos, convocou a VII Assembleia da Paz, a realizar nos dias 9 e 10 de Junho, no auditório I da Faculdade de Direito, na Cidade Universitária de Lisboa.

Como é norma nas Assembleias da Paz, bem assim noutras iniciativas do CPPC, a participação nos trabalhos desta VII Assembleia está aberta a todos quanto lutam pela Paz em Portugal.



O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, recebeu em visita de cortesia, o embaixador de França Jacques Chazelle.

O funeral de **Joaquim Pires Jorge,** membro do comité central do Partido Comunista Português, realiza-se esta tarde (17 horas), do Centro de Trabalho do PCP em Alcântara (onde o corpo se encontra em câmara ardente) para o cemitério da Ajuda.

PARA **Alberto João Jardim,** «um dos actos políticos mais importantes da história da autonomia» foi a assinatura, em Conselho de Ministros, do protocolo de amortização da dívida da Região. O presidente do Executivo madeirense falava no regresso dos Estados Unidos onde participou numa conferência sobre Portugal, com passagem por Lisboa onde assinou o referido protocolo.

O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, procedeu ontem de manhã, perante uma força de Fuzileiros Navais, à imposição da Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis ao chefe do Estado-Maior da Marinha Francesa, almirante Yves Leenhardt, com que esta entidade havia sido agraciada pelo Presidente da República.

Agostinho, Algarve, etc.

Luís de Miranda Rocha

SOBRE o acidente que vitimou Agostinho, parecerá que já tudo foi dito. Nos jornais, na rádio, na televisão, já se falou muito das causas e das consequências do acidente, das chamadas lições a tirar do que se passou, em conta do seu significado, das suas implicações, do significado das suas implicações. Já tudo foi dito, e talvez não. Falta pelo menos reflectir alguma coisa sobre o facto de o acidente ter ocorrido no Algarve. Ainda que o que passou pudesse ter ocorrido noutra região do País, a ocasionalidade de ter-se passado no Algarve merece duas ou três palavras de reflexão, alguma coisa à margem do acidente.

Desviamo-nos da referência Agostinho para lembrar uma ocorrência no Algarve aqui há dois anos e uma notícia recentemente lida nos jornais. A ocorrência estará ainda na memória de todos: trata-se da morte, no Algarve, de cidadãos britânicos por intoxicação com gás butano, dentro de residências alugadas. A notícia diz que a RTP se prepara para instalar e fazer entrar em funcionamento, talvez ainda este ano, um novo centro de produção.

No primeiro caso — estará na memória de todos — houve que mobilizar inúmeras energias para desfazer ou prevenir os efeitos duma campanha de desensibilização internacional (na Inglaterra, pelo menos) contra o turismo no Algarve, — em xeque, este, e os responsáveis por ele, alguns dos quais — quem o esqueceu também? — não se coibiram de acusar a Imprensa (britânica e portuguesa) de qualquer coisa como **desestabilização.** Pretendeu-se desde a primeira hora que as mortes foram ocasionais. Certamente que o foram. Mas, quando a Imprensa britânica empolou os acontecimentos, visava certamente, para além de vender mais jornais, chamar a atenção dos seus leitores para uma realidade mais vasta do que as mortes: o precário geral das condições de acolhimento turístico existente nem tanto, é óbvio, no Algarve (com a sua boa hotelaria), como, na generalidade, um pouco por toda a parte, em Portugal.

Não são só os portugueses que têm muito má impressão das estradas portuguesas, e das excepcionais condições que elas oferecem para acidentes de viação. Não são só os portugueses que conhecem a realidade da assistência médico-hospitalar portuguesa. Qualquer estrangeiro, dum país mais evoluído (digamos assim) do que Portugal, é sensível a isso, e não pouco. Os próprios emigrantes com algum traquejo no estrangeiro têm idêntica impressão. Era um pouco isso também o que Agostinho, dois dias antes do seu acidente, queria dizer, na televisão, afirmando que correr em Portugal é mais difícil e arriscado. Doze anos de experiência no estrangeiro avalizavam-lhe as apreensões. O que lhe aconteceu depois confirmou-as tragicamente.

Em rede viária, e em estruturas médico-hospitalares, o Algarve não será nem muito melhor nem muito pior do que o resto do País. O que distingue o Algarve é um investimento emocional da generalidade dos portugueses, e tudo quanto desse investimento decorre, e que não vem senão reforçar o aspecto de global contrafacção por que a nacional realidade do Algarve se caracteriza.

A psicose do Algarve apoderou-se irremediavelmente do imaginário do português médio. A própria classe política cultiva o Algarve com um estranho desvelo.

Não é surpreendente, pois, que a RTP vá (ou tencione) instalar e pôr em funcionamento um centro de produção no Algarve. Está na lógica da televisão e dos responsáveis (muitos, inomináveis, inumeráveis) por ela. Surpreendente é, porém, que ninguém, noutros quadrantes geográficos, proteste. No centro do País, em Coimbra, por exemplo. Porque, parece óbvio, era aqui que a RTP deveria instalar o seu terceiro centro de produção permanente, depois dos de Lisboa e Porto. Se o objectivo é cobrir informativamente o País, haveria muito mais País a cobrir na Região Centro do que no Algarve. Mas os objectivos da RTP não são bem esses. É mesmo provável que a RTP não tenha qualquer objectivo para além da curteza de vistas daqueles que lhe administram os projectos de expansão. Bem no fundo, talvez pretendam apenas que a televisão os acompanhe aonde eles vão, no caso, aliás, que a televisão esteja onde eles se encontram. E se a televisão nos perde de vista durante os onze meses de ministério activo, digamos assim, porque haveria de esquecê-los durante as férias de Verão? Quando o Algarve tiver o terceiro centro de produção a funcionar em pleno, ao lado dos de Lisboa e Porto, — é fácil prever a cobertura do veraneio algarvio que a televisão portuguesa vai fazer a ministros, secretários de Estado, dirigentes partidários. As secções mundanas do principais semanários perderão os exclusivos com que é costume brindarem os seus leitores mais curiosos de mundanices no período estival.

Que tem isto a ver com Agostinho? Perdeu-se um pouco o fio do discurso, mas prevalece a noção de que isto anda tudo ligado. Por pior que seja o estado em que se encontram as vias de ligação; por mais difícil que seja salvar a vida a um ciclista a quem um rafeiro se atravessou à frente, com a meta à vista, — porque entre uma lesão craniana e a urgente operação cirúrgica medeiam mais do que os 300 quilómetros e as nove ou dez horas de dúvidas e hesitações: a muito maior distância que vai do que é um país ainda subdesenvolvido ou em vias de desenvolvimento e um país desenvolvido.

Um semanário, «O Jornal», definiu bem o que se passou com um título em manchete: «Agostinho morreu do **mal** português». E um jornalista, Silva Pinto, já disse outras coisas que já não diremos aqui senão em segunda mão. É ainda a propósito da morte de Agostinho e tem a ver com um dos maiores problemas portugueses, hoje: a assistência médico-hospitalar.

Há, como se sabe, duas concepções do que deve ser um serviço nacional de saúde. Uma privilegia o papel do médico, outra as dotações infra-estruturais no campo da assistência. A primeira tem prevalecido, à custa, também ou principalmente, das dificuldades financeiras do País. É óbvio que a morte de Agostinho não aconteceria se a realidade fosse outra. Entretanto, por mais médicos que houvesse, era necessário haver aparelhagens e não havia. Agostinho morreria, mesmo com cem médicos de família a darem-lhe consolação espiritual.

PCP: trabalho autárquico será tema prioritário da 1.ª Assembleia Regional

O trabalho autárquico é uma das seis linhas prioritárias de acção a serem discutidas pela primeira Assembleia Regional de Lisboa do PCP, a realizar nos dias 16 e 17, conforme foi ontem anunciado em conferência de Imprensa.

O trabalho nas células de empresa, em camadas sociais e sectores de actividade, entre as mulheres e a juventude e nas autarquias são os outros pontos que o Partido Comunista Português considera prioritários para a região de Lisboa.

Nesta primeira Assembleia Regional de Lisboa participarão mais de mil delegados eleitos nas organizações de base, em representação de, aproximadamente, 52 mil militantes.

Como convidados, foi afirmado, participarão «milhares de militantes do partido e outros democratas».

A Assembleia Regional, que começará às 10 horas do dia 16, terá algumas actividades paralelas, entre as quais uma exposição fotográfica «ilustrativa da implantação do partido, das acções de massas e das linhas prioritárias da Organização Regional de Lisboa» do PCP e uma banca de artesanato e doces regionais.

Foi também anunciado, no decorrer da conferência de Imprensa, que serão postas à venda, dentro de dias, duas edições numeradas de medalhas evocativas da primeira Assembleia Regional de Lisboa.

Uma semana depois da realização da Assembleia, mas integrada no programa da mesma, haverá no Coliseu um espectáculo intitulado «Para Continuar»...

Há tendência para esquecer os que mais precisam

— *denuncia Eanes*

«A democracia não admite senão um tipo de cidadãos e impõe, por conseguinte, que todo o homem, independentemente da sua situação, seja reconhecido na inteireza da sua dignidade», sublinhou, ontem, Ramalho Eanes na cerimónia de condecoração do presidente do 15.º Congresso Mundial de Reabilitação, coronel Joao Villalobos e do secretário-geral da Reabilitation International, Norman Acton, com o Grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

O Presidente da República acrescentou que para tal reconhecimento «não ser meramente teórico», impõe-se que cada cidadão «seja permanentemente respeitado nos seus direitos fundamentais».

«Sabemos que, em tempo de problemas e de crise, aqui como em todo o mundo, os poderes e os grupos sociais têm tendência para esquecer aqueles que mais precisam, por se tratar, em geral, dos que dispõem de menos capacidade de fazer ouvir a sua voz» – disse, ainda, Ramalho Eanes.

O Presidente da República fez notar que «Portugal não é, nesta matéria, excepção», pois «também entre nós terá havido tendência para esquecer os deficientes que temos, e em número significativo».

Bernardo Vieira com o Corpo Diplomático acreditado em Lisboa

Soc. Dist. de Jornais e Revistas, L^da

Responda já ganhe dinheiro

JOVENS

EM ÉPOCA DE FÉRIAS

de NORTE a SUL

Precisam-se para todas as praias do PAÍS jovens que queiram vender jornais.

Gostaríamos de receber cartas de grupos de 2 a 3 jovens, por praia, indicando o período em que gostariam de desempenhar esta tarefa em perfeita compatibilidade com as vossas férias.

Escrevam-nos, se possível já com ideias, a propósito desta proposta que vos é feita e que vos poderá ajudar a viver melhor as férias!

Esta grande INICIATIVA começará em 1 deJulho e abrangerá as seguintes publicações:

DIÁRIO POPULAR · CAPITAL · a tarde · Diário de Lisboa · Diário de Notícias · Mais · Gazeta dos desportos · Semanário

Enviem as vossas respostas para Rua do Norte, 115-1.º 1200 LISBOA

Prossegue a visita de "Nino" Vieira a Portugal

Criação de uma zona do escudo: uma proposta e um projecto

O ministro dos Negócios Estrangeiros revelou ontem em Lisboa que vai ser estudada, por um grupo de peritos, a criação de uma zona do escudo.

Jaime Gama falava na cerimónia da assinatura de dois protocolos sobre desporto e administração pública e de um convénio tripartido sobre saúde (que envolve o PNUD — Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento), entre Portugal e a Guiné-Bissau.

O Governo português respondia assim a uma proposta apresentada na terça-feira passada a Mário Soares por João Bernardo Vieira, através da qual o presidente do Conselho do Estado da Guiné-Bissau defende a criação de uma zona do escudo. As autoridades guineenses, que até agora têm rejeitado a ideia da integração do país na zona do franco, pretendem, deste modo, resolver alguns problemas das suas relações financeiras internacionais, causadas pela falta de cobertura da sua moeda (o peso).

Na cerimónia do Palácio das Necessidades, na qual participou também o chefe da diplomacia guineense, Fidelis de Almada, o ministro português dos Negócios Estrangeiros revelou ainda que o governo da República encomendou a um grupo de técnicos a elaboração de um estudo de viabilidade para o lançamento de uma instituição de crédito e para a criação de uma comunidade financeira lusófona. Na sua intervenção, Jaime Gama salientou «a alta importância da cooperação existente entre Portugal e a Guiné-Bissau» e «os resultados positivos e concretos alcançados pela visita do presidente João Bernardo Vieira.

Falou também sobre o «sólido acordo em matéria financeira» firmado entre os dois países, acordo esse que consolida a dívida de 17 milhões de dólares da Guiné-Bissau e regulariza a situação financeira e bancária da venda de sete milhões de dólares de têxteis e cria, ainda, uma linha de crédito de três milhões de dólares.

Ao contrário do que especulava hoje um matutino, a consolidação da dívida daquele país africano não significa que Portugal tenha «perdoado» (como se diz nesse jornal) a dívida de 17 milhões de dólares. «Consolidar» (expressão que caracteriza certo tipo de operações a que muitas empresas e países recorrem frequentemente) não significa, pois, «perdoar».

Após a assinatura dos protocolos e do convénio usou também da palavra o ministro guineense dos Negócios Estrangeiros, Fidelis Cabral de Almada, que sublinhou o «bom andamento das relações entre os dois países» e agradeceu o acolhimento, a compreensão e o clima de amizade fraterna que presidiu aos trabalhos das delegações».

«Nino» Vieira: prossegue visita

Ontem terceiro dia da visita oficial de «Nino» Veira a Portugal, o chefe do Conselho do Estado da Guiné-Bissau foi obsequiada, no Palácio de Sintra, com um almoço oferecido pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares.

Nesse almoço, João Bernardo Vieira afirmou que o seu país pretende que a cooperação com Portugal evolua, da esfera da assistência técnica, para as áreas capazes de proporcionar grande rendibilidade.

«Dispomos de recursos naturais cuja exploração carece de capitais. A nossa disponibilidade ao acolhimento de investimentos portugueses, ou por eles liderados, é total. E porque nos parece que tal situação poderá ir ao encontro dos objectivos do vosso governo, haveria, pois, que encontrar as formas que proporcionem o aproveitamento efectivo dessas ofertas. Pensamos que as nossas relações comerciais poderiam beneficiar imenso destas possibilidades contribuindo para a superação da crise de ambos os países, concluiu João Bernardo Vieira.

Mário Soares sublinhou, por seu turno, sentir-se muito «satisfeito» por receber em Portugal «um representante de um país que Portugal está ligado por laços tão antigos como a Guiné-Bissau. Falou também sobre os projectos bilaterais de cooperação e classificou «particularmente profundo» o relacionamento entre os dois países.

«Nino» Vieira, que se deslocou esta manhã ao Vale de Santarém para visitar um empreendimento agrícola, parte ao princípio da tarde para o Porto onde ficará até ao próximo sábado, dia em que regressa a Lisboa para deixar a capital portuguesa rumo à Guiné-Bissau.

Soares à maior maioria de sempre...

Beijem a mão à rainha morta!

Que razões levaram o Governo e o Primeiro-Ministro a pedirem aos deputados para votarem uma moção de confiança? Nas fileiras da oposição parlamentar, cada um tem a sua resposta. Eis que Helena Cidade Moura, da bancada do MDP/CDE, parece unir tudo e todos com esta frase lapidar: *«D. Pedro I (*Mário Soares*) tenta obrigar os seus súbditos* (deputados do PS e do PSD) *a beijar as mãos da rainha morta* (coligação governamental)».

Ao «porquê?...» da moção de confiança, já Mário Soares tinha dado respostas no início da maratona parlamentar. Talvez porque as respostas do Primeiro-Ministro não fossem convincentes, a oposição não se calou. Continuou a perguntar: *Porquê? Para quê?*

Finalmente, e ao que à primeira vista parece, a sua curiosidade ficou saciada com a intervenção do vice-primeiro-ministro, Mota Pinto. Quiçá mais sintético do que Mário Soares, o lente coimbrão diria: «... em primeiro lugar, para dar resposta, no local adequado, às forças da agitação e, em segundo lugar, porque só vale a pena prosseguir se houver sintonia entre o Governo e a Assembleia da República, no grande esforço de recuperação nacional que vimos fazendo».

A partir desse momento, a oposição, o País, gregos e troianos, compreenderam que, sem margem para mais equívocos, a moção de confiança ao Governo foi apresentada porque:

1.° «Forças da agitação», «acções de rua», «escalada gonçalvista», tudo o que para aí anda a «pescar nas águas turvas da agitação», visam «derrubar o Governo, à margem das regras democráticas».
2.° Porque assim é, o Governo volta-se para os deputados das várias bancadas e diz-lhes: vocês, eleitos do povo, ajudem-nos para não cairmos na sede que não é própria para quem foi democraticamente eleito – a Rua!

Com o talento que se lhe reconhece – os seus discursos têm sempre o selo de um grande estadista, em cada Conselho Nacional do seu partido colocam todo o mundo do mesmo lado da barreira... –, Mota Pinto definira em duas penadas o retrato da situação.

E o seu mérito não se ficou por ali. Zita Seabra, da bancada comunista, teve a boa-fé de o reconhecer ao elogiar o vice-primeiro-ministro nos seguintes termos: «Quando Mário Soares diz 'A', o senhor diz 'AA'; quando Soares diz *isto vai mal*, o senhor diz *isto vai muito mal*». Feito o elogio, Zita Seabra não abandonava a liça sem rematar: «Tem razão de se pôr nos bicos dos pés e dizer eu cá em casa também mando...»

O CDS preferia fazer incidir o debate sobre outras áreas. Sem a boa-fé demonstrada pela deputada Zita Seabra, o CDS através da voz de Lucas Pires acusava o Governo de ser «uma espécie de sociedade anónima, sem pés nem cabeça», uma «empresa em falência e ruptura que pede à Assembleia da República para assinar uma letra por dois meses...»

Continuando na senda da má-fé, Lucas Pires afirmava preto no branco que o Governo viera pedir à Assembleia uma confiança «de que os próprios partidos da coligação são os primeiros a desconfiar».

...ora ficou patente ontem no Parlamento que as bancadas dos partidos que integram a actual coligação estão unidas e bem unidas. Prova mais evidente é a presença do deputado social-democrata, José Vitorino, na primeira fila dos defensores do Governo e da coligação. Apoiante destacado de Mota Pinto, inimigo declarado dos opositores Mota Amaral, António Capucho, João Salgueiro e de Pinto Balsemão, o deputado algarvio não regateou forças para gritar aos colegas socialistas e aos membros do Governo: *tal como venho defendendo desde sempre, nada nos desune, tudo vai bem, viva a coligação.*

Por parte da bancada do PS, apenas uma excepção nessa saudável sintonia. Um deputado desconhecido, sem envergadura – um tal Sottomayor Cardia... –, borrava a pintura.

No uso da palavra, o homem começava por denunciar a «crescente distanciação entre o discurso político e a realidade do País», a «subvalorização dos interesses públicos», a «ausência de iniciativa política» e, finalmente, os «imponderados comportamentos de pessoas responsáveis».

Continuando a vislumbrar fantasmas onde não existem, Sottomayor Cardia teria a ousadia de lançar uma afirmação que, como é do conhecimento público, não tem qualquer fundo de verdade: «não há ou não há ainda, acordo entre os dois partidos maioritários sobre certas questões essenciais ou por alguns consideradas essenciais». Continuando a trilhar os mesmos caminhos, o deputado socialista afirmaria mais adiante: «Tem prevalecido nesta Assembleia a preocupação de procurar ostentar uma unanimidade de posições que não existe, não poderia e não deveria existir...»

Depois, e numa afirmação perigosa para a instituição parlamentar, porque nebulosa, abalava as colunas do Parlamento ao opinar: «somos homens políticos sujeitos à disciplina dos nossos partidos nos termos estatutários, mas se fôssemos equiparados a autómatos, não seríamos deputados nem esta casa seria o Parlamento».

A aleivosidade teria continuação com a seguinte frase: «com demasiada frequência se pede aos deputados que funcionem como executantes de decisões superiormente estabelecidas, e que se aceita que o Governo funcione como círculo de personalidades...»

Por último, e até porque um jornalista consciente não pode dar abrigo ao discurso de pessoas desta índole, Sottomayor Cardia dava o golpe mortal nesta coligação tão querida dos portugueses: «custa a dizer que, nos últimos tempos, a acção do Governo não tem sido globalmente positiva (...) neste momento inclino-me a pensar que, se dispuséssemos de alternativa imediata, talvez não fosse necessário votar favoravelmente a moção de confiança».

Acabado o seu discurso, Sottomayor Cardia recebia aquilo a que tinha direito: poucos aplausos da sua bancada e nenhum, que se saiba, da bancada social-democrata. Apenas uns deputados irresponsáveis o aplaudiram de pé. Par que conste: Manuel Alegre e José Leitão.

Num debate iniciado às 10.40 da manhã de ontem e interrompido às 3,30 da madrugada de hoje, muito haveria a contar sobre a agitação e a escalada gonçalvista registada no Parlamento e destinada a derrubar o Governo. Mas, como a falta de espaço torna o propósito irrealizável, opta-se pelo essencial.

Essencial terá sido a insistência das bancadas socialista e social-democrata em encurralar o deputado centrista Gomes de Pinho, depois deste ter afirmado alto e bom som a «existência de uma entidade secreta que domina o Governo».

«Diga qual é?...», foi o grito unânime lançado pelas duas bancadas, reforçadas neste caso pela indignação da bancada governamental.

Gomes de Pinho, bem usou de subterfúgios para descalçar a bota. «Não posso perder tempo, o tempo de que o meu partido ainda dispõe é limitado...», respondia. Debalde utilizou a desculpa. O presidente da Assembleia, Tito de Morais, oferecia-lhe de bandeja três minutos para falar sem prejuízo dos tempos que ainda restavam ao seu partido.

Encurralado, Gomes de Pinho terá dito para com os seus botões: *Que remédio...* Minutos depois, e quando já não lhe era possível adiar a resposta, declarava: «a entidade é o FMI!»

Na sala, um suspiro de alívio. Muitos pensavam que a sinistra entidade secreta era a D. Branca. Outros, a Opus Dei. Outros ainda a Maçonaria.

Sempre em cima do acontecimento, o jornalista ria-se. Ele, bem informado, sabia que a «entidade secreta que domina o Governo» não reside nem em Washington, nem na Rua do Grémic Lusitano, nem no 123 da Avenida Almirante Reis nem em círculos próximos de João Bosco Mota Amaral.

A «entidade secreta que domina o Governo» chama-se 1985 e reside em Belém!

Manuel Anta

Em documento oficial

Executivo faz o seu balanço de um ano de governação

As reduções do défice da balança de transacções correntes, do ritmo de crescimento da dívida externa e do défice do orçamento do Estado são alguns dos êxitos apontados pelo Governo ao cumprir um ano de mandato.

Num documento oficial de 156 páginas sobre o balanço das principais medidas tomadas, o Governo enumera pormenorizadamente, ministério a ministério, as acções já empreendidas ou em preparação, após 365 dias, que se cumprem no dia 9, de actividade.

No que respeita às Finanças, relembra-se a aplicação do programa de gestão conjuntural de emergência para 18 meses ao abrigo do qual foi assinado o acordo com o FMI e apresentados atempadamente, pela primeira vez, o orçamento do Estado e as grandes opções do Plano.

Destaca-se que os objectivos do programa foram cumpridos na sua quase totalidade e até mesmo ultrapassados, nomeadamente a redução de 3,2 mil milhões de dólares para 1,7 do défice da balança de transacções correntes, a queda de 24,5 por cento para 5,3 do ritmo de cresimento da dívida externa e a redução do défice do orçamento do Estado de 10 por cento do PIB para 9 por cento.

Em preparação está o programa de recuperação financeira e económica, envolvendo cinco grandes vectores (Empresas Públicas, Sistema Bancário, Saneamento Financeiro de Empresas Privadas, Política Regional e Reforma Fiscal).

Até ao fim do ano, será apresentado o programa de modernização da economia portuguesa, completando-se assim o conjunto de iniciativas de fundo, que dão corpo à política económica integrada proposta ao País através da Assembleia da República.

«Revisão de impostos e criação de outros

Em relação a medidas sectoriais no âmbito do Ministério das Finanças, o Governo destaca entre outras a lei orgânica do Tribunal de Contas, o regime de disciplina financeira dos fundos e Serviços Autónomos da Administração Central e dos organismos dotados de autonomia administrativa e o Código do Imposto sobre o Valor Acrescentado, este ainda em preparação.

Foi ainda instituída a Comissão de Reforma Fiscal que tem por objectivo realizar os estudos relativos à reestruturação do sistema tributário e propor as medidas adequadas a essa reestruturação e revistos, diversos impostos e criados outros, nomeadamente o extraordinário.

Regulamentou-se a abertura da Banca à iniciativa privada aguarda-se idêntica regulamentação para os Seguros. Regularizou-se o Crédito Agrícola de Emergência e fez-se o levantamento da situação geral da banca portuguesa no estrangeiro.

Na área das empresas privadas em dificuldade, a actuação, segundo o documento, pautou-se pela prioridade no restabelecimento do equilíbrio ao nível dos grandes agregados económicos, estudo e aprofundamento de vias alternativas de saneamento financeiro e lançamento, em fase posterior, de um processo de regeneração e recuperação económica do tecido empresarial português.

Quanto à integração europeia foram encerrados os capítulos «Ambiente e Protecção do Consumidor», «Direito de Estabelecimento e Livre Prestação de Serviços», «Aproximação de Legislações», e «Fiscalidade», subsistindo ainda em aberto os referentes à Agricultura, Pescas, e Assuntos Sociais.

Conceito de Defesa Nacional

No sector da Comunicação Social são apontadas como medidas positivas do actual governo a lei da Radiodifusão, os estatutos da RDP e da ANOP, o licenciamento da actividade de Radiodifusão, a ampliação dos montantes orçamentais atribuídos ao subsídio ao papel para a Imprensa de expansão nacional e da Imprensa regional.

Por outro lado, está já elaborado e apresentado para recolha de opinião o anteprojecto de proposta de lei de Imprensa, a qual já mereceu comentários negativos por parte de entidades ligadas ao sector.

Iniciaram-se também os estudos para a cisão da EPNC, a ANOP e o Diário Popular foram declarados em situação económica difícil e a análise do longo processo de inquérito aos lucros dos ex-accionistas da ex-RTP SARL, com vista ao pagamento de eventuais indemnizações por nacionalização.

No âmbito do Ministério da Defesa, refere-se uma listagem de legislação complementar da Lei de Defesa Nacional já aprovada ou em fase final de elaboração: Código de Justiça Militar, Lei do Serviço Militar, Estatuto do Objector de Consciência, Estatuto da Condição Militar, Regime das Leis de Programação Militar, Direcção Nacional de Armamento, Regime da Mobilização e da Requisição, competência e organização dos tribunais militares, Instituto de Defesa Nacional, Autoridade Nacional de Segurança, estabelecimentos fabris das Forças Armadas e respectivo estatuto do pessoal civil.

O Ministério da Defesa destaca ainda as grandes opções do conceito estratégico de Defesa Nacional, os acordos das Lajes e das Flores, a cooperação com os países africanos de expressão portuguesa e a preparação do Conselho Nacional de Planeamento Civil de Emergência.

Lei da Segurança Interna

O Ministério da Administração Interna inicia o seu relatório com a descrição das medidas tomadas ao longo deste ano no sector das autarquias locais.

À cabeça, destaca a revisão do regime das atribuições das autarquias locais e da competência dos respectivos órgãos, o estabelecimento de um novo regime das finanças locais e a criação do novo regime de delimitação das áreas de intervenção da Administração Central e Local em matéria de investimentos públicos.

Em jeito de balanço, o MAI considera que «se legislou em termos inovadores em áreas nas quais os órgãos autárquicos se achavam coarctados na sua capacidade de gestão ou autonomia de decisão, por manifesta desactualização de enquadramento legal».

No domínio da Segurança Interna, salientam-se, entre outros, a proposta de Lei de Segurança Interna e de Protecção Civil, a proposta de lei relativa ao Serviço de Informações e a elaboração do Estatuto do Militar, do Oficial, do Sargento e da Praça da GNR.

No sector da Protecção Civil destacam-se a atribuição de subsídios de emergência a municípios para combater os efeitos da seca de 1983 no valor de 300 mil contos e adopção de medidas excepcionais de apoio financeiro às autarquias e aos sinistrados das áreas mais duramente atingidas pelos temporais de Novembro do mesmo ano.

Mota Pinto no American Club

"Não estamos na Califórnia, estamos em Portugal"

O vice-primeiro-ministro Mota Pinto afirmou ontem no American Club que é objectivo do Governo tornar mais céleres os despedimentos quando exista justa causa de natureza disciplinar ou tecnológica.

No final de um almoço (ementa – sopa de feijão verde e rosbife) o líder do PSD fez um improviso dedicado sobretudo às questões económicas.

Foi aí que revelou, perante uma assistência que integrava o embaixador americano em Lisboa, Allen Holmes, os contornos das modificações da legislação laboral que defende como uma das «reformas estruturais» para os próximos dois meses.

Segundo Mota Pinto afirmou, «não será uma liberalização completa dos despedimentos», devendo aproximar-se do regime que vigora noutros países da Europa Ocidental, uma lei que «colide os interesses dos trabalhadores com os dos empresários».

Da reforma da legislação dos despedimentos que, recorde-se, é apenas reivindicada pelos empresários portugueses, passou Mota Pinto ao investimento estrangeiro. O Governo está receptivo, e por isso ele é «bem vindo a Portugal, não ao serviço de lucros ilimitados, mas com perspectivas de enraizamento na vida portuguesa».

«Não estamos na Califórnia, mas em Portugal», disse ainda o vice-primeiro-ministro, que depois elogiou a situação política e social, sublinhando que «existe uma base social suficiente para impedir qualquer movimento covulsivo que crie graves problemas».

«Não há nenhum país do mundo em que estivesse tão avançado o processo de instauração de uma chamada democracia popular e que tivesse recuado desta maneira», afirmou também.

Depois do seu improviso, Mota Pinto respondeu a perguntas dos comensais.

DEPOIS DE UM BOM JANTAR

O Grill

QUINZENA DE GASTRONOMIA ESCANDINAVA

4 a 16 JUNHO

Reserve uma noite e venha ao Grili saborear a delicadeza da cozinha escandinava, preparada por grandes mestres que para esse fim se deslocam ao Hotel Estoril-Sol.
Você vai deliciar-se com excelentes pratos e saborosas iguarias de raro e discreto aroma, a que a atmosfera do restaurante empresta todo o requinte.

Aberto somente para o jantar, das 20 as 24 horas
Encerra aos domingos.

Aconselhamos reserva de mesa

Colaboraçao da SAS

hotel estoril-sol
Telef.: 28 28 31 - CASCAIS

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

Aviso ao Público
CONCURSO

Até às 17 horas do dia 25 de Junho de 1984, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens-bares, na estação de Lagos.

A importância mínima a oferecer pela compra das duas carruagens é de 200 000$00 e a anuidade mínima a oferecer pela sua instalação é de 150 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 25 000$00.

As respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais

— **LAGOS**
— **Serviço Comercial da Região Sul**
BARREIRO
— **Serviço Comercial de Passageiros**
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada e lacrada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — EP, Apartado 2733, 1118 Lisboa Codex, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a compra, instalação e subsequente exploração de duas carruagens-bares na estação de Lagos.»

Portuários

Imposição de pacote legislativo poderá conduzir a greve nacional

A Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Portuários repudiou o pacote legislativo que o Conselho de Ministros aprovou na passada terça-feira para o sector e ameaçou reagir com uma greve a nível nacional.

A Federação afirma que as leis aprovadas pelo Executivo «são extremamente gravosas e não podem ser aceites» porque, entre outros pontos, «reduzem o salário mensal contratualmente negociado com o patronato para 75 por cento do seu valor».

Um comunicado da Federação refere que a legislação aprovada «elimina a garantia salarial nos portos de Vila Real de Santo António e de Sines e reduzem-na ao valor do salário mínimo nacional nos portos de Faro e Portimão».

Os sindicalistas afirmam que as leis aprovadas pelo Governo «retiram aos portuários o direito de poderem trabalhar em certos sectores onde, desde há muitos anos, ganham o seu pão (descargas de peixe, embarcações, cargas líquidas, entre outros) e isto numa altura em que há falta de empregos».

O documento crítica ainda que as leis em causa estabeleçam «penas perpétuas para o despedimento», «restrinjam a liberdade de contratação colectiva» e «imponham quadros fixos de pessoal às empresas, negando a liberdade de contratação entre os sindicatos e as empresas».

Atitude «inadmissível»

A Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Portuários afirma ainda que a legislação aprovada pelo Conselho de Ministros para o sector «elimina a participação sindical em instâncias organizatórias do trabalho portuário, inviabiliza as cooperativas de trabalhadores e atribui às autoridades portuárias todo o poder de controlo nos portos».

Os sindicalistas consideram ainda «inadmissível a atitude do ministro do Mar» que, em sua opinião, «traiu a palavra dada de compromisso de não aprovação das leis sem as discutir com os sindicatos».

«Como inadmissível é a atitude de «Pôncio Pilatos» de um ministro do Trabalho, que do trabalho não tem nada» — acrescenta a Federação.

Os sindicatos portuários advertem o Governo de que não aceitarão medidas de tal conteúdo e afirmam que «todos os portos do País serão paralisados e uma greve a nível nacional será decretada se o Governo persistir em levar avante a sua posição sem diálogo sério e bem intencionado com os sindicatos».

Com este Governo "é perigoso ser militante do PS"

— afirma a tendência socialista do Sindepescas

A tendência sindical socialista do chamado Sindicato Democrático das Pescas (Sindepescas) afirmou que com o actual Governo é perigoso «ser militante ou activista» do PS.

Em comunicado, a tendência socialista do Sindepescas diz que **«as perseguições, os saneamentos, os lugares na prateleira, especialmente para aqueles que mais lutam e que se têm oposto e denunciado a corrupção, o compadrio e as irregularidades, são uma constante».**

Os subscritores do documento referem, a título de exemplo do que afirmam, o «caso das lotas», onde, garantem, «**a pouca vergonha** da actual comissão de gestão chega ao cúmulo de enviar diversos trabalhadores par a Direcção-Geral das Pescas, sem lhes dar o direito de opção, só porque alguns deles são socialistas e outros denunciam irregularidades».

Acusam o PSD de desenvolver «uma acção eficaz de controlo sobre o sector das pescas por intermédio de algumas pessoas que rodeiam o secretário de Estado» e que, adiantam, «ocupam lugares-chave».

Depois de citarem o «clima que se vive no Algarve por parte dos pescadores que não vêem contemplada a resolução dos seus problemas», os socialistas do Sindepescas afirmam:

«Já batemos a todas as portas dos órgãos do partido, estamos cheios de promessas, só que a situaão se agrava de dia para dia no nosso sindicato.»

Acrescentam que o Sindepescas é «composto essencialmente por trabalhadores socialistas», alguns dos quais têm ido para sindicatos comunistas por a desmobilização ser «uma constante».

«Será que vale a pena ser socialista neste País, tendo como contrapartida o desemprego, o mal-estar, as perseguições?» — perguntam.

«Não admitimos que sejam afastados militantes nossos e bons profissionais para serem substituídos por incompetentes, que mais não são do que mercenários, a soldo do nosso parceiro de coligação» — afirmam os socialist as do Sindicato Democrático das Pescas.

Afirmam ainda que «este é o alerta» que deixam «antes que seja tarde de mais» e acusam os «que muito prometem quando necessitam deles» e se esquecem «facilmente quando atingem os seus objectivos».

Pela terceira vez este ano

Trabalhadores da Torralta não receberam os salários

A federação sindical da hotelaria revelou que os 2800 trabalhadores da Torralta não receberam ainda os seus salários, facto que sucede pela terceira vez este ano.

Em comunicado, a federação sublinha que não foram dados quaisquer esclarecimentos à estrutura sindical sobre o não pagamento dos ordenados de Maio, ao mesmo tempo que «na Imprensa são noticiados acordos firmados entre a empresa e o Governo sobre a alienação de parte do património para o pagamento das dívidas da empresa».

A estrutura sindical anuncia, por outro lado, que irá mobilizar os trabalhadores para «impor à empresa o respeito pela legalidade e que as tomadas de posição dos trabalhadores serão transmitidas à assembleia geral da Torralta marcada para o próximo dia 8.

Trabalhadores das Lajes

Duas estruturas sindicais da ilha Terceira propuseram aumentos salariais de 16 por cento para os trabalhadores portugueses ao serviço das Forças Armadas dos Estados Unidos na Base Aérea das Lajes.

Em comunicado emitido em Angra do Heroísmo, os sindicatos dos Transpostes e Turismo e Alimentação e Bebidas afirmam que «mesmo com este aumento os norte-americanos ainda ficam a pagar menos 5 por cento do que pagavam o ano passado, devido à desvalorização do escudo em relação ao dólar».

Os dois sindicatos contestam «os atropelos à soberania nacional e à Constituição praticados pelo nosso governo e pelo comando americano» na base, afirmando que, «apesar de todas as promessas, as negociações e os acordos luso-americanos sobre as Lajes têm-se sucedido sem que os direitos dos trabalhadores sejam tidos em conta».

Ba Base das Lajes trabalham cerca de 1500 civis portugueses cujo montante global de salários mensais atinge os 42 milhões de escudos.

As negociações das novas tabelas salariais têm sido vedadas à participação sindical.

Plenário na Petroquímica

Uma proposta salarial de 19,64 por cento foi rejeitada pelo plenário de trabalhadores da Petroquímica e Gás de Portugal que decidiram ainda recusar o que consideram «propostas elitistas do conselho de gerência».

Tais propostas, que têm a ver com a criação de subníveis salariais visam apenas, segundo a federação sindical da Química e Farmacêutica, os quadros da empresa sendo os critérios de acesso definidos em função da antiguidade e por mérito.

Na moção então aprovada, foi igualmente repudiada a instauração de um processo disciplinar com intenção de despedimento a um trabalhador «em nítida perseguição» e exigido o seu arquivo imediato.

Finalmente, o plenário mandatou a respectiva federação sindical «para decretar formas de luta, nunca inferiores a 5 dias de paralisação, caso não haja evolução do conselho de gerência para valores negociáveis e que reponham o poder de compra que tem sido roubado aos trabalhadores pelos sucessivos governos».

Famalicão

Têxteis paralisados por tempo indeterminado

Mais de 200 trabalhadores da fábrica de fiação e tecidos de Carreira, Famalicão, entraram hoje no seu quarto dia consecutivo de greve, pelo pagamento de salários em atraso.

O Sindicato dos Têxteis do distrito de Braga informou que a greve vai prolongar-se por tempo indeterminado.

Estão por pagar «remunerações de três meses do ano passado, bem como o subsídio de férias e décimo terceiro mês, além de diferenças salariais».

O sindicato afirma que os salários de Maio último também ainda não foram liquidados.

Greve dos enfermeiros suspensa

Os enfermeiros do Hospital Miguel Bombarda suspenderam a greve de zelo marcada para ontem para protestarem contra a degradação das condições de trabalho — revelou um dirigente sindical.

O porta-voz dos enfermeiros sublinhou que a decisão foi tomada em plenário, na sequência de uma entrevista com o director-geral dos Cuidados Primários de Saúde, que consideraram abrir uma «via de diálogo».

O plenário decidiu ainda que a suspensão da greve vigora até ao próximo dia 11, data para que ficou marcada nova reunião com aquele director-geral — acrescentou.

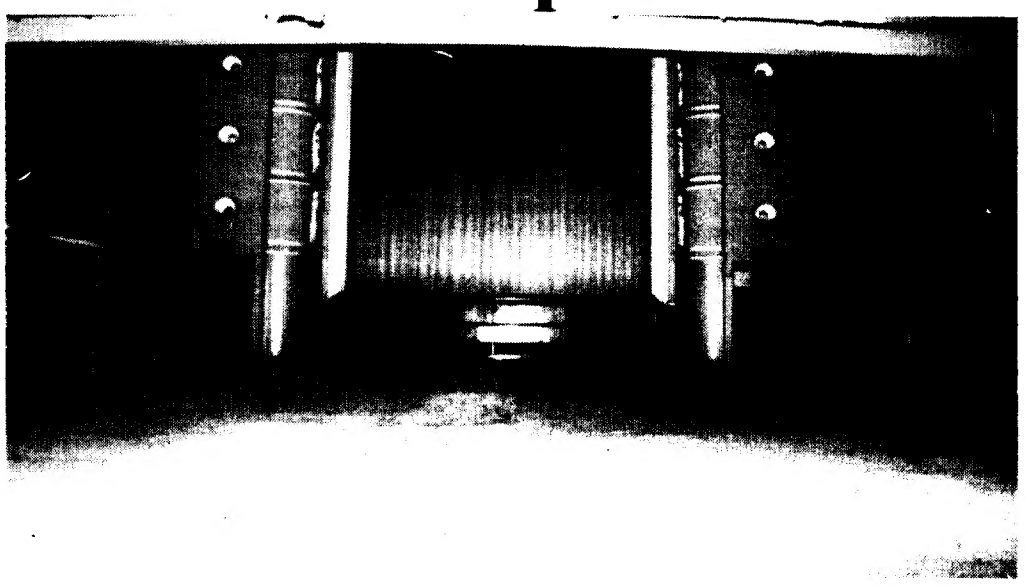
O porta-voz sindical adiantou que se nesse dia «não houver solução adequada» para as carências de pessoal de enfermagem com que o Hospital Miguel Bombarda se debate, o plenário deliberou retomar as formas de luta antes aprovadas ou outras a decidir em assembleia.

A morte de um cinema em cada dia que passa

Cinearte está à venda mas não encontra comprador

Carlos Pessoa (texto)
Rui Pacheco (fotos)

«Vende-se»: que segredo envolve este filme, há mais de oito meses em exibição no Cinearte, rosto voltado ao Tejo e ao largo de Santos?



Plateia do Cinearte: sem cadeiras, um imenso vazio

Por volta da meia-noite de uma chuvosa e fria noite de Novembro, o projectista do Cinearte arruma as bobinas do filme que acabara de ser projectado. Os porteiros fecham as portas nas costas do último espectador. Os bombeiros de piquete partem e as luzes são apagadas.

A última sessão no Cinearte, o cinema que apresentava «todos os dias um filme», pode bem ter conhecido este epílogo, corria o ano de 1981. No dia seguinte, os frequentadores da sala de Santos tiveram que procurar os «movies» noutras paragens. E os habitantes do bairro depressa se habituaram à presença muda e fechada da sala de espectáculos.

Assim caía o pano sobre a história viva do derradeiro sobrevivente da chamada «década de ouro» dos grandes e faustosos cinemas lisboetas.

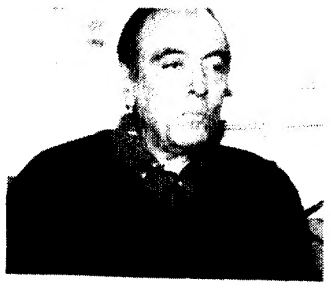
Foi autor do Cinearte, no ano de 1938, o aquitecto Raul Rodrigues Lima, que viu nestes termos a sua obra:

«Na elaboração do projecto do Cinearte, procurei o melhor que me foi possível dar satisfação ao programa estabelecido pelo cliente, que se resumia num objectivo principal a atingir: atrair o público.»

Assim aconteceu, de facto, durante anos a fio.

Técnico conhecido, Rodrigues Lima deixou a marca das suas concepções estéticas em obras de características «nacionalistas», como os pavilhões «Fundação, Formação e Conquista» e «Independência» da Exposição do Mundo Português (1940), Tribunal do Porto e Cinema Monumental (1944-50), tendo ainda participado no projecto da Praça do Areeiro, em Lisboa.

Muito pouco resta, hoje, destas obras maiores. Dir-se-ia que uma estranha «maldição» parece perseguir os projectos do arquitecto...



Horácio Pimentel, sócio principal da Sociedade proprietária do Cinearte: Muitas propostas de compra, mas...

Portas fechadas

«A sala tinha 800 lugares, mas a frequência do público, nos últimos tempos, não ultrapassava os 17 por cento», afirma Horácio Pimentel, principal sócio da Sociedade Administradora de Cinemas, proprietária do Cinearte e do Europa (e, em tempos, do Monumental).

A perder cerca de dois mil contos por ano só com a exploração da primeira daquelas salas, a empresa não encontrou outra saída. As portas do Cinearte não voltaram a abrir-se ao público.

O que fazer, então, do velho Cinearte, ocupando uma valiosa e apetecível área de 42 por 15 metros, no coração da cidade?

Tudo parecia bem encaminhado para os proprietários do terreno e para os donos do edifício: um projecto de construção, naquele local, de um complexo de escritórios, integrando uma pequena sala de cinema, não suscitou, inexplicavelmente, qualquer obstáculo da parte da Câmara de Lisboa.

A venda e demolição do Cinearte pareciam uma questão de tempo.

Outra era a opinião do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), que em Dezembro de 1980 determina a abertura de um processo de classificação do edifício como «imóvel de interesse público».

O decreto ainda não foi publicado, quatro anos depois, por «terem surgido problemas», segundo uma fonte daquele departamento.

Quais são esses problemas? Ninguém no IPPC, por nós contactado, foi capaz de responder.

...Dores de cabeça

O processo desencadeado pelo IPPC teve, apesar de tudo, um mérito: o edifício não pode ser demolido, nem alterado na sua traça externa ou interna.

Para os donos do Cinearte, começaram nessa altura as «dores de cabeça»:

«Nós pagamos uma renda ao senhorio, temos encargos com o cinema, e estamos a perder dinheiro», explica Horácio Pimentel. «Tivemos que pensar na venda». Desde há uns oito meses, é esse o «filme» em permanente exibição no Cinearte, seguido de dois números de telefone.

Mas o «fantasma» do IPPC tem afastado todos os virtuais compradores.

«Só nos últimos quatro meses, já tivemos umas 16 propostas, mas nenhuma se concretizou».

Demolir e construir de novo, é impossível. Reabrir como cinema, está fora de questão. Qual vai ser o destino do Cinearte?

Ideias não faltam: «boîte», igreja, armazém, sede de um grupo de teatro ou aquisição pelo Estado, são algumas das hipóteses ventiladas nos últimos tempos.

Enquanto isso, o edifício vai morrendo um pouco mais em cada dia que passa. Vidros partidos, decoração degradada, pinturas e tectos a estalarem, poeira por tudo quanto é sítio...

Cruzeiro vai levar mil a Salvaterra

Associação dos Amigos do Tejo quer preservar riqueza do rio

A etnóloga e conservadora do Museu Municipal de Vila Franca de Xira revelou na Sociedade Euterpe Alhandrense o modo como viviam — e, em alguns locais que o Tejo acaricia, ainda vivem —, aqueles que ao maior curso fluvial vão buscar o seu sustento.

Numa projecção de diaporamas e «slides», Micaela Soares mostrou a todos quantos assistiram à inauguração do programa das Jornadas Náuticas do Tejo que terão o seu momento mais espectacular (pelo menos em termos desportivos e de convivência humana) nos próximos dias 16 e 17 com a realização do tradicional cruzeiro, os costumes, a riqueza, por vezes a apaixonante simplicidade das gentes que vivem à beira-rio, entre Santarém e o estuário do Tejo, vincando, nomeadamente, famílias e nomes de Salvaterra, Vila Franca e Alhandra.

Foi no Dia do Ambiente que isto aconteceu (anteontem). O acto foi também pretexto para que a Sociedade Euterpe Alhandrense fosse palco do lançamento da Associação dos Amigos do Tejo que é integrada por José Rocha, Carlos Salgado, J. Calheiros, Valada e António Dias.

Estamos assim perante uma organização que quer reduzir a degradação do Tejo e que, embora já servida de estatutos, ainda não tem um programa de acção delineado com vista à sua defesa. Um dos participantes sublinhou na sua apresentação, que coincidiu com as comemorações do Dia do Ambiente em Alhandra e o lançamento das Jornadas Náuticas do Tejo (com vista ao XV Cruzeiro do Tejo), que a sua missão deveria ser a de «criar uma força de pressão» junto dos departamentos e membros do Governo que tenham a ver com o Tejo e a sua conservação. Gilberto Domingues, ao abrir a sessão (que antecedeu visitas à exposição de ojectos etnográficos sobre o Tejo e a fotos sobre as salinas de Alcochete, bem como aos sessenta óleos, que o pintor Barata Moura «retrata» o rio desde Albarraqim ao Cais da Matinha), apresentou de algum modo os objectivos da AAT.

Um programa

Ficou assim a saber-se que a Associação dos Amigos do Tejo, com sede provisória em Alhandra, tem nos seus planos «estudar e garantir a universalidade do Tejo», «promover a sua defesa ecológica» e «fazer recomendações às autoridades administrativas sobre medias a tomar para defesa dos recursos fluviais». Faz também parte da sua actividade «promover o exercício da vigilância adequada para a preservação das riquezas naturais do rio».

A cooperação entre as CM's de Vila Franca (representada na sessão pelo seu presidente), Salvaterra de Magos (idem), Seixal, Moita e Alcochete proporcionou uma amostra extremamente importante sobre o Tejo, à base de 77 peças que vale a pena (é urgente) ver, bem como as 131 fotografias ainda sobre o Tejo presentes na «Sala Dr. Sousa Martins», também na SEA. Barcos de diversos tipos e idades, instrumentos da pesca, agricultura, pecuária, salinas e construção naval, numa exposição em que o Tejo e as suas gentes são o tema, estarão patentes ao público até 17, último dia das Jornadas Náuticas do Tejo, uma iniciativa da secção de vela do ASC e do Alhandra que deverão movimentar no Tejo, entre 16 e 17 corrente, mais de quatrocentos praticantes de vela e o dobro de acompanhantes.

O XV Cruzeiro do Tejo (entre Alhandra e Salvaterra de Magos, no dia 16, e Salvaterra e Alhandra, a 17), é antecedido de um «cruzeirinho já no dia 10 (volta ao mouchão de Alhandra para barcos de escola e pranchas), regatas de remo e canoagem e concurso de caldeiradas e, no dia 14, pela abertura da exposição fotográfica e etnográfica sobre o Tejo.

comunicação social

Por iniciativa da AID

CCT passa à fase da conciliação

A Associação da Imprensa Diária oficiou o Sindicato dos Jornalistas anunciando-lhe que «val requerer a passagem do processo à fase da conciliação» – acaba de comunicar o SJ à classe. Segundo aquele organismo sindical, a AID tenta justificar esta sua atitude com a alegada «impossibilidade de prosseguirem com a mínima probabilidade de êxito as negociações directas».

Diz o Sindicato:

«Não é que o SJ não esperasse esta atitude da AID. Contudo, a sua concretização não pode deixar de suscitar o mais vivo protesto por parte dos jornalistas portugueses. Como é que se pode dizer, em espírito de boa-fé, que as negociações não tinham a 'mínima probabilidade de êxito'?»

Depois de dar conta de todas as reuniões com a AID (16 de Abril, 12 de Maio, 18 de Maio e 25 de Maio, reuniões em que a AID recusou a negociação), pergunta o Sindicato dos Jornalistas: «Conciliar o quê? A AID, que se recusou a discutir uma única cláusula, requer agora a conciliação. Mas conciliar o quê, se não houve negociação? Com a conciliação, a entidade patronal visa alcançar dois objectivos».

Quais...?

«Por um lado – continua o SJ –, impedir a transformação do actual CCT em vigor, reduzindo a sua revisão a um mero ajustamento salarial, que será sempre 'comido' pela taxa de inflação. (...) Por outro lado, 'passar' a 'batata quente' para o Governo».

Naturalmente – lembra o SJ – «que o Governo tem uma elevada quota-parte de responsabilidade nesta matéria, mas a conciliação permitiria transferir a principal sede de decisão para o nível do Executivo. Ora, até agora, o maior responsável pelo bloqueio das negociações é o sector privado».

Depois de outras considerações, a Direcção do SJ afirma que está «a promover reuniões em todas as Redacções – e exorta os jornalistas para que pressionem as respectivas empresas para que aceitem negociar com o Sindicato».

Criada Comissão de Estudo para cabos de radiofusão

O secretário de Estado das Comunicações assinou um despacho criando uma Comissão de Estudo das Novas Tecnologias de Cabos (CENTC) com vista ao lançamento conjunto de serviços videomáticos e de radiodifusão.

A CENTC deverá apresentar no prazo de 60 dias a contar da data de publicação do despacho que a cria os relatórios de análise a elaborar, bem como propostas de actuação futura.

A Comissão funcionará na dependência do secretário de Estado das Comunicações, competindo ao seu presidente coordenar superiormente aquele organismo e convocar e presidir às reuniões com voto de qualidade.

A CENTC pretende perspectivar a evolução das tecnologias actualmente utilizadas na fabricação de cabos, procurando introduzir outras mais modernas, desigandamente as fibras ópticas, condição considerada indispensável para concretizar o lançamento conjunto de novos serviços videomáticos e de radiodifusão por cabo.

Acordo NP-Xinhua

As agências noticiosas Notícias de Portugal e Xinhua (Nova China) assinaram em Lisboa um acordo de cooperação que prevê a troca dos respectivos serviços noticiosos e fotografias.

O acordo foi assinado nas instalações da NP e subscrito pelo representante da agência Xinhua em Portugal, Huang Pengnian, pelo presidente da direcção e pelo secretário geral da Notícias de Portugal, respectivamente Alves da Cunha e Eduardo Trigo.

Nos termos do acordo agora assinado, a NP e a Xinghua aceitam trocar informações sobre a actualidade do respectivo país e sobre a actualidade internacional, assim como informação fotográfica.

O acordo estabelece ainda que qualquer das partes pode solicitar a outra a elaboração de serviços especiais escritos ou fotográficos e prevê o compromisso de assistência recíproca a correspondentes ou enviados especiais em Portugal ou na República Popular da China.

A agência NP distribui em Portugal os serviços da UPI, AP, Reuter, DPA e Ansa.

SJ contra detenção de repórter de "O diário"

O Sindicato dos Jornalistas enviou ao ministro da Administração Interna um protesto pelas «arbitrariedades cometidas por agentes da PSP em 30 de Maio contra um repórter do jornal **o diário.**

O repórter-fotográfico Luís Manuel Vasconcelos estava em serviço no Hospital de S. José quando foi intimado a entregar a película fotográfica relativa à reportagem que fazia acerca de trabalhadores da Lisnave feridos em confrontos com a Polícia.

«Posteriormente foi detido e ameaçado de agressões físicas» – acrescenta o documento do Sindicato dos Jornalistas.

Considera ainda que «o comportamento policial configura um grave atentado aos direitos consagrados na Lei da Imprensa e na Constituição portuguesa.»

NÃO HÁ NADA MELHOR

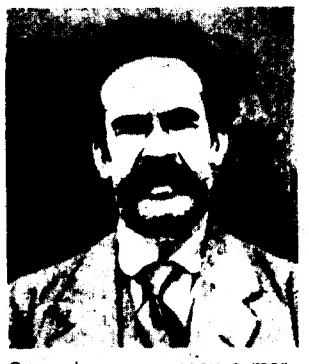
de ontem para hoje

Camionista afirma ter vendido diamantes a Pompílio da Silva

O Tribunal Popular Revolucionário de Luanda ordenou a apreensão de todos os bens dos réus acusados de tráfico ilícito de diamantes e de câmbio ilegal de divisas. O Tribunal ouviu ontem o português Américo Pires Afonso de 36 anos, motorista de pesados, que denunciou «a estratégia urdida por certos réus na prisão, no sentido de negarem todas as acusações».Pires Afonso, confessou ter vendido cinco lotes de diamantes a Pompílio da Silva, candidato frustrado às eleições presidenciais portuguesas em 1976, declarando-se «profundamente arrependido» e disposto a pagar à Companhia de Diamantes de Angola uma indemnização de 31 600 dólares e 600 mil kuanzas. No processo estão a ser julgados 124 indivíduos, 58 dos quais têm a nacionalidades portuguesa.

Exposição sobre Brito Camacho

A Câmara Municipal de Aljustrel revelou estar a preparar uma exposição de carácter essencialmente didáctica sobre a vida e obra do dr. Brito Camacho. Os trabalhos de recolha documental e de investigação sobre aquele que foi uma figura proeminente, e polémica, da I República, estão a ser realizados por professores de cursos de educação de adultos e de História da Escola Preparatória de Aljustrel. A exposição será aberta no dia, ainda a designar, da inauguração dos novos Paços do Concelho daquele Município baixo-alentejano. Brito



Camacho que nasceu e morreu em Aljustrel, foi director do jornal «A Luta».

A morte de português em Moçambique

A Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) negou ontem, em telegrama que afirma ter enviado ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e presidente da Assembleia da Reppública, o seu envolvimento nbo rapto e morte de um português em Moçambique. O envio do telegrama foi revelado à ANOP pelo representante da Resistência Nacional Moçambicana para a Europa, Jorge Correia, em contacto efectuado em Lisboa, em que desmentiu acusações feitas à Imprensa por fontes não oficiais no Maputo. A RENAMO refere-se ao cooperante português Sebastião Faria, que «notícias chegadas de Maputo dizem também chamar-se José de Carvalho Faria, prático agrícola, encontrado morto na passada terça-feira em Moçambique, cerca de uma semana depois de ter sido raptado ou desaparecido. A mensagem da RENAMO diz que «nunca foi sua prática a morte de cidadãos nacionais ou estrangeiros, que tenham sido capturados, mas, pelo contrário, sempre foi salvaguardada a segurança possível até à sua libertação».

Suspeito de crime detido em Loures

A Polícia Judiciária afirma ter detido, na zona de Loures, o presumível autor do assassínio do empregado de armazém Álvaro Ilídio Lemos Lobo dos Santos, de 32 anos, ocorrido na madrugada do dia 25 de Maio último, num prédio desabitado da R. D. Estefânia, em Lisboa. O detido, de apelido Carmo, desempregado, de 26 anos, afirma ter agido em legítima defesa, golpeando Álvaro dos Santos com a navalha que este lhe teria arremessado para o ferir.

Acusado de ter agredido a professora

Uma professora de Matemática da Escola Soares dos Reis, no Porto, apresentou queixa na PSP, afirmando ter sido agredida por um estudante-trabalhador, de 48 anos, ao vingar-se da sua expulsão da aula. O estudante, José Rodrigues, de acordo com o auto de notícia, fora expulso da aula após ter sido apanhado com a solução do ponto que estava a fazer. O enunciado da prova tinha-lhe sido conseguido com a conivência de um contínuo, pela sua mulher que é funcionária na referida escola. A agressão teria sido perpetrada no átrio da sala de aula.

Pastor condenado no Tribunal da Guarda

Acusado de ter roubado algumas cabras de um estábulo, perto de Manteigas, o pastor António de Carvalho foi condenado no Tribunal da Guarda à pena de quatro meses de prisão. O réu ficou ainda obrigado ao pagamento de quinze contos de indemnização ao queixoso e de cinco contos de imposto de justiça.

Citröen de D. Amélia vendido em Paris

O Citröen de quinze cavalos que pertenceu à rainha D. Amélia de Portugal foi anteontem vendido em Paris no Salão de Carros de Colecção, por uma quantia equivalente a cerca de 1200 contos. O preço mais elevado, seis mil contos, dos carros em leilão, foi conseguido pelo Tyrrell de seis rodas, que Ronnie Peterson, falecido tragicamente em Monza, pilotou no Grande Prémio do Japão em 1977.

Provedor de Justiça de visita ao Alentejo

O provedor de Justiça concedeu ontem no Tribunal de Relação de Évora cerca de vinte audiências para apresentação de queixas e reclamações da população daquele distrito. O dr. Pamplona Corte Real, que era acompanhado por dois juristas da Provedoria de Justiça, recebeu reclamações relacionadas com a actividade dos órgãos de admnistração central e local. No prosseguimento da sua deslocação por terras alentejanas o provedor de Justiça estará hoje em Beja. As visitas de Pamplona Corte Real oobedecem a um plano estabelecido pelos serviços da Provedoria de Justiça «destinado a facilitar a apresentação de queixas dos cidadãos».

Afirmado por pediatra no Congresso de Reabilitação

Relacionamento entre a mãe e o filho é determinado na primeira meia hora de vida

A primeira meia hora a seguir ao nascimento é determinante para a relação futura entre a mãe e o filho, afirmou ontem o pediatra Gomes Pedro, num Seminário sobre a Prevenção da Deficiência na Criança, integrado no Congresso Mundial de Reabilitação, a decorrer em Lisboa. «Os contactos imediatos entre a mãe e o filho nos minutos que se seguem ao nascimento podem modificar de forma decisiva o comportamento futuro dos dois em termos de relação» disse aquele médico, que é professor de Pediatria na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Assim, segundo Gomes Pedro, «há que sensibilizar as nossas instituições no sentido de os contactos precoces entre a mãe e o bebé passarem a fazer parte da rotina das maternidades».

«Os bebés colocados em contacto com a mãe imediatamente a seguir ao nascimento apresentam grandes diferenças relativamente aos outros: isso verifica-se no modo como fixam o olhar, como respondem às carícias, em resumo, como conseguem comunicar», afirmou.

A relação mãe-filho, nem sempre é fácil, quando o recém-nascido não corresponde ao bebé ideal — que passa o tempo a dormir ou se mantém calmo e sossegado quando acorda — também pode ser facilitada por esse contacto na primeira meia hora — referiu o pediatra.

«Há que observar as primeiras interacções mãe-filho de modo a detectar as características individuais do bebé e a auxiliar a mãe a relacionar-se com ele», acrescentou Gomes Pedro.

Concluiria a sua intervenção, afirmando que, o recém-nascido não é um ser passivo, como tradicionalmente se pensa. Pelo contrário, é ele que é o elemento determinante do seu ambiente, e especificamente da sua relação com a mãe, que se comportará de uma maneira se o filho for calmo e de outra se ele for agitado e chorar com frequência.

Assistentes sociais e outros técnicos

Funcionários prisionais integrados no Instituto de Reinserção Social

A jornadas que acompanharam a integração no Instituto de Reinserção Social (IRS) dos assistentes sociais e outros técnicos que trabalham junto dos estabelecimentos prisionais terminaram ontem em Lisboa.

Os profissionais em causa estiveram até aqui afectos à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais (DGSP) e a sua transição para o quadro do Instituto de Reinserção Social, dependente do Ministério da Justiça, foi feita com o objectivo – segundo palavras do director do IRS – de «conferir independência aos funcionários face às estruturas «mais ou menos fechadas das instituições penitenciárias».

Luís Miranda Pereira ressalvaria no entanto no discurso de posse dos funcionários «a necessidade de não quebrar a unidade e coerência de actuação entre as estruturas penitenciárias e o novo serviço» prestado pelo IRS. Para o efeito foi celebrado um protocolo entre a DGSP e o IRS que define «as regras fundamentais de relacionamento entre as duas instituições».

As jornadas que desde segunda-feira acompanharam esta transição destinaram-se a esclarecer os funcionários acerca das alterações de funcionamento que resultam da integração.

Algarve discute "uva forçada"

Produção forçada de uva de mesa, nomeadamente no Algarve, foi considerada por especialistas na matéria, de «muito vantajosa para Portugal» no confronto comercial com os países da Comunidade Europeia.

Aqueles técnicos participam no primeiro colóquio sobre uva de mesa em Portugal, a decorrer desde ontem em Tavira.

No Algarve, a uva de mesa ocupa uma área de cerca de 1.500 hectares na sua maioria situados na zona do Sotavento, dos quais 25 hectares cobertos com estufas de produção forçada.

Devido às condições do clima, a uva de produção forçada, no Algarve, pode ser vendida de dez a quinze dias mais cedo do que as produzidas noutras regiões, em especial nos países do Mediterrâneo.

O colóquio, que se prolonga até amanhã, foi promovido pela Direcção-Geral de Agricultura, e Direcção Regional e conta com cerca de 150 agricultores e técnicos de especialidade de todo o País.

Portugueses detidos em Verin por passarem notas de 5 mil

As autoridades espanholas prenderam em Verin um dos elementos de um casal que tentava passar notas falsas de cinco mil pesetas fabricadas em Portugal.

O casal deu nas vistas ao tentar pagar gelados com notas de cinco mil pesetas num estabelecimento em Verin que fica ao lado de um posto da Guarda Civil.

Os traficantes, Eduardo Garcia Nieto, 20 anos, natural de Salamanca, e a sua companheira, Maria Jesus Garcia Isquierdo, de Samora, começaram então a ser seguidos pelas autoridades, que detiveram em flagrante delito a mulher.

Eduardo Garcia Nieto conseguiu pôr-se em fuga. As autoridades espanholas revelaram que se trata de um marginal com cadastro relacionado com furto de automóveis e falsificações.

As autoridades portuguessas colaboraram na operação de detenção dos marginais.

Linha Trofa-Guimarães vinte comboios diários

PORTO, 7 — Na linha Trofa-Guimarães, restabelecida em 14 de Abril último, como o «DL» noticiou, com a viagem comemorativa dos 100 anos da sua inauguração, vão passar a circular diariamente, a partir de 18 do corrente, vinte composições (10 em cada sentido) o que corresponde, praticamente, a uma completa normalização da via. Segundo o «DL» apurou junto de uma fonte da CP, haverá apenas um intervalo diário de duas horas, sem movimento, para continuação dos trabalhos de reparação que estão a ser feitos na linha.

I.P.E.D.

O INSTITUTO PORTUGUÊS DE ENSINO A DISTÂNCIA

edições IPED

– **Coisas da Lusalândia** por Eduardo Mayone Dias
222 p. (1981) . . . . . 400$00

– **Comunicação de Massas e Ensino a Distância**
Actas da Conferência Internacional e Seminário
279 p. (1983) . . . . . 600$00

– **Identité Culturelle et Humanisme Universalisant**
por Vitorino Magalhães Godinho
113 p. (1982) . . . . . 250$00

– **A Abertura de Portugal à Cultura Europeia: os Bolseiros de Pina Manique** por Maria Leonor Machado de Sousa
159 p. (1983) . . . . . 350$00

– **Obra Económica** Vol. I e II de Oliveira Marreca (recolha, anotações e revisão de texto de Cecília Barreira)
316 p. (1984) . . . . . 900$00

– **Bibliografia da Emigração Portuguesa** por Maria Beatriz Rocha-Trindade e Jorge Arroteia
90 p. (1984) . . . . . 200$00

à venda na livraria do IPED

I.P.E.D.

O INSTITUTO PORTUGUÊS DE ENSINO A DISTÂNCIA

abre ao público as portas da sua livraria

- Na Rua da Escola Politécnica nº 141 (ao largo de S. Mamede) um novo local de encontro com a leitura está à sua disposição.
- No dia 7 de Junho, quinta-feira os autores editados pelo IPED estarão na livraria para uma troca de impressões com os seus leitores.

Edições IPED – uma porta aberta sobre a Universidade e a Cultura Portuguesa.

Os tubos do gás não devem ter mais de 1,5 m.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Dizem habitantes da Avenida de Paris, vendo ameaçada uma zona verde

"O bingo é mau companheiro"

«O bingo é mau companheiro» – como um provável futuro vizinho do Panda Bingo expressa parte das suas preocupações sobre aquilo que já vai em fase adiantada de obras que até meio foram feitas clandestinamente.

As preocupações dos moradores da zona da Avenida de Paris não se resumem, porém, ao que inevitavelmente será arrastado pela instalação de um bingo. O problema, também, é que lhes querem «roubar» uma boa fatia da zona verde, logradouro público, no interior do quarteirão formado por aquela artéria, mais a Almirante Reis, Presidente Wilson e João XXI.

O caso, que já foi levantado por diversas vezes em sessões camarárias e inclusivamente na última com carácter público, ilustra mais uma vez, segundo fontes da oposição municipal, o comportamento do presidente da Câmara, Nuno Krus Abecasis.

E tudo porque o presidente eleito do Município lisboeta parece decidido a autorizar a construção de um auto-silo, no referido logradouro público, mesmo perante a insistência de que para tanto não lhe bastam as suas competências. O assunto, diz um porta-voz da APU, terá de passar pela Câmara e depois de ouvidos os vereadores, se dado o «sim» terá de ir à Assembleia Municipal.

Uma certa estranheza quanto ao desenvolvimento de toda esta história não termina, contudo, aqui. É que o bingo, já autorizado pelas competentes instâncias governamentais, está já instalado numa antiga garagem da Avenida de Paris, cujas obras terão começado sem a competente licença camarária.

Um vereador da APU, Fernando Torres, apercebeu-se logo de início de que algo se passava. E levou o caso à Câmara e ao seu presidente. Krus Abecasis não teve dúvidas e prometeu imediatamente que ia mandar embargar as obras. Só a meio das obras o embargo foi caracterizado, mas a «troco» da continuação do auto-silo.

«A verdade é que as obras estão agora numa fase muito adiantadas e quase irreversível» – disse-nos um vereador que tem acompanhado o problema de muito perto.

Parque subterrâneo

Para além de todos os problemas que naturalmente suscitarão numa zona iminentemente residencial, a instalação de um bingo na Avenida de Paris repercutir-se-á, no que se refere a trânsito, sobre toda uma área que constitui uma entrada em Lisboa e de intensa circulação no interior da cidade (Areeiro, Almirante Reis, João XXI).

A constatação desse facto levou a que o processo tivesse sido encaminhado no sentido de ser encontrada uma alternativa, no caso a construção de um parque de estacionamento subterrâneo no interior do quarteirão, em terrenos públicos...

É aí que o presidente Abecasis parece apostado em fazer cumprir uma sua decisão, provavelmente resultante de um compromisso pessoal com os empresários interessados no bingo. Com aquilo a que muita gente chama um «rebuçado»: um ginásio coberto no piso superior do edifício a construir.

A tentativa de concitar boas-vontades para este problema terá mesmo levado a que os empresários tenham chegado a oferecer à Junta de Freguesia da área, a utilização gratuita do ginásio, durante três horas por dia (das 15 às 18), para as «criancinhas».

Mais, como forma de pressão: os comerciantes, uma boa parte, da Avenida de Paris e limítrofes, foi levada a subscrever um abaixo assinado, com carimbos e tudo, no reconhecimento das vantagens que o bingo lhes traria (comercialmente, claro).

A contestação, porém, vai por outros caminhos, ainda: a que título se vai oferecer, por 15 anos, a exploração do parque subterrâneo e do gimnodesportivo, à empresa que também ficará na exploração do jogo?

Além do mais, o próprio vereador Fernando Torres, da APU, ainda na última sessão pública chamava a atenção para a imprecisão do «projecto» para o logradouro apresentado à Câmara, a ponto de nem permitir distinguir que espaço verde vai ser ocupado ou quantas árvores serão destruídas.

Enfim, mais um caso típico desta Lisboa, agora ameaçando «levantar» gentes de uma zona «bem».

Rogério Vidigal

O casino tem as obras feitas, está em funcionamento.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

O Homem era ignorante, culpado e indefeso: assim partiu ao encontro de Deus.
As relações não têm sido fáceis. Algumas pessoas mandaram Deus embora quando encontraram outro caminho — e Deus foi, talvez intimamente satisfeito por já não ser preciso. Mas outras pessoas, muitas outras, continuam ou ignorantes ou culpadas ou indefesas. Chamam, ou tocam a campainha, e Deus responde: — Aqui estou.
Outras pessoas há que se consideram mandatadas para uma tarefa divina: transferir para a Terra a felicidade que, a partir do Imperador Constantino (mais coisa, menos coisa) se exilou para o Céu. Felicidade que se compõe de justiça, de fraternidade, de harmonia. E a esse combate chamam Deus. E consta-me que Deus gosta que lhe chamem assim.
Esta Pura Ideia nada tem de comum com a prática daquelas pessoas para quem a imagem de Deus se reduz a um tique, a um hábito, a uma inércia, a uma espécie de burocracia da Eternidade. A qual, na mais das vezes, não passa de uma ostentação supersticiosa, imenso pára-raios de um imenso egoísmo. E assim estão matando Deus, porque o estão banalizando.
São as orações que os lábios moem, com o pensamento noutro lado. São as promessas no caso de uma ou de outra «graça». São os jogadores de futebol que se benzem ao entrar em campo, convencidos de que Deus é do seu clube. São as explicações, de que o próprio Deus seria o primeiro a rir-se.

Há dias, o programa «É incrível!» contava-nos o seguinte milagre.
O pastor de certa freguesia deixou aberta, por descuido, a torneira do gás de aquecimento, nas caves da igreja. Era um dia de ensaio do coro que se faria às sete horas da tarde. Por estranha coincidência, todos os 48 membros do coro foram, por isto ou por aquilo, impedidos de aparecer. A igreja explodiu exactamente às sete horas. Todos os elementos do coro: «Milagre. Deus salvou-nos...» Um jovem que assistia comentou:
— Imaginem o trabalhão que Deus teve para fabricar 48 álibis, quando lhe bastava apenas fechar a torneira do gás...
A imagem de Deus não ficou, pois, beneficiada. Porque também Ele resiste a tudo — menos à estupidez dos fiéis.

Dado pelo moçambicano Matsinhe

Curso de cerâmica em Alverca tem alunos de 8 e de... 54 anos!

Os cerca de setenta alunos que desde Março deste ano frequentam um curso de cerâmica num edifício da Quinta da Vala, em Alverca do Ribatejo, ouviram Pedro Gaspar falar da sua especialidade: azulejaria.

Pedro Gaspar afirmou em Alverca que «o azulejo é uma arte portuguesa e, pode dizer-se, um fenómeno de Lisboa», uma vez que «até ao século XIX os azulejos foram sempre feitos na capital». E foi só a partir do século XVI que o azulejo se espalhou pelo País, quando nas igrejas começaram a substituir a decoração arabescada, de inspiração mourisca.

O curso de cerâmica de Alverca é ministrado pelo pintor e ceramista moçambicano Inácio Matsinhe, que está em Portugal desde 1972 e que até 1974 se dedicou apenas à pintura. Foi então que enveredou pela cerâmica este artista de 39 anos, indo estudar para Itália e Inglaterra, a partir de 1977, como bolseiro da Gulbenkian.

Os alunos deste curso de cerâmica de Alverca (que termina este mês) são, na sua maioria, professoras de educação infantil, mas integra, também, domésticas, crianças em idade escolar e uma jovem universitária, com idades compreendidas entre os 8 e os 54 anos.

A iniciativa constitui mais um passo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira no sentido da descentralização, de facto, das suas actividades culturais, indo ao encontro dos munícipes, para ocupar os tempos livres dos jovens (e não só). Com este curso, a organização parece ter conseguido as suas duplas intenções: descentralizar as suas actividades (culturais), de facto, e garantir uma boa participação no curso, apesar da vida absorvente das gentes de Alverca (um dos modernos dormitórios de Lisboa).

Com Matisinhe, que dá aulas de modelação, pintura em cerâmica e restauro de azulejo, colabora um antigo oleiro do Redondo que há anos trocou o seu ofício pelo de serralheiro, trabalhando numa empresa do distrito de Setúbal.

A prender a respeitar a Natureza

Alunos do preparatório visitaram Ria Formosa

Mais de centena e meia de alunos da escola preparatória de Tavira, com idades compreendidas entre 10 e 12 anos, efectuaram uma visita de estudo à reserva Natural da ria Formosa.

A visita inseriu-se no âmbito das comemorações do Dia mundial do Ambiente e teve por objectivo «sensibilizar os alunos para a necessidade que os homens têm de respeitar o equilíbrio da Natureza».

Por outro lado, pretendeu-se também que os jovens verificassem no local a importância ecológica e económica daquela Reserva Natural.

Libertário Viegas, professor da Escola Preparatória de Tavira, disse que a visita assumiu «especial importância» como «actividade interdisciplinar no âmbito das ciências da natureza e dos estudos sociais».

Acrescentou que os alunos estiveram particularmente atentos às distorções sociais entre as populações da ilha da Culatra (Pescadores) e a do Farol, habitualmente utilizada como local de veraneio, bem como ao meio natural em que se desenvolve a Reserva.

A visita que culminou um ano de actividades da Escola de Tavira relacionados com a consciencialização ecológica dos jovens foi acompanhada por um técnico responsável da Reserva Natural da ria Formosa.

Participantes nos Jogos Internacionais de Nova Iorque

TAP e câmara recusaram subsídio a deficientes

O Ministério da Educação (ME) anunciou ontem a concessão de um subsídio de 415 contos, que possibilitará a participação de quatro estudantes do Ensino Secundário nos Jogos Internacionais para Deficientes com Paralisia Cerebral, a realizar de 14 a 30 de Junho em Nova Iorque, com a participação de quinze atletas portugueses.

O director administrativo do ME, António Barata, declarou que o subsídio agora concedido «veio aliviar as dificuldades financeiras da representação portuguesa na competição.

Salientando a importância da actividade desportiva para a melhoria do estado dos atletas deficientes, referiu que a despesa por cada pessoa da delegação ronda os 200 contos, incluindo preparação, viagens e estadia nos Estados Unidos».

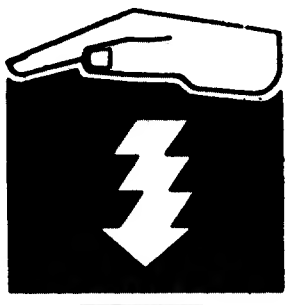
Para fazer face às despesas, o Centro Desportivo da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral «conta com auxílios oficiais e particulares, além das poucas verbas de que dispõe.

Citou entre os primeiros, a juntar ao auxílio do Ministério da Educação, 150 contos concedidos pelo Governo Civil de Lisboa e considerou certos mais de 150 do Centro Regional de Segurança Social e cem da Secretaria de Estado dos Desportos.

«A Câmara Municipal de Lisboa e a Transportadora Aérea Nacional contam-se entre as entidades que não corresponderam aos pedidos de auxílio» — frisou António Barata.

Quanto às possibilidades de conquistas de medalhas pelos atletas portugueses (oito de Lisboa, três do Porto, dois de Viseu, um de Coimbra e um de Santarém) disse ser difícl prognosticar» dado o ritmo de desenvolvimento muito grande de atletas deficientes de vários países».

António Barata adiantou, porém, que as maiores hipóteses de conquista de medalhas vão para António José Mateus, de 17 anos, recordista mundial do lançamento à distância, e para António Carlos, de 20 anos, especialista na corrida de 100 metros. O lançamento à distância é efectuado de cadeira de rodas, cujo engenho (saco de grão pesando 115 gramas), António Mateus, lançou em Fevereiro ultimo, a 10,27 metros, nos Primeiros Campeonatos Portugueses de Desporto para Deficientes de Paralisia Cerebral.



Três cidades iranianas atacadas por Bagdade

Forças iraquianas atacaram hoje alvos em três cidades iranianas como retaliação pelo bombardeamento de cidades iraquianas, na quarta-feira – anunciou a rádio em Bagdade.

Citando um porta-voz militar, a rádio anunciou que foram atacadas as cidades de Dezful, Masjid Suleiman e Nahawand.

O Iraque não especificou que tipo de ataque foi desencadeado, mas a localização das três cidades fora do alcance da artilharia iraquiana indica que foi utilizada a aviação ou mísseis.

O porta-voz afirmou que o ataque se efectuou na sequência da ameaça iraniana de bombardear onze cidades iraquianas.

O Irão atacou quarta-feira o porto iraquiano de Basrah e as cidades fronteiriças de Mandali, Khanaqin e Zurbatiya.

O Iraque anunciou que foram mortas 21 pessoas e feridas 116 em resultado dos bombardeamentos iranianos.

Por outro lado o Irão admitiu hoje ter perdido um dos seus caças Phanton, abatido pela Arábia Saudida, e advertiu este reino árabe de que «responderá seriamente» se o incidente se repetir.

A rádio de Teerão, captada em Londres, referiu que o encarregado de Negócios saudita foi chamado ao Ministério iraniano dos Negócios Estrangeiros para lhe ser entregue uma nota de protesto advertindo contra outros possíveis ataques.

Os jornais do Golfo publicam hoje editoriais elogiando o derrube de dois caças iranianos pela aviação saudita na terça-feira, considerando-o um acto efectivo de dissuasão militar.

No Kuwait, o diário «Al Seyassah» comentou que a batalha no espaço aéreo saudita foi «um acto legítimo de autodefesa».

O «Al Watan» referiu que 11 aviões de guerra iranianos estiveram envolvidos no incidente e que só dois foram abatidos pelos sauditas.

O «Al-Rai Al-Am», advertiu que uma escalada da guerra Irão-Iraque poderá fornecer aos Estados Unidos uma oportunidade dourada de impor a sua hegemonia no Golfo».

Em Abu Dhabi, o pró-governamental «Al-Ittihad» salientou que o incidente na Arábia Saudita ameaça «espalhar as chamas da guerra a outras potências (neutrais) no Golfo».

O jornal «Akhbar Al-Khaleej», do Bahrain, referiu que o derrube dos aviões iranianos «foi fantástico e dissuasor, mostrando que os países do Golfo são capazes de se defenderem a si próprios contra agressores e aventureiros».

O diário de língua inglesa «Gulf Times» do Qatar, considerou o ataque iraniano, «um incidente lamentável» que acorreu numa altura em que decorrem esforços de mediação entre o Irão e o Iraque.

Sabe-se entretanto que um navio de carga liberiano que transportava trigo para o Irão foi atingido por um míssil iraquiano e alguns tripulantes ficaram feridos – anunciou a agência noticiosa de Bagdade.

Citando fontes da Companhia de Seguros Lloyd, a agência referiu que o «Savoy Dean» de 38 259 toneladas, espalhou a sua carga depois do ataque.

O cargueiro integrava um comboio de vários navios em rota para o Golfo, mas a agência não indicou quando é que ele foi atingido.

O «Savoy Dean» está agora ancorado no porto iraniano de Busheher e a sua carga ficou espalhada no mar. Informações locais indicam que os danos são graves, pois o míssil iraquiano destruiu a casa das máquinas do navio.

Governo de Gonzalez à sombra da N

MADRID – (do correspondente do "DL" Fernando Jauregui) – A «armadilha da NATO» parece consumir conscientemente a credibilidade do governo socialista de Felipe Gonzalez. Prisioneiro das promessas que fez de convocar um referendo para saber se os espanhóis desejam abandonar a Aliança Atlântica, mas prisioneiro também de aparentes compromissos internacionais para nela permanecer, o tema «NATO-sim, NATO-não» converteu-se no principal objecto de debate político em Espanha, e gravita como um fantasma de desunião sobre o Partido Socialista.

Depois da reunião do Comité Federal do PSOE, no último fim-de-semana, Gonzalez anunciou que o seu governo tomara uma decisão sobre a atitude que deve adoptar com a NATO (permanência ou saída), antes do mês de Dezembro. Até agora o problema de a Espanha permanecer ou não na Aliança, foi controverso até no seio do governo, onde os ministros, (principalmente a equipa económica encabeçada por Michel Boyer) se dizem a favor da permanência, e outros, principalmente o vice-presidente Guerra, falam abertamente contra tal permanência, advogando a saída daquele pacto.

No entanto, umas e outras vozes emudeceram nas últimas semanas. Há a impressão de que entre os dirigentes do Partido Socialista, no próprio seio do governo, se abriu um período de reflexão sobre como «mentalizar» os espanhóis do inevitável: permanecer na Aliança Atlântica, ainda que não plenamente integrados na estrutura militar. Isto é, permanecer num regime semelhante ao da França, ainda que a Espanha não tenha o potencial militar (nem, obviamente, o atómico), francês.

Tudo indica que o governo de Madrid já tomou a decisão de «recomendar» aos espanhóis a permanência na NATO, alterando assim diametralmente as posiçoes sustendadas pelo PSOE até há poucos meses. Não se pode esquecer que a campanha eleitoral socialista, que conduziu ao poder a equipa actual, foi feita na base de «NATO não», mantendo, em contrapartida, a relação defensiva bilateral com os Estados Unidos.

O problema consistirá agora em explicar aos espanhóis essa mudança de rumo, sobretudo quando todas as sondagens mostram que a maioria dos que se expressam sobre este tema, se mostram favoráveis à saída da Espanha da NATO. A sensação existente é de que o governo terá que explicar um dia – e antes de Dezembro, data em que o PSOE celebrará o seu congresso federal e onde, portanto, terão que se «oficializar» os novos postulados internacionais – as razões que tornam «inevitável» a permanência na Aliança.

Alguns membros da equipa de Felipe Gonzalez sugeriram, em mais de uma ocasião, que a pertença à NATO está indissoluvelmente ligada à tão desejada entrada da Espanha na Comunidade Económica Europeia. Em todo o caso, nos últimos meses tem-se registado entre os espanhóis, segundo as sondagens, um desalento crescente no que diz respeito à CEE. Já são dezenas os empresários que declaram o seu desacordo com a entrada no Mercado Comum, «nas condições que se adivinham», e o próprio líder da oposição, Manuel Fraga, manifestou-se há dois dias contrário à adesão «nestas condições, especialmente no que se refere à pesca».

Portanto, uma vez mais, a política exterior espanhola enconta-se perante uma encruzilhada decisiva. O governo de Madrid mostra sintomas de certa rebelião contra qualquer «ingerência», a menos de esta

Botha recebido num terminal de carga do aeroporto de Bruxelas

O primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha, foi recebido ontem num terminal de carga do aeroporto de Bruxelas, tendo o governo belga frisado que não o convidou para a visita de dois dias que está a efectuar à Bélgica.

À sua chegada, proveniente de Bona, o líder do regime de Pretória, condenado internacionalmente pela sua política de segregação racial, foi recebido por um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas não passou pela sala VIP do aeroporto como acontece com outros dignitários estrangeiros.

No exterior do aeroporto, pessoas manifestavam-se contra esta visita. Outros protestos foram programados para hoje.

Botha terá um breve encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros Leo Tindemands e, depois, participará num almoço oferecido pelo primeiro-ministro, Wilfred Martens.

Um porta-voz do MNE salientou que os contactos oficiais do chefe do goveno sul-africano com as autoridades belgas serão muito limitados.

«A Bélgica opõe-se firmemente ao regime de «aparteid» do governo de Pretória, assim como à política dos bantustões» — afirmou o porta-voz.

«No entanto, um diálogo com a África do Sul é preferível à política de isolamento diplomático», considerou, ainda assim, o mesmo porta-voz do Ministério belga dos Negócios Estrangeiros.

Depois do almoço com Martens, Botha partirá para uma visita privada à França, regressando a Bruxelas à noite, antes de se deslocar a Viena, próxima etapa da sua visita a oito países europeus. O local dos embarques e desembarques não foi revelado.

Os sete chefes de Estado e de governo pres
D na praia Utah (Telefoto UPI/NP/«DL»).

Dirigente morto no Templo

Renderam-se os Sikhs — 360 mortos na Índia

O líder sikh, Jarnail Singh Bhindranwale, foi hoje encontrado morto no interior do Templo Dourado de Amritsar, no estado indiano de Punjab, um dia após tropas governamentais terem tomado de assalto o complexo.

Segundo a agência indiana UNI, o corpo do líder sikh foi encontrado após a batalha final entre tropas governamentais e sikhs extremistas refugiados no templo.

As tropas governamentais abateram pelo menos 300 sikhs, sofrendo cerca de 60 baixas.

Bhindranwale, de 38 anos, tinha afirmado numa entrevista à Reuter que o seu povo «pode ser morto, mas um sikh nunca chora».

Um porta-voz governamental disse a noite passada em Nova Deli que as tropas tinham finalmente encurralado os extremistas no santuário do templo, construído no século XVII.

Acrescentou que o tiroteio tinha acabado, e o santuário, local sagrado, não tinha sido danificado.

Bhindranwale e um grupo de 14 fiéis seguidores refugiaram-se no pequeno santuário, disparando contra as tropas governamentais que tentavam aproximar-se.

No santuário encontra-se depositada a sagrada escritura da seita, o «Granth Sahib».

Bhindranwale era considerado o principal líder dos sikhs, que lutam há dois anos por concessões religiosas e políticas no estado de Punjab.

"Sob rigorosas medidas

Mitterrand pr às cerimónias do "Dia D"

As comemorações do quadragésimo aniversários do desembarque das tropas aliadas na Normandia decorreram ontem sob rigorosas medidas de segurança.

Às cerimónias, presididas pelo chefe de Estado francês, François Mitterrand, assistiram o presidente dos Estados Unidos, Ro-

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

DE 3ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 15.30

"A CARROÇA DO PODER"
de Bernard Shaw
Encenação, Cenografia e Figurinos
HERLANDER PEYROTEO
com
RUI DE CARVALHO (Protagonista)
E: ANTÓNIO RAMA·ANTÓNIO SARMENTO·LYGIA TELES
CARLA MARIA·CARLOS CABRAL·ANTÓNIO ANJOS
CARLOS DUARTE·COSTA FERREIRA·BARROSO LOPES
IRENE ISIDRO·CATARINA AVELAR·ALBERTO VILAR
MÁRIO PEREIRA·PAULA MORA·VITOR RIBEIRO

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 2210

AINDA PODE VER
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 18.30 H

memórias de SARAH BERNHARDT
com EUNICE MUÑOZ e JACINTO RAMOS

NA SALA EXPERIMENTAL
SÓ ATÉ DOMINGO
HOJE ÀS 21.45 H

«REIS COXOS»
de Prista Monteiro
2.º Espectáculo do Ciclo AUTORES DA GAVETA
De 3.ª a 6.ª-feira às 21.45 – Sábado às 18.15 e 21.45 H
Domingo às 16 H

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

JAE

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE PONTES

- CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE:

" EN 2/Km 236/PONTE SOBRE O RIO ALVA E SEUS ACESSOS "

AVISAM-SE OS INTERESSADOS NO CONCURSO EM EPÍGRAFE, ABERTO POR ANÚNCIO PUBLICADO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA III-SÉRIE, DE 4 DE MAIO DE 1984, DE QUE:

1 - SÃO ELIMINADOS OS ARTIGOS 13.12.4 E 13.12.5 DO CADERNO DE ENCARGOS, MANTENDO-SE A VALIDADE DOS ARTIGOS 16.43.2 E 16.43.3.

2 - FOI PRORROGADO PARA DIA 18 DE JUNHO DO CORRENTE ANO, ATÉ ÀS 17 h, O PRAZO PARA A ENTREGA DAS PROPOSTAS, E O ACTO PÚBLICO DO CONCURSO REALIZAR-SE-Á EM 20 DO MESMO MÊS PELAS 15 h E NO MESMO LOCAL.

Almada, 29 de Maio de 1984

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS

a) NOYA COUTINHO

ATO

seja pública e notória, que venha de fora. Assim aconteceu com umas declarações do até agora secretário-geral da NATO, Josep Luns, em que criticava o executivo espanhol pela sua promessa de convocar um referendo para saber se os espanhóis querem ou não permanecer na Aliança. E voltou a ocorrer agora quando o Fundo Monetário Internacional lançou um duro ataque ao estado da economia espanhola, especialmente no que se refere ao montante do défice público. «Não precisamos que o FMI nos venha ler a cartilha», disseram os responsáveis espanhóis.

Mas o certo é que a Espanha se encontra obrigada, como nunca o esteve, a tomar uma decisão nestes momentos de crescente tensão internacional. E todos esperam que a balança se incline para um lado, em qualquer momento, propiciando assim, seja qual for a decisão final, um forte desgaste ao governo socialista de Felipe Gonzalez, quase com um ano e meio de poder.

sentes nas comemorações do dia

s de segurança"

residiu

nald Reagan, as rainhas Isabel de Inglaterra e Beatriz da Holanda, os reis Balduíno da Bélgica e Olavo da Noruega, o grão-duque do Luxemburgo e o primeiro-ministro canadianoo, Pierre Trudeau

Isto além, de 30 mil antigos combatentes norte-americanos da operação «Overlord», famílias de soldados mortos no chamado «Dia mais longo» e fanáticos da Historia da Segunda Guerra Mundial.

Um total de 6500 políticas, gendarmes e aviadores franceses garantiu a segurança dos participantes, a somar-se aos 200 polícias pessoais de Reagan, à unidade especial da Scotland yard que acompanhou a rainha Isabel e aos 50 «supergendarmes» do grupo especial de intervenção encarregados da protecção de Mitterrand.

As autoridades francesas nada deixaram ao acaso e previram mesmo um ataque aéreo, pelo que proibiram o tréfego normals nos céus normandos e instalaram baterias anti-aéreas e mísseis «Crotale». No mar, perto da costa da Normandia, colocaram navios de guerra com canhões prontos a disparar.

Em terra, foram cortadas as auto-estradas, revistadas casas e emitodos salvo-condutos para os habitantes da região em torno de Utah Beach, Pointe du Hoc, ASr-romanches e outras, onde em 6 de Junho de 1944 foi aberta a segunda frente aliada, depois da do Oriente.

Walter Mondale

Assim vão as "primárias" nos EUA

Mondale entende que conseguiu a investidura pelo Partido Democrata

Walter Mondale anunciou que conseguiu o número necessário de delegados para garantir, teoricamente, a nomeação como candidato do Partido Democrata à presidência dos Estados Unidos.

Segundo a última contagem de votos divulgada, o ex-vice-presidente contava com 1967 delegados, Gary Hart com 1212 e Jesse Jackson com 367.

O total atribuído a Mondale seria suficiente para lhe permitir a nomeação à primeira votação da Convenção Nacional Democrata, que se realiza de 16 a 19 de Julho, em São Francisco.

No entanto, o novo regulamento não obriga os 3933 delegados a manterem na Convenção o seu actual apoio a qualquer dos candidatos o que acontece, pela primeira vez, na história do Partido Democrata dos Estados Unidos.

O «jogo dos republicanos»

Os meios oficiais soviéticos reagem com aparente indiferença à notícia de que Walter Mondale será o virtual candidato do Partido Democrata à presidência dos Estados Unidos.

O diário «Pravda» assinala que, apesar de ser o ex-vice-presidente, Walter Mondale, a disputar a Ronald Reagan a chefia da Casa Branca, o Partido Democrata «carece por agora de um líder em torno do qual se unam todas as facções do partido».

O órgão do Partido Comunista Soviético mostra-se extremamente cauteloso na notícia da candidatura de Mondale, preferindo mencionar como fontes, os observadores locais, e afirmando que «as divergências entre os democratas fazem o jogo dos republicanos».

Outros porta-vozes soviéticos, que preparam as suas edições ante do «Pravda», inserem simplesmente telegramas da agência TASS, quando Mondale ainda não tinha obtido os números suficientes de delegados (1967) para ser o candidato democrata.

Na Imprnesa, prosseguem, entretanto, as críticas contra Reagan acusado de «não ter modificado em nada as suas posições sobre desarmamento, prosseguindo uma política agressiva e militarista».

Fontes de crédito, citadas por agências internacionais, dizem que Moscovo interpretará uma vitória eleitoral de Mondale sobre Reagan como «a continuidade, com retoques, da política dos Estados Unidos».

Cooperação Washington-Pequim

Séria advertência da URSS à China

A União Soviética advertiu a China e os Estados Unidos contra um estreitamento da sua cooperação militar e afirmou que responderá a qualquer ameaça decorrente da modernização das forças armadas chinesas.

O comentador Yuri Dergachov, num artigo da agência noticiosa Novosti, disse que a visita a Washington do ministro chinês da Defesa, Zhang Aiping, prevista para a próxima semana, era destinada a firmar um acordo para a importação, pela China, de sofisticada tecnologia militar norte-americana.

Dergachov advertiu Washington de que tal acordo poderia virar-se contra os Estados Unidos, e avisou Pequim que a União Soviética ripostaria, se considerasse em perigo a sua segurança ou a de aliados como o Vietname.

Se a cooperação militar sino-norte-americana implicar uma ameaça para a União Soviétrica, os seus amigos e aliados, Moscovo encontrará sem dúvida uma resposta adequada, disse.

Dergachov também avisou que o fornecimento de computadores, microprocessadores e tecnologia nuclear poderia acelerar o programa de armamentos nucleares da China.

Não seria surpreendente que a China utilizasse os mais recentes equipamentos e tecnologia norte-americana para melhorar os seus mísseis balísticos intercontinentais, disse.

O tom do comentário de Derachov reflecte uma séria inquietação por parte do Kremlin acerca dos resultados da visita de Ziang, que chegará a Washington a 11 de Junho, bem como um resfriamento da atitude soviética para com Pequim, após dois anos de esforços para melhorar as suas relações com a China.

Guerra química

Os maiores exércitos do Mundo estão a mostrar um interesse crescente pela guerra química, diz-se numa nova edição do anuário da editorial Jane's sobre equipamentos militares, divulgado em Londres.

Os militares norte-americanos retomaram o armazenamento de armas químicas modernas e fizeram progressos na produção de uma forma mais avançada de defesa química, lê-se na quinta edição de «Veículos Militares e Equipamento de Apoio Terrestre de Apoio».

O exército da República Federal da Alemanha considerou de «primordial importância» a criação de equipamento melhorado para a descontaminação de zonas atacadas por armas químicas e o exército britânico está a trabalhar num «nariz» portátil para detectar produtos químicos.

Um dos desenvolvimentos mais significativos neste domínio é a produção de um detector de gás de nervos que e «suficientemente pequeno para servir, como sistema de alarme individual».

«Houve um definitivo desvio de interesse em direcção ao desagradável tema da guerra NBQ (Nuclear, Biológica e Química) durante 1983», escrevem os editores Christopher Foss e Terry Gander na introdução ao volume de 800 páginas.

Também a criação de minas «conheceu um novo e aterrador desenvolvimento», com novas minas não metálicas que poderão ser quase impossíveis de detectar.

Cimeira

A Suécia, FInlândia e Grécia defenderam na quarta-feira a realização de uma cimeira entre os Estados Unidos e a União Soviética para reatamento das negociações sobre euromísseis.

Os primeiros ministros dos três países, o sueco, Olof Palme, o finlandês, Kalevi Sorsa, e o grego Andreas Papandreu, que assistem como convidados ao Congresso do Partido Social-Democrata finlandês, publicaram, um comunicado afirmando que é preciso sair do ponto zero nas relações entre as duas grandes potências, para o que é necessário preparar cuidadosamente um encontro, a alto nível», entre os seus dirigentes.

Os primeiros-ministros signatários asseguram que vão prosseguir esforços para manterem a zona escandinava e os Balcãs sem armas nucleares.

Além disso, defenderam a criação de um corredor livre de mísseis atómicos, na Europa Central, mediante acordos e limitação de forças.

Os três dirigentes europeus manifestaram o desejo de que a conferência de Estocolmo obtenha rápidos resultados.

Um "empecilho" chamado Hart

Eduardo Rebelo

1 *A vitória de Gary Hart nas primárias da Califórnia – que as agências noticiosas teimam em classificar de* «surpreendente *depois de durante as últimas semanas a terem dado como muito provável – prognostica uma das mais agitadas Convenções do Partido Democrático.*

Walter Mondale, embora reclamando o apoio de 2008 delegados à Convenção de Julho, em Los Angeles, não conta, formalmente, com os 1967 delegados indispensáveis à nomeação como candidato dos democratas.

Na contabilidade eleitoral *do senador do Minnesota e vice-presidente durante a Administração Carter, estão já* lançados *alguns dos 212 delegados desvinculados (não comprometidos) a designar até ao fim deste mês e os quais, juntamente com os delegados eleitos, formarão a* grande assembleia *de Los Angeles.*

Ora o voto destes últimos – eleitores privilegiados não sujeitos ao escrutínio popular – é instável. Teoricamente, desde o momento em que qualquer deles se comprometa com um dos candidatos, este poderá contar com o seu voto. Na prática, porém, é o grande jogo de influências, que se desenvolve durante a Convenção, quem determina a opção final.

É um facto que, neste momento, Mondale se encontra mais próximo da nomeação do que o seu rival. Mas Gary Hart não se mostra disposto a abandonar a luta – mesmo sob pena de ser considerado um «empecilho», *para repetir a advertência mal humorada do presidente da Câmara dos Representantes, Thomas O'Neil, inquieto com o sentido do voto dos californianos.*

2 *Gary Hart. Senador do Colorado, 46 anos de idade. O mais alto cargo obtido como membro do Senado foi o de chefiar os democratas na Subcomissão das Forças Armadas para a Construção Militar e na Subcomissão do Meio Ambiente para o Regulamento Nuclear. Resumindo: um desconhecido.*

Quando anunciou a sua candidatura, poucos o levaram a sério. Deu-se mais importância ao herói *da conquista do Cosmos, John Glenn. Para Hart, ficou a ironia dos* media, *uma dúzia de linhas biográficas nos folhetos de propaganda oficial.*

Depois, a 28 de Fevereiro, foram as primárias de New Hampshire. Dezoito representantes em disputa. Hart, o desconhecido, cilindrou os oponentes.

Os órgãos de comunicação, com os olhos postos em Walter Mondale, continuaram a menosprezar o senador do Colorado. Todavia, para uma boa parcela do público, era o regresso aos anos 60.

3 *Qualquer tentativa para abordar a sociedade norte-americana deverá ter como pressuposto tratar-se de um povo fundamentalmente moral, enredado num esquema de valores cujas raízes mergulham num certo* pioneirismo – *a nostalgia do Oeste, não assumida mas quase sempre presente.*

Com tais características, a sociedade americana vive intensamente os seus traumas. Um deles chama-se Kennedy, um pesadelo nunca exorcizado.

A primeira vitória de Hart surgiu precisamente quando, à margem da campanha de desmistificação imediatamente lançada pela Imprensa e, sobretudo, pela Televisão, o público o identificou com o malogrado representante do grande clã *irlandês.*

Como Kennedy, em 1960, ninguém apostara nele. Mas como Kennedy, frente a Nixon, também iniciava a corrida com uma rotunda vitória em New Hampshire.

Que mais era preciso para ressuscitar o mito?

4 *É evidente que só o carisma não chega para fazer o candidato.*

São múltiplas as fraquezas de Gary Hart que, desde o início da sua campanha, não conseguiu definir um programa coerente, quer em matéria de política interna quer de política externa.

Para além disso, carece de apoios fundamentais, não só no próprio partido, como nos grandes grupos de pressão, *desde a comunidade negra aos sindicatos. Tudo leva, pois, a crer que o ex-voluntário das campanhas dos irmãos Kennedy e de George McGovern, não sobreviverá à Convenção do Partido Democrático.*

Mas Hart tem sido um homem-surpresa. *Esta madrugada, um dos mais autorizados comentaristas da cadeia de televisão CBS, Lark McCarthy, confessava que* ninguém se admirará se Hart se impuser na Convenção de Julho. *E as sondagens indicavam-no como o democrata melhor colocado para enfrentar Reagan, se as eleições se realizassem agora.*

Com o lema «Mudar a Nação após a vitória de Novembro», *Gary Hart está disposto a contestar até ao fim a afirmação de Walter Mondale de que* «a corrida para a maioria acabou».

UM CHARUTO OU UMA CIGARRILHA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pelo Quarto Juízo-Primeira Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de acção de Contrato Individual de Trabalho com processo Sumário, registados sob o número de ordem 6/83, em que é Autora MARIA DE LOURDES DOS SANTOS, residente na Estrada do Louseiro 23 – LISBOA e Ré MULTIAÇO – Técnica e Importação Ld.ª, cuja última sede conhecida foi na Calçada do Galvão 169 – LISBOA, e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a Ré acima identificada, a qual tem o prazo de OITO DIAS, decorridos os dos éditos, para contestar a acção acima referida, sob pena de não o fazendo, ser condenada imediatamente no pedido constante da petição inicial.

O duplicado da petição inicial, ficará ao dispor da Ré nesta Secção de Processos.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa e Quarto Juízo – Primeira Secção do Tribunal do Trabalho aos trinta de Abril de mil novecentos e oitenta e quatro.

O Juiz de Direito
a) Dr. Sousa Prates

O Escrivão Adjunto
a) Olga Pereira

«D.L.» – 7/6/84 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 2.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 14 de Junho de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp-5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Sociedade de Construções Nunes & Simões, Ld.ª com sede na Av.ª 5 de Outubro 158-10.º Lisboa, no processo executivo n.º 282/80, instaurado por dívida à Caixa Geral de Depósitos.

BENS PENHORADOS

Fracção F — 1.º Esq.º com o valor matricial de 825 840$00, sendo a base de licitação de 1 750 000$00.
Fracção G — 2.º Dt.º com o valor matricial de 666 000$00, sendo a base de licitação de 1 500 000$00.
Fracção H — 2.º Esq.º com o valor matricial de 799 200$00, sendo a base de licitação de 1 750 000$00.
Fracção I — 3.º Dt.º com o valor matricial de 666 000$00, sendo a base de licitação de 1 500 000$00.
Fracção J — 3.º Esq.º com o valor matricial de 799 200$00, sendo a base de licitação de 1 750 000$00.
Fracção L — 4.º Dt.º com o valor matricial de 666 000$00, sendo a base de licitação de 1 500 000$00.
Fracção P — 6.º Dt.º com o valor matricial de 666 000$00, sendo a base de licitação de 1 500 000$00.
Fracção Q — 6.º Esq.º com o valor matricial de 852 500$00, sendo a base de licitação de 1 750 000$00.
São citados quaisquer credores incertos de desconhecidos.

Lisboa, 31 de Maio de 1984
O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaista Malheiros)
O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alvelos)

DL – 7/6/1984

CAIXEIRO DE MAR

Empresa dedicada ao ramo de Shipchandler procura colaborador com grandes conhecimentos do ramo e boa actividade junto dos agentes.

Reposta indicando habilitações técnicas e profissionais bem como ordenado pretendido a este Jornal ao n.º 7601.

GEOBRA – GABINETE DE ESTUDOS DE DECORAÇÃO E OBRAS, S.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral da Geobra-Gabinete de Estudos de Decoração e Obras, S.A.R.L., para se reunir em sessão ordinária, às 15 horas no dia 28 de Junho de 1984, em Lisboa na Rua dos Açores n.º 54-1.º Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciar e aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e contas e o parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1983.
2.º — Tratar de assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 4 de Junho de 1984

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(Rui Manuel de Carvalho Isidro e Paiva)

POUPE COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INFORMÁTICA

CONVOCATÓRIA

Para cumprimento do parágrafo único do Artigo 41.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Regional Extraordinária da API para o dia 15 de Junho de 1984, a realizar na sede da Associação, Av. Almirante Reis, 127-1.º Esq.º Lisboa, às 21 horas, em 1.º convocatória, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apreciação de pedidos de demissão de membros da Direcção;

2. Eleições dos membros de Direcção para preenchimento de vagas, até ao fim do mandato.

As candidaturas pòdem ser apresentadas até ao momento em que se iniciar o ponto 2. da ordem de trabalhos.

O Presidente da Mesa
J. Alves Lavado

NÃO FUME

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

EXPRESSO «S. JOÃO»
EXPRESSO «BERLENGAS»
EXPRESSO «D. LEONOR»
EXPRESSO «CHOUPAL»

TERMINAL NO PORTO — Rua Alexandre Herculano, n.º 366

PENICHE — LEIRIA — COIMBRA — PORTO

NOVOS SERVIÇOS

A		A*				A	A	
	07,05		14,45	PENICHE	12,20			20,50
	07,35	11,45	15,15	CALDAS DA RAINHA	11,50			20,20
	07,48		15,30	ALFEIZERÃO	11,35			20.07
	07,51		↓	S. MARTINHO DO PORTO	↑			20,04
06,35	08,05	↓	15,50	NAZARÉ	11,15		17,15	19,50
↓	↓	12,15	16,05	ALCOBAÇA	11,00		↑	↑
		12,37	↓	BATALHA	↑			
06,47	08,17	↓	↓	PATAIAS	↑		17,03	19,38
07,00	08,30	↓	↓	MARINHA GRANDE	↑		16,50	19,25
07.15	08,45	12,50	16,40 C	LEIRIA	P 10,25		16,35	19,10
07,20	08,50	13,00	16,45 P		C 10,20		16,25	19,05
07,50	09,20	13,30	17,10	POMBAL	09,55		15,55	18,35
08,25	09,55	14,05	17,50 C	COIMBRA	P 09,15	-	15,20	18,00
08,35	10,25	14,15	18,20 P		C 09,10	11,45	15,00	17,30
	↓	↓	18,50	ANADIA (Cx)	08,40	↑	↑	↑
	11,10	15,00	19,10	ÁGUEDA	08,15	11,00		16,45
	11,25	15,15	19,30	ALB.-A-VELHA	08,00	10,45		16,30
	↓		19,40	BRANCA	07,50	↑		
	11,45	15,35	19,50	OLIV. DE AZEMÉIS	07,40			16,10
	12,00	15,50	20,05	S. JOÃO DA MADEIRA	07,25			15,55
10,05	12,45	16,25	20,40	PORTO	06,50	10,00	13,30	15,10

Alterações a partir do dia 15/05/84

OBSERVAÇÕES:
* — Com mudança de Autocarro em Coimbra
A — Excepto Sábados, Domingos e Feriados
— Restantes horários efectuam-se diariamente

Para mais informações:

LISBOA — Telefones: 725807 — 725832 — 725854
(Dias úteis das 08H00 às 20H00)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

2.ª Secção **3.º Juízo**
Proc. 806/84

FAZ SABER que pela 2.ª Secção deste Juízo se encontram pendentes uns autos de acção de despejo registados sob o n.º 806/84 em que são autores Analia Telo Simões Carrolo e marido Manuel Augusto Simões Carrolo, residentes na Rua Marquês da Fronteira, n.º 123-2.º Esq.º, em Lisboa e Réu José Augusto Ruas, solteiro, agente de vendas, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua do Viveiro, n.º 6, Monte Estoril, é citado este réu para comparecer pessoalmente neste Tribunal no dia 15 do próximo mês de Junho pelas 12.15 horas, a fim de ter lugar a tentativa de conciliação a que se refere o art.º 972 do Código Processo Civil, nos autos acima referidos, podendo-se fazer representar por mandatário com poderes especiais para transigir, e ainda para, no prazo de cinco dias a contar da data da tentativa de conciliação e no caso desta se frustrar, contestar querendo a referida acção cujo pedido consiste no despejo de um quarto na cave do prédio inscrito na matriz respectiva sob o artigo 2224-F sito na Rua do Viveiro n.º 6, Monte Estoril, por falta de residência permanente e a cedência da habitação por parte do réu sob pena dos autos prosseguirem à sua revelia.

Cascais, 16 de Maio de 1984
O Juiz de Direito
a) Alberto João Borges

A Escrivã Adjunta
a) Maria Teresa Sousa

«D.L.» – 7/6/84 – 2.º Pub.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES - E. P.

DIRECTORAS DE CENTROS DE FÉRIAS

Os CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP, pretendem contratar para os seus Centros de Férias, pelo período de 30/6 a 17/8/84:

— **1 Directora para a Praia das Maçãs**
— **1 Directora para a Praia de Valadares**

As candidatas deverão possuir:

— Curso de Assistente Social
— Curso de Educadora de Infância ou equivalente.

As interessadas deverão contactar directamente ou por escrito o

Serviço de Recrutamento da CP
Calçada do Duque, n.º 20
1294 LISBOA CODEX

até 24/5/984.

Jum dois três

RTP
concurso

Nome _____ **Idade** ____ **Tel:** _____

Morada _____ **Profissão** _____

Tem Televisor ? _____ **Nº Licença** _____

Acompanhante _____ **Idade** _____

Profissão _____

Cupão a enviar colado em bilhete-postal para Concurso «1-2-3», Apartado 4315 — 1507 Lisboa Codex

Sector cooperativo reúne-se no fim-de-semana

As questões da coordenação nacional do movimento cooperativo e das relações deste com o Instituto António Sérgio (INSCOOP) deverão ser os aspectos mais polémicos do Encontro Nacional do Sector Cooperativo, que se realiza no próximo fim-de-semana, na Faculdade de Letras, em Lisboa. Preparada intensamente desde há cerca de dois anos, esta reunião magna do sector deverá exceder todas as expectativas em matéria de participação e representará todos os ramos e sensibilidades do movimento.

Membros da Comissão do Encontro Nacional do Sector Cooperativo, ontem, durante a conferência de Imprensa

A intercooperação e as relações Estado/Cooperativas constituem os dois grandes grupos de temas que serão debatidos na Faculdade de Letras. No final dos trabalhos será aprovada uma declaração final que reunirá as conclusões do Encontro.

Para já, e na sequência de um amplo debate regional, levado a cabo desde há alguns meses em diversos pontos do País, foi possível preparar alguns documentos, que reuniram um vasto consenso, sobre as matérias agendadas para o Encontro.

Assim, a proposta da Comissão Nacional sobre a intercooperação no seio do movimento aponta não para a criação de uma Confederação das Cooperativas Portuguesas, mas sim para a instituição de uma Comissão Nacional do Sector Cooperativo. Uma outra proposta alternativa defende porém a formação da referida Confederaão, havendo ainda algumas federações de cooperativas que pretendem uma Comissão Nacional do Sector, mas com um papel muito mais apagado que aquele que lhe atribui a proposta da Comissão Nacional do Encontro.

Este documento foi alvo de um debate aprofundado na fase preparatória do Encontro e contou com a introdução de diversas alterações propostas por diferentes estruturas do movimento.

No projecto sobre «o posicionamento do movimento cooperativo face ao Estado e Orgânica do Estado perante o sector cooperativo», defende-se «a obrigação do Estado apoiar as cooperativas no quadro da sua liberdade de funcionamento e organização, por um lado, e das cooperativas e o sector, de forma responsável e no respeito dos princípios cooperativos, contribuirem para a resolução das carências económicas, sociais e culturais das populações em que as inserem, por outro».

O Encontro deverá, além disso, exigir a aplicação prática de numerosa legislação sobre as cooperativas que é «sistematicamente ignorada». O papel do movimento no INSCOOP será igualmente debatido, apontando a proposta da comissão para uma intensificação deste papel, enquanto que em proposta alternativa se defende a passagem do Instituto para o controlo directo do movimento. Quanto às reivindicações a sair da reunião prevê-se que seja pedido o «termo de perseguição fiscal que tem sido levada a cabo junto das cooperativas», sendo igualmente exigidas diversas alterações ao Código Cooperativo. Neste domínio, defende o documento da Comissão Nacional do Encontro, o Código deverá ser modificado no que respeita ao seu «enquadramento geral, com a liberdade de organização e intercooperação das cooperativas, a desburocratização e o funcionamento» das mesmas. A questão da liberdade de criação de uniões polivalentes de diferentes ramos de actividade é uma reivindicação expressa, que aliás parece ir ao encontro de um projecto de revisão do código actualmente em curso, a que ontem se referiu na RTP o secretário de Estado do movimento cooperativo.

Seguradoras privadas já têm regulamento

Nenhuma companhia privada de seguros poderá constituir-se em Portugal sem o capital mínimo de 350 mil ou 200 mil contos consoante pretenda explorar seguros de vida ou seguros dos ramos «não vida».

Esta uma das disposições da regulamentação da constituição de companhias de seguros hoje publicada no «Diário da República» na sequência da abertura da actividade seguradora à iniciativa privada operada em Novembro do ano passado.

Além das seguradoras públicas ou de capitais públicos criadas por força da lei portuguesa, poderão, a partir de agora, exercer a actividade seguradora sociedades anónimas de responsabilidade limitada, mútuas de seguros e agências gerais de seguradoras estrangeiras.

A constituição de seguradoras privadas depende de autorização conjunta do Primeiro-Ministro e do ministro das Finanças e do Plano, precedida de parecer do Instituto de Seguros de Portugal.

A autorização só pode ser concedida desde que a criação da seguradora dê satisfação às necessidades do mercado segurador e os seus promotores se comprometam a adoptar a forma de sociedade com capital social não inferior ao mínimo estabelecido

Sem qualquer ligaçaõ ao sector

Empresários vindos de Angola e Moçambique tentam criar 'banco cooperativo'

Envolvido num vasto conjunto de contradições e de aspectos algo surrealistas, foi ontem apresentado à Imprensa, em Lisboa, o projecto de constituição de um «banco cooperativo» cujos promotores reconheceram não ter qualquer ligação com o actual movimento cooperativo português. Mais do que isso: a iniciativa surge dinamizada não por uma cooperativa, mas por uma simples associação cívica – a «Aliança Bancoop – Associação Organizativa do Banco Cooperativo Português».

«Repensar o país e criar uma unidade de destino para que reafirmemos a nossa existência comunitária, acentuada em finalidades sociais económicas e culturais bem caracterizadas e proclamar a nossa continuação como Nação, como Pátria», foi uma das finalidades que o presidente do Conselho de Administração da Aliança Bancoop, Caetano de Oliveira Nunes, atribuiu ao banco que deseja criar. A iniciativa, que se deverá traduzir, no prazo de um mês, no pedido de autorização ao Ministério das Finanças para constituição do banco, partiu de Oliveira Nunes e de um grupo de pessoas que se reivindicam de uma larga experiência em diferentes actividades empresariais, algumas de carácter cooperativo, desenvolvida nas antigas colónias de Moçambique e Angola.

De acordo com o que ontem foi dito na conferência de Imprensa organizada para tornar público o projecto, apenas um dos seus promotores, João de Abreu Cotrim, não vem dessas antigas colónias. O próprio insistiu aliás que o objectivo do grupo não reside na criação de «um banco de saudosismo neocolonialista.»

Segundo o presidente da Aliança Bancoop, a presente iniciativa representa, de certo modo, o retomar de um outro projecto no mesmo sentido que, em 1962, foi apresentado ao Ministro das Colónias de então e que nunca chegou a ter resposta. Desta vez, Caetano de Oliveira Nunes acalenta a esperança de ter, pelo menos, uma resposta no prazo de seis meses. Caso a autorização do Ministério das Finanças acabe por chegar o banco será instalado meio ano depois, afirmou.

50 mil sócios – procuram-se

Para conseguirem juntar o milhão e meio de contos de capital necessário para a constituição de um banco os responsáveis da Aliança Bancoop estão a desenvolver esforços no sentido de arranjar cerca de 50 mil sócios que contribuam com uma média de 30 contos cada um. O projecto poderá, no entanto, assumir outras características já que a lei apenas exige um mínimo de 10 sócios para um capital de milhão e meio de contos.

Até à constituição do banco, para a qual se conta fundamentalmente com a participação de pessoas ligadas ao movimento cooperativo e às antigas colónias, o capital angariado ficará confiado à Aliança Bancoop. Esta associação será, entretanto, gerida pelos seus actuais corpos gerentes sociais eleitos pela «assembleia de fundadores reunidos, independentemente de qualquer formalidade de convocação», para aprovar os estatutos e proceder a essa eleição, conforme se diz no artigo 20.º do pacto social. De acordo com o parágrafo único do seu artigo 13.º «os membros do Conselho de Administração (da Aliança Bancoop) pode ser remunerados mediante deliberação conjunta com o Conselho Fiscal.

A questão do carácter cooperativo desta iniciativa e da própria viabilidade jurídica desse fórmula foi entretanto amplamente abordada na conferência de Imprensa. Segundo afirmou o próprio presidente do Conselho de Administração, a associação promotora do Bancoop não assumiu a forma cooperativa porque «era mais fácil» levar por diante o projecto enquanto associação.

Mais tarde, disse, o banco criar-se-á como cooperativa do ramo de crédito. A possibilidade legal de criação de uma instituição especial de crédito com estas caracteristicas e surgida de um projecto desta natureza, não ficou no entanto muito clara. Segundo fontes cooperativas exteriores à associação, tal nunca poderá vir a acontecer por razões de ordem jurídica, relacionadas com a definição desse tipo de instituições.

Quanto à ligação existente entre este grupo e o movimento cooperativo, Caetano Nunes reconheceu que foi considerado preferível estabelecer contactos só depois de o projecto se ter tornado uma realidade. Nesta fase, disse, tudo o que existe é a participação com pessoas isoladas, tendo citado Marmelo Ribeiro, um responsável por uma cooperativa de habitação de Rio de Mouro (Sintra), a Coopalme. A nível internacional, afirmou ter ligações com a «embaixada sueca», uma cooperativa do mesmo país e cooperativas de crédito suíças.

O papel do movimento cooperativo neste projecto e as relações entre os dois foram no entanto permanentemente referidas nas palavras de Caetano Nunes: «A situação de dependência do cooperativismo relativamente aos poderes interessados e empenhados e em contrariá-lo e em impedi-lo só terminará quando o movimento cooperativo dispuser de estabelecimentos de crédito próprios, internos do movimento, com raízes saídas de dentro do próprio movimento cooperativo e que administre esse crédito a favor dos seus associados que será utilizado no uso dum direito próprio», disse.

D. Branca e Alves dos Reis

Ainda a propósito desta pelo menos aparente contradição entre as profissões de fé cooperativistas e a ausência de ligação à realidade cooperativa do País, João Cotrim, o único promotor do Bancoop que usou da palavra além de Caetano de Oliveira, foi mais claro: «Nós não estamos partidarizados e por isso não nos ligámos a nenhuma federação de cooperativas». Segundo disse, o movimento cooperativo português está partidarizado e corre o risco de vir a ser «dominado por um único campo ideológico». Na sua opinião, isso poderá vir a acontecer no próximo fim-de-semana com a «tentativa de criação de uma única confederação de cooperativas que envolva o controlo partidário de todo o movimento». João Cotrim referia-se aqui ao Encontro Nacional do Sector Cooperativo que decorre no próximo sábado e domingo em Lisboa, e cuja realização parece, por si só, contrariar as afirmações daquele animador da Aliança Bancoop. A proposta de criação de uma confederação não apoiada pela Comissão Nacional do Encontro, parece vir aliás de sectores mais ligados ao PS do que a qualquer outro partido.

Curiosamente João Cotrim atacou, duramente, uma outra frente do movimento cooperativo, a única virada para o crédito, que é conhecida pelas suas ligações ao PSD e ao CDS. Trata-se das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, que Cotrim classificou como «uma maneira ardilosa de entrar no controlo do crédito».

Finalmente, refira-se que muitos dos homens agora envolvidos nesta iniciativa, que fontes do movimento cooperativo consideram como «uma mistura entre as ideias da D. Branca e de Alves dos Reis que nada tem a ver com o cooperativismo», estiveram em 1977 ligados à tentativa de criação da EMICOOP.

Esta cooperativa cuja criação nunca chegou a ser autorizada por ser considerada contrária aos princípios do movimento cooperativo destinava-se, essencialmente, a canalizar para o sector da construção civil as poupanças dos emigrantes. De acordo com Caetano Nunes, o projecto que também passou pelas mãos de Almeida Santos, ainda não foi abandonado e durante o último governo foram feitas várias diligências junto do «inefável secretário de Estado da Emigração, José Vitorino».

O que traz a Agência Internacional de Energia Atómica

Continuação da pág. 2

so em diapausa do nosso batráquio... nem lhe permitem que mude a pele... É intrigante!

O QUE TRAZ A AIEA

A AIEA veio falar «da problemática nuclear dos nossos dias», como dissemos. Sua Excelência o secretário de Estado da Energia, que recebeu a delegação e presidiu à sessão de abertura, **esqueceu-se de agradecer à AIEA a dávida que o nosso país vai receber no valor de 79 milhares de rublos** (cerca de 15 mil contos). Trata-se de uma instalação para radiação nuclear, fonte de Co 60, Cobalto-60 que vai funcionar em edifício a construir no LFEN, em Sacavém. A **Instalação Co 60** vai permitir aplicações práticas nos campos da medicina, da indústria e de produtos agrícolas e alimentares e vai ter grande utilidade em certos sectores da vida económica nacional. Ora a instalação é proveniente da empresa soviética **Techsnabexport,** 32/34 Smolenskaya-Sennaya P1. 121200, Moscovo, URSS, tel 244 52 85, é **oferecido (gratuitamente) à AIEA que a encaminha, por sua vez, para Portugal.**

Assim se compreende que qualquer referência pública do secretário de Estado a este facto, forçaria os nossos visitantes a esclarecerem: – Não tem de quê, quem faz a oferta é o País dos Sovietes...

15 000 contos que possivelmente ultrapassam os custos dos recentes almoços dos franceses, alemães, americanos que, a pretexto de equipamento nuclear, satisfizerem estômagos e aplacaram consicências!

(1) As centrais nucleares, para que se justifique o custo elevado da sua instalação, devem funcionar quase em permanência, isto é, com elevado factor de utilização.

(2) J. G. Teixeira – «Da Energia que temos à Energia que Queremos», 1976, pág. 114...

(3) O PEn-82 trabalha sobre valores não definidos com exactidão mas que rondam 100 milhões de contos (valores de 1980), incluindo encargos financeiros. Um técnico de Planeamento da EDP actualizou aquele custo para valores de 1983 e 1984, obtendo respectivamente 250 e 350 milhões.

REAL FEITORIA

DESPORTO

Sporting: eleições

Marcelino de Brito anunciou candidatura

Tempo de eleições no Sporting Clube de Portugal. Acontecerá no próximo dia 29. Concorrentes: João Rocha e Marcelino de Brito, no topo das listas em confronto. O primeiro que há 11 anos lidera o executivo do clube, o segundo, que se apresenta como opositor. Ontem, os elementos da oposição anunciaram oficialmente a sua candidatura, tendo, em reunião com os órgãos de Comunicação Social, (estando presentes várias dezenas de associados da colectividade), Marcelino de Brito, Lopes Marques, José Manuel Torcato, Nuno Xara Brasil e seus parceiros revelado o «programa de acção».

Um programa ambicioso como e norma nas diferentes campanhas eleitorais. Uma candidatura que justificam, vincados no «desencanto que grassa por todos os associados, face à inexistência de uma adequada política desportiva e aos humildes resultados conseguidos em diversas modalidades, nomeadamente no futebol profissional».

Outro ponto do seu «manifesto»: «após os consecutivos desaires desportivos e económico-financeiros do clube nestes últimos anos, a grande maioria da massa associativa está perfeitamente consciente da gravidade da situação a que se deixou chegar o clube». Mais esta tese: «porque não há iluminados que possam resolver todos os problemas no segredo dos gabinetes, há que devolver aos associados o direito de participarem nas grandes decisões do clube e, sobretudo, devolver-lhes o inalienável direito de fazerem ouvir a sua voz». No domínio do futebol profissional, eterno barómetro que mede a «temperatura dos clubes» eis a promessa: «irá dispor de uma equipa fortemente competitiva no plano nacional e internacional, adequando, correctamente, a estrutura do respectivo departamento, recusando a desorganização e a improvisição que o tem caracterizado». Anuncia-se ainda a «criação de uma equipa técnica liderada por um treinador cotado e prestigiado internacionalmente».

Questão polémica, o estatuto que rege a actividade da Sociedade de Construções e Planeamento e questionada pela «oposição» nestes termos: «É necessário saber como se processa o seu funcionamento, como é gerida, como está a ser executado o seu programa de investimentos, que capitais movimenta, quanto custa ao clube a concretização dos seus projectos».

Numa das suas diversas e vigorosas intervenções Marcelino de Brito, afirmaria: «Os sócios do Sporting nada sabem do Sporting. Queremos acabar com o sentimento de posse que existe hoje com o actual presidente da direcção. Se for preciso faremos uma peritagem à escrita, todavia, pensamos não ser necessário porque não se crê que a escrita não seja transparente». Marcelino de Brito mostrou-se contrário à decisão dos dirigentes em exercício na contratação de um treinador de futebol, considerando ser atitude extemporânea e com efeitos demagógicos. A sessão foi demorada, cabendo ao professor Lopes Marques o mais exaustivo depoimento enquanto José Manuel Torcato foi contundente na análise às questões ligadas ao sector futebolístico, não poupando duras acusações aos dirigentes comandados por João Rocha. Destaque para a presença de Romeu Branco, José Arsénio, Artur Correia (antigo futebolista), dr. Jorge Fagundes (antigo presidente da FPF) além de muitos outras figuras de relevo na vida do clube «leonino».

Começou a campanha. Sporting em período eleitoral. A «guerrilha» está iniciada e o nosso voto é de que seja para engrandecimento do grande e prestigiado clube.

A.H.

Marcelino de Brito acompanhado pelos «seus homens» do futebol: Durvalino Neto, José Manuel Torcato e Manolo Vidal

Hóquei em campo

Ramaldense na Áustria

A equipa de hóquei em campo do Ramaldense partiu do aeroporto de Pedras Rubras para Viena de Áustria, onde disputará as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus: O campeão de Portugal disputará três jogos, defrontando sucessivamente o Armien Adria Wien (Áustria), no dia 8, o Racing Clube de France (França), no dia 9 e o The Grange (Escócia), no dia 10. Esta fase da competição disputa-se em «poule» e os dois primeiros classificados ficarão apurados para a fase final.

Integram a caravana do Ramaldense o presidente da direcção, António Santos Reis, o secretário António Sousa e Silva, o seccionista Fernando Camilo Baptista, o treinador Manuel Pereira, o preparador físico Francisco Baptista, o massagista Antero Martins e 15 jogadores: Mário Freches e Artur (guarda-redes), Litos, Fontes, Armando, Ruge e Dionísio (defesas), João Baptista, Pinho e Júlio Mários (médios), Nela, Agostinho, Coelho, Lucas e Terra (avançados).

Uma campanha "explosiva"

A campanha eleitoral para os corpos gerentes do Sporting Clube de Portugal está aí com toda a força: e, se cada um dos candidatos utiliza as armas que tem, vai ser um caso muito falado.

Marcelino Brito, o candidato que se opõe a João Rocha, tem vindo a desdobrar-se em entrevistas. Com impacte, diga-se de passagem. Ainda ontem dizia na primeira página da «Gazeta dos Desportos»: **dinheiro não é o nosso problema.**

A chave para tão endinheirada afirmação (que caiu que nem uma bomba) estava, porém, numa reportagem de «o diário» que, por coincidência, titulava ontem em manchete: «Marcelino Brito e Roque Lino: o negócio é armas».

Aí está: segundo «o diário» o **negócio da morte fez em poucos anos a fortuna de Marcelino Brito,** que teve uma trajectória rapidissima **de amanuense da Sociedade de Explosivos, a titular de conta bancária na Suíça.** E acrescentava aquele matutino: **o negócio de armas tem a sua sorte particular, a sua aventura e os seus lucros de milhões. Pelo menos na divisão dos lucros participa também o sócio Roque Lino, deputado e dirigente nacional do PS.**

O caso promete. À tarde, Roque Lino distribuiu aos jornalistas que trabalham na AR a informação de que vai processar «o diário» e o seu director, Miguel Urbano Rodrigues. Mais comedido, Marcelino Brito, em conferência de Imprensa de apresentação do seu programa eleitoral, recusou-se a falar no caso. Abriu, contudo, uma excepção e respondeu ao repórter de «A Bola». **Penso** (disse) **que «o diário» foi mal informado. Durante o tempo em que decorrer a campanha não respondo a provocações. Não posso contudo deixar de referir a coincidência desta notícia ter saído no dia da conferência de imprensa, a dois dias da assembleia geral e durante a campanha eleitoral.**

Dentro do Sporting, pois, a luta continua. Explosiva. De armas na mão.

EF

Europeu comanda futebol

A Dinamarca, finalista do Campeonato da Europa, venceu a Suécia por 1-0, em Gotemburgo, em encontro particular. Preben Elkjaer, aos 44 minutos, marcou o único golo do encontro.

Bilhetes: à beira do milhão

Mais de três quartos dos bilhetes para os jogos da fase final do campeonato europeu de futebol estão vendidos revelou o diário alemão federal «Stadt Anzeiger».

O Diário de Colónia citando fontes da organização do campeonato, afirma que já foram vendidos 745.175 bilhetes (84 por cento do total), que renderam 15 milhões de marcos (mais de 750 mil contos).

Em Itália, no anterior campeonato europeu, as receitas provenientes da venda de bilhetes atingiram os 13 milhões de marcos.

A média de espectadores por jogo no campeonato em França,mesmo faltando vender 16 por cento dos bilhetes, ronda os 42 mil por desafio.

RFA: Justiça dura

O seleccionador alemão federal Jupp Derwall multou dois jogadores em mil marcos (50 contos) por terem estado fora do hotel a beber cerveja na véspera da partida para o «Europeu». Derwall disse aos jornalistas que Lothar Matthaeus e Hans-Guenter Bruns admitiram ter chegado ao hotel em Francoforte duas horas depois da hora marcada (23h00).

Disse que os jogadores confessaram ter estado a beber **«umas cervejas com um amigo e esqueceram-se das horas, mas negaram rumores que uma mulher tinha também estado presente.**

A selecção da Alemanha Federal, campeã da Europa, viajou 3.ª-feira para Paris, sendo a primeira equipa estrangeira a chegar a França para o «Europeu». Algumas pessoas nunca aprendem. Os dois quebraram as regras disciplinares e comprometeram-se a eles e a toda a equipa, declarou Derwall. Matthaeus, que alinha tal como Bruns no Moenchengladbach, lamentou o sucedido e sublinhou que **«a multa foi bem imposta».**

O caso é aborrecido para Derwall, que é frequentemente acusado pela Imprensa germânica de dar muita liberdade aos jogadores. A Alemanha Federal estreia-se no dia 14, em Estrasburgo, frente a Portugal e depois joga com a Roménia (Dia 17) e a Espanha (20).

Particular

A Noruega venceu o País de Gales por 1-0, em jogo particular realizado em Trondheim. Arne Larsen Oekland marcou aos 76 minutos o golo da vitória norueguesa.

Grécia: «Taça»

O Panathinaikos (de Atenas) conquistou a «Taça da Grécia» ao vencer na final o Larissa por 2-0. Os golos foram feitos por Dimopoulos e Antoniou.

Suíça: Campeonato

O Grasshoppers (de Zurique) e o Servette (de Genebra) têm de efectuar uma finalíssima para apurar o campeão suíço, depois de terem terminado em igualdade, ontem, o Torneio 83/84. O jogo decisivo está fixado para o dia 15, em Berna.

O Servette estava em vantagem mas não conseguiu melhor, em casa, do que empatar (1-1) com o Xamax Neuchatel na última jornada, sendo igualado pelo campeão (Grasshoppers) que bateu por 3-1 o Wettingen.

Placard

Correr no Jamor

Dia 17 do corrente, o Grupo de Manutenção do Estádio do Jamor leva a efeito uma prova pedestre na extensão de 10 000 metros, aberta a todas as categorias de praticantes. A competição insere-se nas comemorações do 40.º aniversário da inauguração do Estádio Nacional. A organização é rubricada pela DGD, Câmara Municipal de Oeiras, Associação de Atletismo de Lisboa e Grupo de Manutenção do Estádio Nacional.

Campeonatos universitários

A Universidade de Coimbra tornou-se campeã nacional universitária de basquetebol, natação, judo e voleibol feminino. Os campeonatos nacionais universitários disputaram-se em Lisboa, Porto, Coimbra e Évora e contaram com a participação de alguns milhares de atletas das diversas universidades portuguesas. Outras representações desportivas da Universidade conimbricense alcançaram o 2.º lugar em atletismo, 3.º em andebol e os 4.º e 5.º lugares, respectivamente em ténis de mesa e futebol.

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 23 DE 10. JUNHO. 1984.

A Cor do Som, 211 X1X X1X X111; Janela Aberta, XX2 X1X 2XX X111; Pontapé de Canto, X11 112 2X2 XX2X; Gazeta de Felgueiras, 211 X11 X12 11X1; Rádio Tobola, 21X X11 212 21X1; O Distrito de Setúbal, 111 11X 212 2XX1; O Diário, 211 111 X12 X121; Correio de Coimbra, 211 X11 X1X X111; Correio do Vouga, X11 X11 111 2111; Defesa de Espinho, 21X X11 X11 X1XX; Diário de Lisboa, 21X X11 X12 X11X; Ecos do Cacia, 112 21X 111 XX11; Eu Sei Tudo, 211 111 211 XX11; Folha do Domingo, 21X 21X 211 1111; Jornal da Beira, 211 211 111 1111; O Jornal da Lixa, 211 211 11X 1111; Jornal de Santo Tirso, 212 211 X12 211X; Jornal de Sintra, 211 X11 111 2X11; Maria da Fonte, 211 211 X12 2111; Notícias de Chaves, 211 X11 212 X1X1; Notícias de Felgueiras, 211 X1X 11X X1X1; Jornal Notícias de Gouveia, 212 111 211 2121; Jornal Notícias de Guimarães, 21X X12 211 2121; O Algarve, X11 112 212 11X1; Rádio Altitude, 211 111 X11 X111; Reconquista, 21X 211 212 1121; RDP/Secção Desportiva, 211 11X 11X 1X11; Jornal A Voz das Beiras, X11 11X 212 X111; RDP-/Desporto em Análise, 211 211 112 XXX1; A Voz do Domingo, 211 111 11X 1111; Voz de Lamego, 211 11X 21X 1X11; RDP/Tempo de Desporto, 21X X11 X12 XX11; O Jornal de Amarante, 211 211 112 X111; RDP/Clube da Manhã, 211 X12 212 221X; RDP/Manhã Manhã, 21X X11 X12 X111; O País, 21X 111 X11 X1XX; Repórter do Marão, X11 21X 212 X211; Gazeta das Caldas, 211 111 111 11X1; Manchete Desportiva, 211 211 112 1121; Penalti, 211 111 11X 11X1; Jornal «1X2», 211 XX1 112 111X; Jornal «O Dia», 211 1X1 112 112 2111; Jornal Linhas de Elvas, 21X X12 11X X112; Notícias de Évora, X11 X1X X1X X11X; Diário de Viseu, 21X 111 X12 2XXX; Notícias de Viseu, 21X 111 X1X X1X1; Jornal do Fundão, 211 21X X1X XX21; Sábado Livre, 211 X12 2X1 11X1; Repórter do Dia, 211 X11 X12 1111; A Voz dos Ridículos, 111 111 112 111X; Jornal da Graça, 211 21X 212 X1X2; Resenha Desportiva, 21X 111 111 X111; Quadrante Norte, 211 X11 11X 111X; Jornal de Notícias, 211 X11 112 X111; Estúdio 64, 211 211 211 21XX; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Alvo Desportivo, X11 11X X11 11X1; O Comércio de Leixões, 211 X11 111 X11X; Jornal de Gaia, 211 111 21X X12X; O Primeiro de Janeiro, 211 112 X12 211X; Rádio Alvo, 21X X12 11X X12X; Rádio Sports, 11X 211 112 1111; Voz do Ave, X11 111 11X 1111; Notícias da Tarde, 211 X11 112 X111; Alvo, 111 XX1 112 X111; Alvo Suplemento, 11X 11X 111 11XX.

assim vai o totobola

	(a)
1. LUXEMBURGO - PORTUGAL	7
2. BELENENSES - VITÓRIA	1
3. CHAVES - MARITIMO	1
4. PENICHE - PENAFIEL	1
5. PRAGA - SALGUEIROS	1
6. VARZIM - GUIMARÃES	1
7. ESPINHO - BOAVISTA	1
8. PORTIMONENSE - ACADEMICA	
9. FARENSE - SETÚBAL	
10. FEIRENSE - LEIXÕES	
11. P.FERREIRA - SANJOANENSE	1
12. GUARDA - COVILHÃ	1
13. C.PIEDADE - ELVAS	1

a)- Nos termos do Art.º 149. [illegible] dos concursos se houver necessidade [illegible] resultado dos jogos não realizados [illegible] curso as bolas entradas [illegible] quantidades de presente [illegible].

DESPORTO

ponta esquerda

Por culpa própria:
Leixões com severo castigo

Os lamentáveis (e condenáveis) incidentes que assinalaram o não mais esquecido encontro futebolístico entre o Leixões e o Gil Vicente (que culminou com a «remessa% impiedosa do árbitro Santos Ruivo e seus companheiros de ofício para o hospital) conheceram o primeiro veredicto dos «conselheiros disciplinares» da Federasção Portuuesa de Futebol, ao determiarem as seguintes penalizações: oito jogos de interdição e cerca de 600 contos de indemnizações ao Gil Vicente e equipa de arbitragem, além de ser aplicada derrota no encontro aos aos matosinhenses. Como é evidente, os dirigentes do Leixões colherão os direitos consignados pelos regulamentos vigentes: e certo é estar já em preparação o recurso para o Conselho Superior de Justiça da FPF. Como quer sque seja, alguns prosálitos leixonenses, ao tomarem a decisão de «fazer justiça por conta própria», para além de haverem praticado acção reprovável do ponto de vista desportivo e moral, lesaram gravemente a colectividade onde acobertam a sua afeição. O processo, vai, certamente, avolumar-se. Aguardemos.

Eriksson já em Roma

Eriksson despediu-se do Benfica e viajou já para Roma para ver a sua futura equipa jogar com o Milão. Júlio Borges (dirigente do Departamento de Futebol do clube da Luz) declara que **«Eriksson se despediu com carácter definitivo e depois da estada em Roma vai de férias, para a Suécia, regressando a Itália para orientar o clube italiano.O Benfica está numa fase de expectativa, aguardando uma resposta a um «telex» enviado dia 29 de Maio por Fernando Martins ao presidente Viola, do Roma»**, observou.

Segundo diz Júlio Borges, só depois da resposta do presidente do Roma, o Benfica vai agir: **«aguardamos uma resposta, já passaram mais de oito dias e depois se verá»**, disse. O chefe do Departamento de Futebol do Benfica revelou ainda que Filipovic esteve reunido com o presidente Fernando Martins e que a eventual continuação do jugoslavo na Luz não ficou decidida. **«Decorrem negociações, ainda nada ficou decidido»**, concluiu.

Chalana: lamento e protesto

Nem tudo corre bem no secular «mosteiro de Palmela», onde há alguns dias repousam os futebolistas que, amanhã, partem com destino a França, com escala no Luxemburgo. Do nosso colega «A Bola», retiramos este exemplo recolhido do talentoso Chalana: ***«Não escondo que procurarei obter em França um grande contrato para jogar no estrangeiro. E só por isso vale a pena o sacrifício de estar aqui no estágio, onde não há motivações, onde os jogadores não estão a ser tratados como deviam. No que diz respeito à publicidade, não se compreende que a Federação faça contratos sem ouvir a opinião dos jogadores»****. E, Chalana, acrescentaria:* ***«não quero fazer publicidade a uma marca de equipamentos quando é a Federação a receber.»*** *Sem comentários.*

Futebol espanhol:
jogadores são pagos com letras

As dívidas de clubes dos diversos campeonatos espanhóis de futebol aos seus jogadores ultrapassam os 700 milhões de pesetas (cerca de 700 mil contos) – revelou o jornal «El País». Os dirigentes desses clubes propõem-se pagar as dívidas com letras, mas com datas de vencimento que, em alguns casos, atingem os três anos, denuncia o jornal.

As normas da Federação Espanhola de Futebol estabelecem que os clubes que não tenham em dia os pagamentos aos seus futebolistas descerão de divisão, como aconteceu no ano passado a seis equipas, algumas das quais deixaram de existir. Jogadores há que, «por medo», não denunciam as dívidas e outros aceitam as letras, chegando a esconder também a sua devolução pelas entidades bancárias por falta de liquidez dos clubes. Procedem assim (acentua o «El País») face «a ameaças ou por medo de serem despedidos e não conseguirem novos contratos».

A maior parte das dívidas pertencem a clubes das divisões inferiores, mas alguns da 1.ª também se defrontam com problemas, como é o caso do Valência, Málaga, Hércules e Santander, e dois que desceram este ano de divisão, Cadiz e Salamanca.

Futebol:selecção nacional faz hoje o último treino

A Selecção Portuguesa de Futebol voltou a treinar no Estádio do Bonfim, com vista à sua presença na fase final do Europeu, a iniciar dia 12 em França. O treino constou de uma sessão de preparação física, seguida de trabalhos individuais, com e sem bola, e de uma «peladinha». Chalana foi dispensado do treino por razões de ordem particular.

A «peladinha» foi disputada pelas formações «azul» e «laranja», com vantagem da segunda por 7-3. Os «laranjas» alinharam: Damas (Jorge), Bastos Lopes, Eduardo Luís, João Pinto, Sousa, Veloso, Frasco, Nené e Vermelhinho. «Azuis»: Bento, Lima Pereira, Eurico, Álvaro, Carlos Manuel, Jaime Pacheco, Diamantino, Gomes e Jordão. Sousa (4), Nené, João Pinto e Vermelhinho marcaram pelos vencedores e Jordão (2) e Gomes obtiveram os tentos dos vencidos.

Foi notória a poupança dos «azuis» para o treino de hoje, que antecede o jogo-treino de sábado (no Luxemburgo), o qual deverá fornecer as indicações finais sobre a equipa-base para França.

Boavista: amanhã

O futebolista guineense Jaime Graça (União de Coimbra) poderá ser a próxima aquisição do Boavista para a nova época, declara o chefe do departamento de futebol dos conimbricenses. Viseu Fernandes, acrescentou que o jogador está a estudar uma proposta do Boavista para assinar um contrato de duas épocas e **«por um montante a que o União não pode chegar»**. Salienta, no entanto, o jogador manifestou vontade de continuar no União de Coimbra caso não chegue a acordo com o Boavista e frisa que o departamento de futebol do clube conimbricense já renovou os contratos da maior parte dos jogadores que compõem o actual «plantel».

Gomes contacta com Itália

Gomes (avançado do FC Porto e da selecção) confirma manter contactos **«com clubes italianos e não só»**, mas nega ter assinado qualquer contrato de transferência. O «Bota de Ouro» europeu (83) que estagia em Palmela (Setúbal) integrado na selecção que vai disputar o Campeonato da Europa, acrescentou que, de momento, **«nada há concretizado, apenas hipóteses em vista»**, mas prometeu tomar uma decisão **«nos próximos dez dias»**.

Torneio Universitário

CDUL, Universidade de Madrid, Universidade dos Açores e Associação Académica de Coimbra participam no 4.º Torneio Internacional de Futebol Universitário, que decorre de hoje a sábado no Estádio Universitário de Lisboa. O torneio (organizado pela secção de futebol do CDUL) tems início esta tarde com os jogos, Universidade de Madrid - A. A. Coimbra (15 h) e Universidade dos Açores - CDUL (17 h). À noite decorrerá também, (21 h) um colóquio subordinado ao tema «futebol universitário: realidade e perspectivas». Amanhã, as equipas são recebidas (às 10 h) na Câmara Municipal de Lisboa e efectuam na parte da tarde há uma visita da cidade.

Nós estaremos lá

Uma vez mais, cumprindo o dever de informar os seus leitores, acompanhando todas as manifestações que reúnam interesse geral, o «Diário de Lisboa» estará, no Luxemburgo e em França, com a selecção nacional de futebol, que, pela primeira vez no seu historial, atinge a etapa decisiva de um Campeonato Europeu.

A equipa nacional, que vai fazer um último teste no encontro particular com o Luxemburgo (no próximo sábado) e, depois, jogará em Estrasburgo (com a RFA), em Marselha (com a Espanha) e em Nantes (com a Roménia), será acompanhada por Neves de Sousa, nosso colega de Redacção, que, para os leitores do «DL», fará completa reportagem do acontecimento que apenas culminará em Paris, no Parque dos Príncipes, com a revalidação do título pela Alemanha Federal ou a troca de rei no trono futebolístico do velho continente.

A turma portuguesa (e os representantes dos órgãos de Comunicação Social que vão fazer a cobertura do Europeu) deixa amanhã Lisboa (pelas 10 e 15) rumo ao Luxemburgo, primeira etapa da mais sonhada viagem do futebol português desde 1966.

Europeu: artistas têm números

Os números dos 160 futebolistas inscritos na fase final do Campeonato da Europa de Futebol, que se disputa de 12 a 27 do corrente, em França, são os seguintes, no Grupo 1:

● Jugoslávia: 1. Zoran Simovic (Hajduk Split); 2. Menado Stojkovic (Partizan Belgrado); 3. Mirsad Baljic (Zeljeznicar Sarajevo); 4. Strecko Katanec (Olympia Liubljana); 5. Velimir Zajec (Dynamo Zagreb); 6. Ljubomir Radanovic (Partizan Belgrado); 7. Milos Sestic (Estrela Vermelha); 8. Ivan Gudelj (Haijduk Split); 9. Safet Susic (Paris St.º Germain); 10. Mehmed Bazdaevic (Seljeznicar Sarajevo); 11. Zlatko Vujovic (Hajduk Split); 12. Tomislav Ivkovic (Estrela Vermelha); 13. Farak Hadzibegic (Zeljeznicar Sarajevo); 14. Marko Elzner (Estrela Vermelha); 15. Branko Miljus (Hajduk Split); 16. Dragan Stojkovic (Radnicki Nis); 17. Josip Cop (Hajduk Split); 18. Stjepan Deveric (Dynamo Zagreb); 19. Suljman Halilovic (Dynamo Vinkovci); 20. Borislau Cvetkovic (Dynamo Zagreb). Técnico: Todor Veselinovic.

● Bélgica: 1 — Jean Marie Pfaff (Bayern Munique); 2 — Michel Renquin (Servette Genebra); 3 — Paul Lambrichts (Beveren); 4 — Leo Cljisters (Waterschei); 5 — Michel de Wolf (Gand), 6 — Frank Vercauteren (Anderlecht; 7 — Nico Claesen (Seraing); 9 — Erwin Vandenbergh (Anderlecht); 10 — Ludo Coeck (Inter Milão); 11 — Jan Ceulemans (Bruges); 12 — Jacques Munaron (Anderlecht); 13 — Marc Baecke (Beveren); 14 — Walter De Greef (Anderlecht); 15 — Rene Verheyen (Bruges); 16 — Vincenzo Scifo (Anderlecht); 17 — Eddy Voordeckers (Waterschei); 18 — Alex Czereniatynski (Anderlecht); 19 — Raymond Mommens (Lokeren) e 20 — Wim de Conninck (Waregem). Técnico: Guy Thys.

● França: 1 — Joel Bats (Auxerre); 2 — Emmanuel Amoros (Monaco); 3 — Jean-François Domergue (Toulouse); 4 — Maxime Bossis (Nantes); 5 — Patrick Battistion (Bordeus); 6 — Luís Fernandez (St. Germain); 7 — Jean-Marc Ferreri (Auxerre); 8 — Daniel Bravo (Monaco); 9 — Bernard Genghini (Monaco); 10 — Michel Platini (Juventus de Turim); 11 — Bruno Bellonne (Monaco); 12 — Alain Giresse (Bordeus); 13 — Didier Six (Mulhouse); 14 — Jean Tigana (Bordeus); 15 — Yvon Le Roux (Monaco); 16 — Dominique Rocheteau (St. Germain); 17 — Bernard Lacombe (Bordeus); 18 — Thierry Tusseau (Bordeus); 19 — Philippe Bergeroo (Toulouse); 20 — Alain Rust (Sochaux). Técnico: Michel Hidalgo.

● Dinamarca: 1 — Ole Kjaer (Esbjerg); 2 — Ole Rasmussen (Hertha Berlim); 3 — Soeren Busk (Gand); 4 — Morten Olsen (Anderlecht); 5 — Ivan Nielsen (Feynoord de Roterdão); 6 — Soeren Lerby (Bayern de Munique); 7 — Jens-Joern Bertelsen (Seraing); 8 — Jesper Olsen (Ajax de Amesterdão); 9 — Allan Simonsen (Vejle); 10 — Preben Elkjaer-Larsen (Lokeren); 11 — Klaus Berggren (Pisa); 12 — Jan Moelby (Ajax de Amsterdão); 13 — John Lauridsen (Espanhol); 14 — Micchael Laudrup (Lazio); 15 — Frank Arnesen (Anderlecht); 16 — Troels Rasmussen (Aarhus); 17 — Steen Thychosen (Vejle); 18 — John Sivebaek (Vejle); 19 — Kenneth Brylle-Larsen (Anderlecht) e 20 — Ole Quist (KB Copenhaga). Técnico: Josef Piontek.

Grupo 2, Portugal: 1 – Bento (Benfica), 2 – Nené (Benfica), 3 – Jordão (Sporting), 4 – Chalana (Benfica), 5 – Vermelhinho (FC Porto), 6 – Gomes (FC Porto), 7 – Carlos Manuel (Benfica), 8 – Veloso (Benfica), 9 – João Pinto (FC Porto), 10 – Lima Pereira (FC Porto), 11 – Eurico (FC Porto), 12 – Jorge (Vitória de Setúbal), 13 – Sousa (FC Porto), 14 – Frasco (FC Porto), 15 – Jaime Pacheco (FC Porto), 16 – Bastos Lopes 17 – Álvaro (Benfica), 18 – Eduardo Luís (FCPorto), 19 – Manuel Diamantino (Benfica), e 20 – Vítor Damas (Portimonense). Técnicos: Fernando Cabrita, António Morais, Toni e José Augusto.

● Espanha: 1 – Luís Miguel Arconada (Real Sociedad), 2 – Santiago Urqiaga (Atlético de Bilbau), 3 – José Camacho (Real Madrid), 4 – António Maceda (Gijón), 5 – Andoni Goicoechea (Atlético de Bilbau), 6 – Rafael Gordillo (Bétis), 7 – Juan António Señor (Saragoça), 8 – Victor Muñoz (Barcelona), 9 – Carlos

Continua na pág. 16

Veleiros radio comandados desfilam em Pedras D'El Rei

No próximo fim-de-semana vai realizar-se, no espelho de água de Pedras d'el Rei, (Santa Luzia de Tavira) o I Campeonato Nacional Aberto Classe RM e, simultaneamente, o Troféu Internacional Pedras d'el Rei de veleiros radiocomandados.

As regatas, que têm início marcado para as 9 horas de sábado, são uma organização do Clube Náutico de Pedras d'el Rei e Associação Portuguesa de Modelos à Vela e contam com a participação de mais de 30 concorrentes, sendo 20 provenientes de Espanha, dos clubes naúticos de Sevilha, Vigo Las Palmas e Tenerife.

As regatas obedecerão ao percurso olímpico, com cerca de 200 metros de perímetro, delimitadas por três bóias e corridas sob as normas da IMYRU (Internacional Model Yatch Racing Union) de que Portugal é membro de pleno direito desde 1981

As regatas de veleiros radiocomandados deste fim-de-semana em Pedras d'el Rei são as segundas que se realizam no nosso país.

Basquetebol: "Taça

Queluz ganha protesto

No jogo das meias-finais da Taça de Portugal, entre equipas masculinas de basquetebol, em que o Barreirense bateu claramente o Queluz, a equipa de linha de Sintra (campeã nacional) oficializou a declaração de protesto. O recinto de jogo, em «irregulares condições», constituiu a base da reclamação. Esclarecendo melhor: o Queluz protestou com o argumento de que o público estava em «cima» dos jogadores (o que é usual no acanhado ginásio) dificultando a evolução normal, dentro das linhas, dos intérpretes na luta.

O Conselho Técnico da Federação já deferiu o protesto e, entretanto, a final que estava aprazada para sábado (o outro finalista certo é o Conimbricense) ficará adiada. Na perspectiva de deferimento, o jogo terá que ser repetido, no mesmo recinto, mas (naturalmente) em condições «mais regulares» que não «interfiram» na movimentação dos jogadores.

Entretanto, no sábado, às 17 horas, o Pavilhão de Carregal do Sal (no distrito de Viseu) vai ser palco da final da «Taça» feminina, que contará como artistas o CIF (Clube Internacional de Futebol, de Lisboa) e o CIBF (Clube Internacional de Basquete Feminino, do Porto). É clara (os exemplos são muitos) a superioridade das lisboetas, que este ano já conquistaram o «Nacional» (arrebatado ao vizinho de região: Algés) e tudo leva a crer que venham a ser as vencedoras da «Taça», também ainda exposta no relicário de troféus da prestigiosa colectividade do Dafundo.

TOTOBOLA
jogue connosco

Concurso n.º 24/84
17 de Junho de 1984

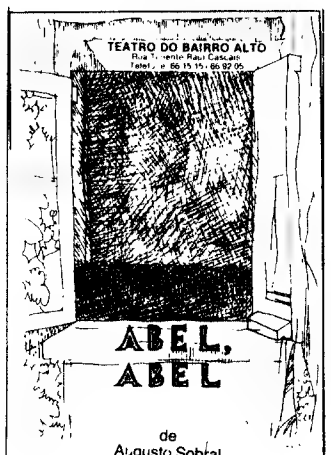
1	França-Bélgica	1
2	Dinamarca-Jugoslávia	X
3	RFA-Roménia	1
4	PORTUGAL-Espanha	x
5	Braga-Varzim	1
6	Salgueiros-Espinho	1
7	Boavista-Guimarães	1
8	Portimonense-Farense	1
9	Valonguense-P. Ferreira	x
10	A. Viseu-BC Branco	x
11	Alcobaça-Torriense	1
12	O. Moscavide-C. Piedade	1
13	Sacavenense-Elvas	1

Concurso extraordinário
21 de Junho de 1984

1	França-Jugoslávia	1
2	Dinamarca-Bélgica	x
3	RFA-Espanha	1
4	PORTUGAL-Roménia	1
5	Académico-Belenenses	1
6	Chaves-Peniche	x
7	Marítimo-Penafiel	1
8	Espinho-Braga	1
9	Varzim-Boavista	2
10	Guimarães-Salgueiros	1
11	Setúbal-Águeda	1
12.	BC Branco-U. Coimbra	x
13	Olhanense-Lusitano	x

Concurso n.º 25/84
24 de Junho de 1984

1	Braga-Guimarães	1
2	Varzim-Espinho	1
3	Salgueiros-Boavista	x
4	Portimonense-Setúbal	x
5	Gil Vicente-Lixa	1
6	Beira-Mar-Leixões	2
7	Feirense-P. Ferreira	x
8	U. Coimbra-Covilhã	x
9	U. Tomar-Torriense	x
10	Alcobaça-U. Leiria	2
11	O. Moscavide-Elvas	1
12	C. Piedade-E. Amadora	x
13	Lusitano-Barreirense	x



de
Augusto Sobral

Com Glicínia Quartin,
José Wallenstein
e Rogério Vieira

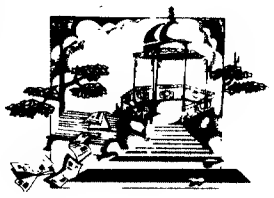
Só até dia 17

Terça a sábado às 21.30 h
Domingo às 17 h
Folga à segunda

TEL TEATRO ESTUDIO DE LISBOA

Teatro
Vasco Santana

Apresenta



«QUANDO A BANDA TOCAR»

ESTREIA, HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de Luzia Maria Martins todos os dias às 21.30 excepto às 2.ªs feiras. Matinée aos domingos.

20.º ANIVERSÁRIO

Desconto de 50% para estudantes, sindicatos, comissões de trabalhadores etc..

Sub/Mont.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Execução de Sentença N.º 2 004/A 3.ª Secção

Exequente Portugal Previdente — Companhia de Seguros, S.A.R.L., com sede na Rua Andrade Corvo, n.º 19 em Lisboa.

Executados: Manuel Gonçalves Jardim e mulher Amélia Alves da Silva, residentes na Rua dos Girassóis, 52-Covas-Rio de Mouro-SINTRA

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio.

Citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 28 de Maio de 1984

O JUIZ DE DIREITO

a) Flávio Joaquim Bogalhão do Casal

Pel'O ESCRIVÃO DE DIREITO

a) Mário Henrique Martins Crespo Lopes

D.L. — 7/6/84 — 1.ª PUB.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO

ANÚNCIO

ACÇÃO ESPECIAL DE INTERDIÇÃO, n.º 3011 da 3.ª Secção.
AUTOR — O MINISTÉRIO PÚBLICO.
RÉU — JOÃO PAULO JACOB PEREIRA CABRAL, solteiro, nascido em 11 de Julho de 1955, residente na Rua Arco do Carvalhão, 31 - 1.º dt.º em Lisboa.
Por este se faz público que foi distribuída neste Juízo, acção contra o réu acima indicado, para o efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Lisboa, 25 de Maio de 1984.

O JUIZ DE DIREITO

Américo Joaquim Marcelino

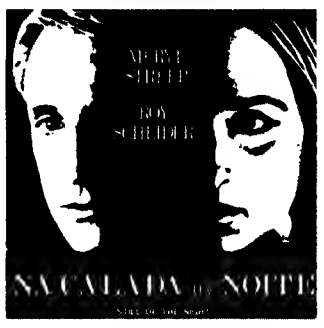
O ESCRIVÃO ADJUNTO

José António Costa Penaforte

D.L. — 7/6/84 — 1.ª PUB.

A MULHER E O CINEMA

CICLO
MERYL STREEP



A IMPORTÂNCIA DA MULHER NO CINEMA ESTÁ NAS ORIGENS DO PRÓPRIO CINEMA... E MERYL STREEP É UMA DAS MAIS IMPORTANTES MULHERES DO CINEMA ACTUAL.

SÃO JORGE 1

HOJE
ÀS 21,30
INÍCIO DO

CICLO
«MERYL STREEP»

COM A
APRESENTAÇÃO
DE

A AMANTE
DO
TENENTE FRANCÊS

DESPORTO

"Estrelas" do futebol: números e nomes

Continuação da pág 15

Alonso Santillana (Real Madrid), 10 – Ricardo Gallego (Real Madrid), 11 – Francisco Carrasco (Barcelona), 12 – Salvador Garcia (Saragoça), 13 – Francisco Buyo (Sevilha), 14 – Júlio Moreno (Barcelona), 15 – Roberto Fernandes (Valência), 16 – Francisco Lopez Alfaro (Sevilha), 17 Marcos Alonso (Barcelona), 18 – Emílio Butragueiro (Real Madrid), 19 – Manuel Garabia (Atlético de Bilbau), e 20 – Andoni Zubizarreta (Atlético de Bilbau). Técnico: Miguel Muñoz.

● Roménia: 1 – Silviu Lung (Universitatea Craiova), 2 – Mircea Rednic (Dianamo Bucareste), 3 – Costica Stefanescu (Universitatea Craiova), 4 – Nicolae Ungureanua (Universitatea Craiova), 5 – Aurel Ticleanu (Universitatea Craiova), 6 – Gino Iorgulescu (Sportul Bucareste), 7 – Marcel Coras (Sportul Bucareste), 8 – Michael Klein (Corvinul Hunedoara), 9 – Rodion Camataru (Universitatea Craiova), 10 – Ladislau Boeloeni (Asa Tirgu-Mures), 11 – Gheorghe Hagi (Sportul Bucareste), 12 – Dumitru Moraru (Dínamo Bucareste), 13 – Ion Andone (Dínamo Bucareste), 14 – Mircea Dragnea (Dínamo Bucareste), 16 – Nicole Negrila (Universitatea Craiova), 17 – Ion Adria-Zare (Bihor Oradea), 18 – Ionel Augustin (Dianamo Bucareste), 19 – Romulus Gabor (Corvinal Hunedoara) e 20 – Vasile Iordache (Steaua Bucareste). Técnico: Mircea Lucescu.

● Alemanha Federal: 1 – Harald Schumacher (Colónia), 2 – Hans-Peter Briegel (Kaiserslautern), 3 – Gerd Strack (Colónia), 4 – Karleinz Foerster (Estugarda), 5 – Bernd Foerster (Estugarda), 6 – Wolfgang Rolff (Hamburgo), 7 – Andreas Brehme (Kaiserslautern), 8 – Klaus Allofs (Colónia), 9 – Rudi Voeller ((Werder Bremen), 10 – Norbert Meier (Werder Bremen), 11 – Karl– Heinz Rummenigge (Bayern Munique), 12 – Dieter Burdenski (Werder Bremen), 13 – Lothar Matthaeus (Borussia Moenchengladbach), 14 – Ralf Falkenmayer (Eintracht Francfort), 15 – Uli Stielike (Real Madrid), 16 – Hans-Guenther Bruns (Borusia Moenchengladbach), 17 – Pierre Littbarski (Colónia), 18 – Guido Buchwald (Estugarda), 19 – Rudi Bommer (Fortuna Duesseldorf) e 20 – Helmut Roleder (Estugarda). Técnico: Jupp Derwall

Hoje: Espanha-Jugoslavia

Uma selecção espanhola, com nova frente atacante, defronta hoje em La Linea, a homologa jugoslava, no seu último encontro de preparação para o «europeu». A Espanha pertence ao grupo 2 (do qual fazem parte Portugal, Alemanha Federal e Roménia) e a Jugoslávia também vai estar na fase final do europeu (no grupo 1) com a França, Bélgica e Dinamarca.

Uma lesão sofrida pelo avançado Hipólito Rincon (do Bétis) no jogo com a Hungria, obrigou o seleccionador espanhol Miguel Muñoz a alterar os seus planos e a pensar numa nova solução atacante. Rincon tem sido o titular como avançado em ponta, tarefa que vai passar a ser desempenhada pelo veterano Santillana, entrando Carrasco para o sector da frente. Embora o jovem Butragueño, chamado à última hora, possa ter uma palavra a dizer.

A Jugoslávia vai efectuar o segundo e último jogo de preparação, cinco dias depois de ter ganho a Portugal (3-2) em Lisboa. Equipas prováveis:

Espanha: Arconada; Urquiaga, Goikoetchea, Maceda e Camacho; Gallego, Gordillo, Señor e Victor; Santillana e Carrasco.

Jugoslávia: Simovic; N. Stojkovic, Zajec, Hadzibegic e Katanec; Bazdarevic, D. Stojkovic, Cop e Susic; Bujovic e Halilovic.

A Bélgica empatou (em Bruxelas) a dois golos com a Hungria, em encontro particular que visou a preparação belga para o «Europeu». Depois de Ceulemans abrir o activo para a Bélgica, os húngaros viraram o resultado com tentos de Haszjan, e Nyilasi. Ceulemans voltou a marcar e a dar o empate à Bélgica, a dois minutos do termo da partida.

Barão: Lesão

Barão (Portimonense) contraiu grave lesão: fractura do menisco e rotura de ligamentos do joelho da perna esquerda.

Mudanças

Rui Lopes e João Cabral dedevem deixar o Vitória de Setúbal: respectivamente para o Farense e Marítimo. Por seu lado, Brito também não vai prorrogar compromisso com o Rio Ave.

Ainda para o Marítimo: a aquisições prováveis de Isidro (Estoril), Simões, Jorge Oliveira e Sylvanus (União da Madeira) e Rosário (Nacional).

Litos promovido

O júnior sportinguista Litos (tal como «mestre» Oliveira) está nos planos sportinguistas da próxima viagem aos EUA.

Convulsão em Setúbal

Inesperadamente, estalou convulsão directiva no Vitória de Setúbal, com a demissão do «vice» Fernando de Oliveira, por discordância de várias decisões do executivo presidido por Fernando Pedrosa, chegando mesmo o dirigente ora demissionário a sugerir que a Direcção se deveria afastar em bloco por insuficiências na gestão.

Entretanto, o presidente do clube sadino já refutou publicamente as acusações do seu «braço direito». Um acontecimento de efeitos negativos na vida da colectividade setubalense, havendo ainda alguma esperança no aclaramento das posições, admitindo-se que Fernando de Oliveira repense a decisão tomada.

Farense: passivo de 50 mil contos

O Farense tem uma dívida global acumulada de cerca de 50 mil contos, revelou um director do clube algarvio: Carlos Lourenço estimou em cerca de 20 mil e 500 contos os compromissos imediatos com o actual «plantel» de futebol até final da época e pendentes no tribunal da Federação de Futebol 18 mil contos referentes a processos com jogadores da época passada, além de outras «dívidas avulso».

O dirigente considerou a situação grave, sobretudo por se estar em cima da nova época com a dificuldade de não serem possíveis novos contratos, por falta de direcção. Acrescenta (ainda) que existe um compromisso do presidente do clube, Fernando Barata, demissionário desde 23 de Abril, de se responsabilizar pelo passivo, caso fosse encontrada nova direcção.

COMUNA
TEATRO PESQUISA

MARAT
DE PETER WEISS

PERSEGUIÇAO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPICIO DE CHARENTON SOB A DIRECÇAO DO SENHOR MARQUÊS DE SADE

2.º MÊS*2.º MÊS
HOJE 21,30 H.
DOMINGO SO AS 17 H
2ª FEIRA DESCANSO
praça de espanha
SUB. MC tel. 72 08 18

novo grupo

TEATRO ABERTO
Tel. 770969

CONFISSÕES
numa esplanada de Verão

COM
CARMEN DOLORES
FRANCISCO PESTANA
MÁRIO VIEGAS
MELIM TEIXEIRA
DIRECÇÃO
MÁRIO VIEGAS

DE 3.ª A SÁBADO
ÀS 21.45
DOMINGO-16 H

SÓ ATÉ 22 DE JULHO

SUB. M.C. 12 Anos CARMEN DOLORES VESTIDA POR AUGUSTOS

MICROSCÓPIO

Giro: Acácio da Silva

Acácio da Silva manteve o 8.º lugar do «Giro» após ter obtido o 13.º posto na 18.ª etapa, ganha pelo italiano Bruno Leali. Acácio da Silva cortou a meta cinco segundos depois do vencedor, tendo sido creditado com o tempo do 2.º classificado, o noruguês Erik Perdersen (6.15.24). O taliano Francesco Moser continua no comando (86 horas 17 minutos e 12 segundos) e Acácio é 8.º a 4.48 minutos do «líder».

Golfe: Circuito profissional

Rogério Valente (com 73 pancadas) obteve o melhor resultado da primeira jornada do 5.º e último Circuito Profissional de Golfe, disputado na Quinta do Lago. Henrique Paulo (CG Estoril), com 75 pancadas e Domingos Silva (Quinta do Lago), com 76, classificaram-se nas 2.ª e 3.ª posições. Face aos resultados nos torneios anteriores do circuito, (organizado pela Federação Portuguesa de Golfe para atribuição da Ordem de Mérito Nacional) a vitória final já não fugirá ao nortenho Carlos Alberto, que comanda com 160 pontos de vantagem do segundo, o algarvio João Figueiredo.

"Portugal é o mais difícil"

Karl-Heinz Rummenigge, «capitão» da selecção alemã federal de futebol, considerou que o jogo com Portugal dia 14, em Estrasburgo, vai ser «o mais difícil». Rummenigge, 28 anos, manifestou esperanças e receios quanto a esse jogo em entrevista à agência alemão federal DPA. **«Temos necessariamente de ganhar esse jogo, a qualquer custo. É ele que vai dar o tom e, para mim, é mais difícil que uma meia-final com a França»** – declarou Rummenigge, acrescentando: **«Uma vitória de entrada incute tranquilidade e segurança. Com ela, ficaremos praticamente nas meias-finais».**

«Kalle» Rummenigge, que na próxima temporada representará o Inter de Milão, está confiante numa boa presença da RFA no Europeu, cuja fase final decorre entre 12 e 27 de Junho, **«Mesmo sem Bernd Schuster chegaremos pelo menos às meias-finais. De contrário, ficaremos todos decepcionados: equipa, treinador, adeptos. O que se passar depois é uma questão de sorte e os favoritos são sem dúvida os franceses».**

Comentando o anúncio feito pelo técnico Jupp Derwall de que a RFA apresentará com Portugal a mesma equipa que dia 22 de Maio venceu (em Zurique) a Itália, Rummenigge apoiou a **«clarificação da situação»** que tal provocou na equipa. **«Parece-me bem que tudo esteja definido. Assim, cada um sabe o que o espera e evitam-se choques nos treinos, com todos a querer provar que são os melhores».**

Sobre as ausências de jogadores como Breitner, Kaltz, Hrubesch ou Muller, figuras-chave da equipa ainda há pouco tempo, Rummenigge comentou que **«na selecção existe uma hierarquia». «Actualmente** (acrescentou) **as fronteiras desta hierarquia são mais difusas do que antes, mas creio que desde o guarda-redes Schumacher até ao número 20 existe um forte espírito de equipa».**

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Conversas de galeria

Praça de Touros do Campo Pequeno. Domingo, 13 de Maio de 1984. Corrida do Sindicato dos Bancários. Touros de Alberto Xavier para Luís Miguel da Veiga, João e António Palha Ribeiro Telles e forcados amadores de Santarém (cabo Carlos Grave).

CONVERSAS de galeria. Crónica sem precisar de inspiração, trabalho apenas de ouvir, escrever, ir ouvindo, ir escrevendo, pedaços anárquicos e autênticos, arrancados em bruto das falas dessa gente que lá em cima, da distância do mais barato, guarda o privilégio de fazer do vulgar o maravilhoso, do ridículo a graça, do frete o passatempo. Tudo sem recorrer a desconhecidos regulamentos e tratados, nem saber o nome dos toureiros, a terra donde vêm, e a divisa dos touros, e se são touros ou não, essa cultura que afinal não adianta, há quem pense ser melhor assim, que a santa ignorância protege da exigência, da exigência que é madrasta da bem-aventurança.

– Está quase mesmo na hora.

– E o povo é pouco. Tanta gente a trabalhar nos bancos, e não quiseram saber da tourada deles.

– Também é do tempo, este vento e este frio que não há maneira de abalarem.

– Eu se não fosse a minha nora a insistir, mas venha, mas venha, tinha ficado mas era em casa, a ver a televisão.

– O tia, já começa a trabalhar a banda.

– Deve ser para chamar os cavalos.

– O senhora, isto é o hino da Maria da Fonte, que toca sempre quando chega a autoridade.

– Onde está ela?

– São aqueles dois além, na varanda lá de cima, o que está fardado de polícia e o outro, ao lado do que toca a corneta.

– Dantes havia outro respeito, não era como agora, chega a autoridade e fica tudo de rabo no assento.

– Ele por este caminho não sei onde a gente vai parar.

****

– Por onde è que sai o touro?

– E por aquela porta além, onde está um homem com um chapéu preto a olhar para cima.

– O gajo deve ser espanhol. Os espanhóis é que usam uns chapéus assim.

– Lá na minha terra também se usam chapéus daqueles, e não há lá espanhóis.

– Qual é a sua terra?

– Eu sou da Guarda.

– O meu marido que Deus tenha também era da Guarda. E por acaso também tinha um chapéu assim, mas esse era mesmo um chapeu espanhol, comprou-o uma vez em Salamanca, numas festas que lá fazem.

– Devem ser bonitas. Os espanhois têm festas bonitas.

– Eu nunca vi nenhuma, mas acho que sim, na Espanha têm a música, com aquelas procissões, e as castanholas, e aquelas coisas todas.

*****

– As cortesias é que eu gosto sempre de ver.

– Os cavaleiros parecem combinados, cada um traz a casaca de sua cor.

– Há dois que são irmãos, estavam ali a dizer.

– São sim senhor. E o pai deles também é toureiro.

– Então foi ele que os ensinou.

– Bem lhes podia ter ensinado um oficio melhor.

– Tanta falta de trabalho, uma pessoa tem de se agarrar ao que aparece.

– A mim se estivesse desempregado, e me dessem trabalho de toureiro, eu não o queria.

– Olhe que há certos trabalhos que ainda são piores.

– Pois sim, mas eu esse trabalho de toureiro não o queria.

– É um trabalho arriscado.

– Ainda era mais arriscado, se não fossem aquelas coisas que eles metem nos cornos dos bois.

– Metem, mas é mais por causa dos cavalos.

– Um cavalo hoje deve custar para cima dum dinheirão.

*****

– Agora é que lá vem um cavaleiro mesmo para tourear.

– Oxalá tenha sorte.

– Isto às vezes vai mais do touro que da arte.

– 525 quilos, diz a tabuleta.

– A gente sabe lá...

– Se calhar é como a balança do talho.

– Para o talho está ele gordo.

– Ao cavalo ainda lhe deve parecer mais gordo.

– O ferro caiu.

– Não lhe apanhou bem o jeito.

– Este ferro também caiu.

– Deve ser dos bicos que estão mal postos.

– Ou então é do cavalo.

– Ele já vai trocá-lo por outro.

– Não, com este cavalo também não está com sorte.

– Talvez seja de estar ainda a aquecer.

– Para aquecer vira a cara para o outro lado do touro?

– Vossemecê, se estivesse lá em baixo no lugar dele, se calhar virava-lhe mas era o cu.

*****

– Eu gosto é disto, das pegas.

– E é tão pequeno, o rapaz.

– E não tem medo, o gajo.

– Às vezes são levezinhos e agarram-se melhor que os matulões.

– E este touro é mais ruim que o outro.

– Olhe que não sei, eu vejo-o mais ligeiro, mais atiradiço, mais de ir logo ao assunto.

– Quem era o atiradiço era o cavaleiro. Na pega, o rapaz fartou-se de o chamar, e o touro nem se mexia, parece que estava amuado.

– Ele ficou bravo foi com aquele que o agarrou pelo rabo.

– Os touros endoidam-se, quando lhes puxam assim pelo rabo.

– Os cabrestos é que são tão mansos, coitadinhos.

– E o touro vai logo ter com eles, parece ensinado.

– Há bichos que só lhes falta falar.

– Eu gosto muito de animais.

*****

– E intervalo ou acabou?

– Não acabou, ainda há mais touros.

– Mais quantos?

– Alguns três ou quatro.

– E agora virão os espanhóis?

– Não sei, não ouvi falar.

– O Clarisse, pergunta aí ao arrumador se agora há espanhóis.

– O arrumador diz que não sabe, que não tem o programa.

– Mas eles que andam ali em baixo a alisar a arena, deve ser para os espanhóis.

– Eu acho que vai ser tudo outra vez a mesma coisa.

Foi tudo a mesma coisa, na Tourada do Sindicato dos Bancários. Um festejo triste, em que apenas aconteceram dois momentos de calorosa animação: na pega de caras do primeiro da tarde, rija a valer, do Pedro Balé; e no final da lide de João Palha, quando meteu um curto vistoso, na sorte do violino, rematada com o cavaleiro aguentando a recarga do touro, no adorno da mão posta num corno, e depois três farpas luzidas, nos médios, com essa estética que lhe brota da aficion, mal empregada aficion, a gastar-se nos embolados. O resto, tudo o resto que na tarde ventosa e longa aconteceu, ou não é para lembrar ou não devia ter existido, a começar pelo despautério da música, que o «inteligente» mandou tocar durante a lide daquele bicho insignificante que largaram na vez do quarto (que à saída partiu um corno pela cepa, ao derrotar contra a trincheira), e que era um garraio infame, uma coisa indigna de sair à primeira praça do país, onde ditosos são os da galeria, ficam à espera que alisem a arena por causa duns espanhóis que não vão chegar, para tourearem uns touros que oxalá pareçam ensinados, vão logo com os mansos lá para dentro, que é para a gente se ir embora.

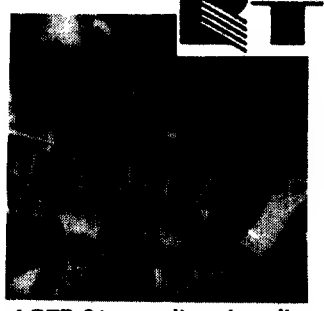
Hoje

RTP 1

Exibe-se na RTP-1 O 57.º episódio da telenovela «O Bem Amado» da qual vimos uma cena

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV
17.37 Curso de Inglês
18.05 Notícias
18.10 Histórias de Sempre – Ilusionismo
18.40 Teleregiões
19.05 Res Publica – Fornos de Algodres
19.30 Cine-Teatro – Ana Zanatti e Eládio Clímaco informam-nos dos espectáculos em exibição em Lisboa e Porto
20.00 Telejornal
20.35 O Bem Amado – (Episódio n.º 57)
21.10 Debate no Parlamento sobre a Moção de Confiança ao Governo.
21.45 Mike Hammer
23.50 Últimas notícias

RTP 2



A RTP-2 transmite esta noite um concerto executado pela Banda da GNR

19.32 Notícias
19.35 Desenhos animados
20.00 Concerto de Gala da GNR
21.30 Guerra dos Sexos – (Episódio n.º 32)
22.15 Jornal da noite
22.45 XV Congresso Mundial de Reabilitação de Deficientes Motores

Amanhã

RTP 1

13.30: Ciclo Preparatório; **17.30:** Curso de Inglês; **18.00:** Notícias; **18.10:** Filmes para todos; **18.30:** Teleregiões; **19.00:** É incrível; **20.00:** Telejornal; **20.30:** O Bem Amado; **21.00:** Fim-de-semana; **23.30:** Histórias extraordinárias; **23.30:** Últimas notícias.

RTP 2

19.30: Notícias; **19.45:** Presença da Madeira; **20.15:** Viagem pelo teatro; **20.45:** Poetas continuadores de Camões; **21.10:** Rickety Rocket; **21.30:** Guerra dos sexos; **22.15:** Jornal da noite; **22.45:** Clube de Jazz.

S. R.

JUNTA DE FREGUESIA DE CAPARICA
EDITAL 10/84

ABRAÚL GOMES AUGUSTO, presidente da Junta de Freguesia de Caparica, faz público que, de acordo com o regulamento dos Cemitérios, serão exumados (LEVANTADOS) a partir de 16 de Julho de 1984 os seguintes covais:

Secção N.º 17, Covais N.ºs:

169; 171; 172; 173; 174; 175; 176; 177; 178; 180; 182; 183; 184; 185; 187; 188; 190; 193; 194; 196; 197; 198; 199; 200; 201; 202; 203; 204; 205; 207; 209; 210; 211; 214; 215; 216; 217; 218; 219; 220; 221; 223; 225; 226; 230; 233; 234; 236; 237; 238; 239; 240; 242; 243; 244; 246; 247; 249; 250; 252; 253; 256; 257; 259; 260; 261; 263; 264; 265; 266; 267; 268; 269; 271; e 272.

Secção N.º 18, Covais N.º s:

1; 2; 3; 5; 7; 9; 10; 11; 13; 14; 15; 16; 17; 19; 20; 22; 23; 27; 28; 29; 30; 31; 34; 35; 37; 38; 39; 40; 41; 42; 43; 45; 46; 47; 52; 56; 59; 60; 61; 62; 63; 64; 65; 67; 68; 69; 70; 73; 75; 77; 78; 80; 81; 82; 84; 85; 86; 88; 89; 90; 92; 93; 94; 96; 97; 98; 99; 101; 102; 103; 104; 107; 110; 111; 112; 113; 114; 115; 117; 119; 120; 121; 122; 123; 124; 127; 129; 131; 132; 133; 134; 135; 136; 137; 138; 140; 141; 143; 144; 145; 147; 148; 150; 152; 153; 154; 155; 156; 157; 158; 160; 161; 162; 164; 165; 166 e 168.

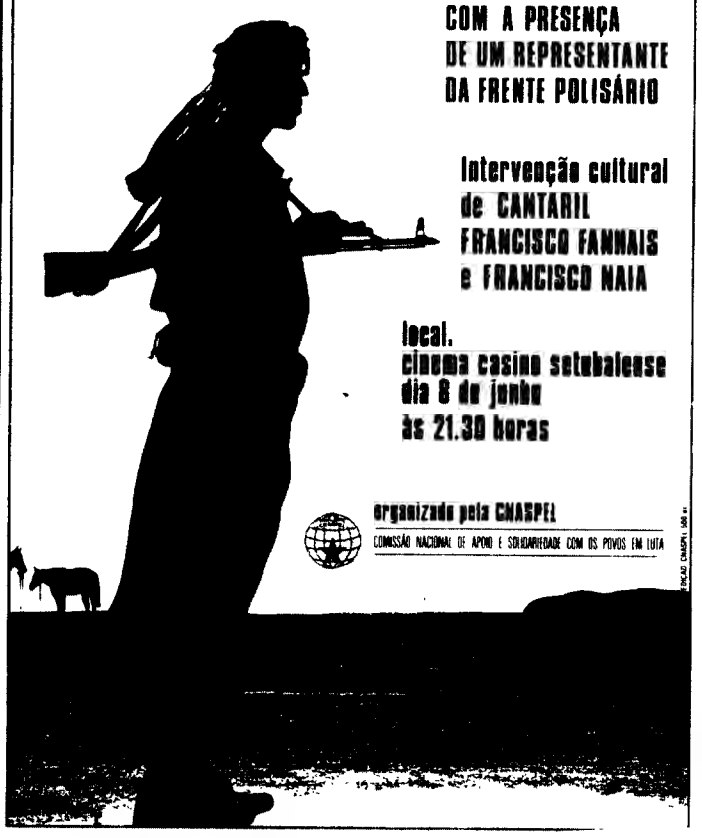
Pelo que ficam avisados os RESPONSÁVEIS DAS SEPULTURAS acima mencionadas de que DEVEM PROCEDER AO RESPECTIVO LEVANTAMENTO dirigindo-se à secretaria do Cemitério de 2.ª a 6.ª feira das 9 às 12.30 horas ou das 14 às 17 horas.

Caso não compareçam a Junta de Freguesia procederá aos levantamentos a partir de 16 de Julho de 1984 e os restos mortais serão trasladados para a VALA de acordo com o regulamento do Cemitério.

Caparica, 1 de Junho de 1984.

O Presidente
Abraúl Gomes Augusto

Sessão de Solidariedade com o Povo SAHARAUI



COM A PRESENÇA DE UM REPRESENTANTE DA FRENTE POLISÁRIO

Intervenção cultural de CANTARIL FRANCISCO FANHAIS e FRANCISCO NAIA

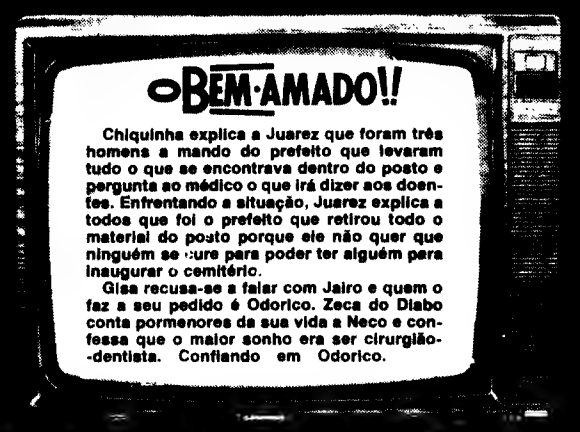
local.
cinema casino setubalense
dia 8 de junho
às 21.30 horas

organizado pela CNASPEL
COMISSÃO NACIONAL DE APOIO E SOLIDARIEDADE COM OS POVOS EM LUTA

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Mike Hammer (21.45)

RTP 2
Concerto de Gala da GNR (20.00)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Festival de poesia em Foz Coa

Promovido pela Associação «Côa Cultural», vai realizar-se em Vila Nova de Foz Côa, entre 15 e 18 próximos um Festival de Poesia com a presença de poetas, cantores e declamadores conhecidos. No programa incluem-se quatro recitais e refere-se nomeadamente, a presença de Mário Viegas, Fátima Murta, Isabel de Sá, José Fanha e Eugénia Melo e Castro.

Haverá também duas palestras sobre «A Poesia e a Modernidade» e «A Poesia Dita em Portugal», proferidas, respectivamente, por João Rui de Sousa e Fátima Murta

O Festival também inclui duas peças de teatro, uma pelo grupo «Aquilino» da Guarda, que representará «O Visitador, Extraordinário», de Tomás da Fonseca e outra pelo grupo «Às Vezes», de Foz Côa, que vai representar «Fernando Pessoa ou a Poesia da Relatividade», encenada por Jorge Maximino.

Entretanto, acrescente-se, esta localidade da margem Sul do Douro, na ponta norte do distrito da Guarda, está novamente sem juiz na comarca. Vila Nova de Foz Côa vê assim, mais uma vez acumular os processos no tribunal já que, sendo o que se chama comarca «de ingresso», os juízes estão ali praticamente «de passagem» e, por norma, ao cabo de alguns meses são transferidos, o que sucede praticamente desde que a comarca foi criada.

Coimbra: programa audiovisual para as escolas

As escolas do concelho de Coimbra têm há já alguns dias ao seu dispor um programa audiovisual sobre «As comunicações e o desenvolvimento.»

Produzido conjuntamente pela Direcção-Geral da Divulgação e pelo Instituto de Formação dos CTT, o diaporama sublinha a importância dos meios de comunicação no Ano Mundial das Comunicações.

Os serviços culturais da Câmara Municipal vão colocar o diaporama à disposição dos estabelecimentos escolares.

Revista das revistas

Patuleia

Está publicado o n.º 7 de «Patuleia», uma «revista de opinião para assuntos militares», dirigida pelo major Tomé, antigo deputado e membro da direcção nacional da UDP. Neste número, referente a Abril de 1984, colaboram além do director, Pedro Marte, João Ribeiro, João Madeira, M. Machado, Álvaro Guerra, G. Semedo, Bento Correia, Rita Queirós, «Patuleia» publica um «Caderno reivindicativo de luta» de soldados e marinheiros e defende a criação do Sindicato de Soldados e Marinheiros. Publica-se 6 vezes por ano.

roteiro cultural

Música

• **João Gilberto,** o pai da Bossa Nova e um dos maiores nomes da música brasileira, está pela primeira vez em Portugal. Três concertos no Coliseu dos Recreios de Lisboa são a razão da sua deslocação. Hoje, amanhã e sábado, a partir das 21 e 30, João Gilberto, acompanhado pela orquestra da RDP, promete animar a velha sala de espectáculos lisboeta.

• O quinteto de jazz **Voa Bongosso** toca esta noite no Hot Clube. As actuações têm lugar às 22 e 30 e às 0 e 30 e repetem-se na sexta-feira e no sábado. O grupo é constituído por cinco músicos de cinco países diferentes (Argélia, Madagáscar, França, Angola e Itália). A música de Voa Bongosso é influenciada por África e pelos ritmos afro-cubanos e funky.

• Na Sé de Lisboa prossegue esta noite o **VII Encontro de Coros Amadores da Área de Lisboa**, com a actuação de quatro coros.

• Trovas de Francisco Lacerda são esta tarde (às 18 e 30) interpretadas por **Dulce Cabrita, Fernando Serafim** e **Filipe de Sousa.** O concerto tem lugar no Teatro S. Carlos e integra-se na semana dedicada àquele compositor pela Juventude Musical Portuguesa e pelo Conselho Português da Música.

• O pianista **Sequeira Costa** dá hoje à noite um recital inteiramente dedicado a Beethoven, que se realiza no Teatro Lethes, em Faro. O concerto integra-se no VIII Festival Internacional de Música do Algarve.

Exposições

• O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, inaugura, às 18 e 30 de hoje, uma exposição intitulada **Cultura e Tradição** da Guiné-Bissau e que é organizada pela cooperativa Árvore e pelo Consulado daquele país. A exposição está patente na Árvore até ao próximo dia 13.

• Na galeria da Altamira é hoje inaugurada uma exposição de pintura de **João Vieira** que está patente ao público até 6 de Julho.

• Uma exposição de escultura de **João Duarte** pode ser visitada a partir de hoje no Atrium da Imprensa da Casa da Imprensa. João Duarte e um jovem escultor, licenciado pela ESBAL em 1978.

• Também de escultura é a exposição que hoje é inaugurada no Centro Europeu de Línguas, no Areeiro. **Antão de Almeida Garrett** é o autor das obras expostas.

• Nove pinturas e seis desenhos de **Julião Sarmento** encontram-se a partir de hoje expostos nos Cómicos.

• Na Cooperativa Árvore, no Porto, está patente uma exposição de **Américo Silva,** constituída por 15 serigrafias, 12 fotografias, projectos de museografia e de artes gráficas.

• Trabalhos do pintor **Henrique Tavares** encontram-se expostos no clube Fenianos do Porto. A mostra insere-se no âmbito das comemorações dos 350 anos da freguesia de Santo Ildefonso.

• Também no Porto, na Galeria do JN, pode ser visitada uma exposição de fotografia-reportagem, intitulada **Seis Repórteres Fotográficos JN.**

Teatro

• «Gardel – el dia que me quieras» levado à cena pelo **Teatro Ibérico** pode continuar a ser visto às quintas, sextas e sábados, às 21 e 30 e aos domingos às 17 horas, até ao próximo dia 17. A peça é da autoria de José Ignacio Cabrujas e tem encenação de Blanco Gil.

• No **Teatro da Graça,** de terça a sábado, às 21 e 45 e domingos às 17 horas, a «Comédia de Horrores» espera por si. A peça é de Joe Horton e a encenação de Carlos Fernando.

• O «Anfitrião» de Plauto, levado à cena pelo **TEAR,** e encenado por Castro Guedes, pode ser visto, até ao próximo dia 10, no Auditório Carlos Alberto, Porto.

• O **Teatro Experimental de Leiria** apresenta hoje e amanhã as últimas representações de «A Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança». São as últimas no auditório do grupo, pois a partir de amanhã ele inicia uma digressão pelo distrito de Leiria.

• «A Mui Proveitosa História de El-Rei D. Satúrio V e o Sapateiro Meias Solas», de A. M. Pires Cabral, é a peça que o **Teatro de Ensaio Transmontano** mantém em cena desde Março passado, na sua sala.

Dança

• A companhia de ballet norte-americana **Balletfore** dança esta noite no Teatro Garcia de resende em Évora, onde permanecerá até sábado. Em Évora, Balletfore apresenta dois programas distintos. O primeiro é composto pelos bailados «Carnaval» com música de Schumann e coreografia de Fokine; «Les Sylphides», com música de Chopin e coreografia de Katharyn Horne e «Pássaro de Fogo», com música de Stravinsky e coreografia de Fokine. O segundo programa é composto pelos bailados «Pas-de-deux» do Festival das Flores coreografado por August Bournonville; «Pas-de-Quatre» coreografado por Perrot e «La Fille Malgardé» de Frederick Ashton.

Colóquios

• Nos dias 27, 28 e 29 de Abril realizou-se um encontro em Noudar-Barrancos, entre mestres construtores de técnicas tradicionais, arquitectos, historiadores e arqueólogos interessados «em pensar conjuntamente algumas propostas construtivas de estabilização e recuperação arquitectónica». O encontro inseriu-se num programa dedicado à arqueologia medieval e recuperação da vila abandonada de Noudar. É sobre este encontro que versam os «slides» que esta noite são projectados na galeria Diferença. A projecção é seguida de debate animado por **Cláudio Torres.**

Cinema

• «Lola» de Fassbinder é exibido hoje, às 18 e 45, no Estúdio 444. A ante-estreia do filme do conhecido realizador alemão é da iniciativa do Cineclube ABC e integra-se no ciclo «Retratos de Mulher».

• Na Cinemateca, prossegue hoje o «Encontro com o Cinema Português», com exibição dos filmes «Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau», de **Adolfo Quaresma** e «Terra Nova, Mar Velho» de **Francisco Manso.**

• «A Terra» de **Vsevolod Poudovkine** é o filme soviético que esta noite é exibido no AR.CO.

• Regresso à Cinemateca, com o ciclo **Tod Browning.** Os filmes de hoje são «Em Plena Selva» e «Oriente».

• No Salaão da Caixa Agrícola de Torres Novbas começa hoje a **3.ª mostra de cinema formato reduzido,** da iniciativa do Cineclube local.

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

13.º Juízo

ANÚNCIO

Por este tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do presente, citando os réus Alexandre Joaquim Arranhado e Maria Rosa da Silva Pereira para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a acção, na qual o Autor Banco Pinto e Sotto Mayor, E. P. pede a condenação dos Réus a pagar-lhe a quantia de 337.132$50, e juros de mora respectivos, tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à sua disposiçao na Secretaria deste Tribunal.

Acção Sumária n.º 8591, 1.ª Secção. Autor Banco Pinto e Sotto Mayor, E.P., com sede na Rua Áurea, 28, em Lisboa. Réu Alexandre Joaquim Arranhado e Maria Rosa da Silva Pereira, com última residência conhecida na Av. Defensores de Chaves, n.º 41-6.º Dt.º, em Lisboa.

Lisboa, 1 de Junho de 1984

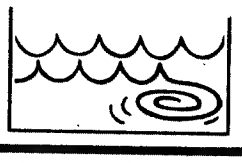
O JUIZ DE DIREITO,
a) Joaquim Dias

P/o ESCRIVAO DE DIREITO,
a) Henrique Duarte Coelho

D.L. 7/6/84 – 2.ª Pub.

PROCURE

zonas sem rebentação ou remoinhos



COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		
ALEMANHA FED (marco)	85$70	91$70
ÁUSTRIA (xelim)	51$05	5!$15
BÉLGICA (franco)	7$20	$40
BRASIL (cruzeiro)	2$335	2$535
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	$050	$080
(notas de 5 a 1000)	105$35	107$35
DINAMARCA (coroa)	105$85	107$85
ESPANHA (peseta)	13$90	14$30
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	$863	$883
(notas de 5 a 1000)	137$25	139$25
FINLÂNDIA (marka)	137$75	139$75
FRANÇA (franco)	23$85	24$45
HOLANDA (florim)	16$60	17$30
IRLANDA (libra)	45$20	46$20
ITÁLIA (lira)	156$75	160$75
JAPÃO (iene)	$075	$085
NORUEGA (coroa)	$567	$602
REINO UNIDO (libra)	17$80	18$30
SUÉCIA (coroa)	191$85	195$85
SUÍÇA (franco)	17$10	17$70
VENEZUELA (bolivar)	61$25	62$35
	6$95	7$95

Observações:
1. — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil**

rádio

«ANTENA UM»

16.00: «Musicomania»; **18.00:** «A Gaita dos Sete Foles»; **19.00:** «Informação e Música»; **20.00:** «Folhetim: O Apóstolo da Juventude», baseado na vida de S João Bosco; **20.25:** «No Estúdio e no Estádio» (Inf. Desportiva – 2.ª edição); **20.35:** «Música Portuguesa»; **21.00:** «A viver também se aprende»; **21.30:** «Noites de luar»; **23.00:** Títulos do Último Jornal. Noticiários intercalares às **16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00** horas

Programa 2

15.30: Que quer ouvir; **17.00:** Curiosidades musicais; **17.45:** Aberturas: Guilherme Tell de Rossini; **18.05:** Sinfonia n.º 4 em sol maior de Mahler; **19.00:** Alfa e Ómega; **19.40:** Música de todos os quadrantes; **20.10:** O compositor da semana – Brahms; **21.00:** Ópera comentada; **22.30:** Música de órgão, de Bach; **23.00:** Intercâmbio musical. O Outono na Estíria 1933 em gravações cedidas pela ORF, Radiodifusão Austríaca. **1.º Parte:** – Thema 44 ad honorem Josef Haydn, de Lorenzo Ferrero. Duplo concerto para flauta, fagote e orquestra de Friedrich Cerha. **Intervalo:** Música. **2.º Parte:** – Concerto para violino e orquestra de Thomas Pernes. Poema Sinfónico de Wojciech Kilar; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (263, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Musical; **20.00:** Conta corrente; **20.30:** Quando o telefone toca (3 edições); **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O som da frente; **18.00:** Cinco estrelas; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** Café concerto, **00.00:** Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

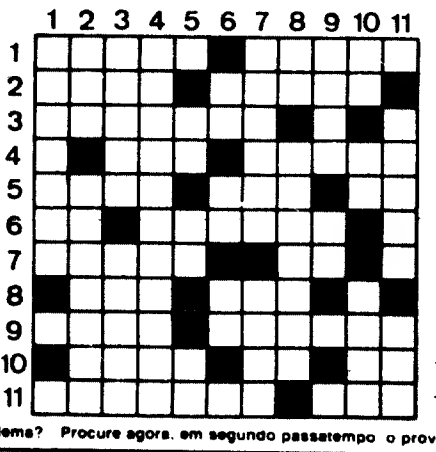
RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00:** Jornal das Regiões; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.30:** Horizonte; **20.30:** Programa da LAR; **21.00:** Quando o telefone toca; **21.30:** Ouvir e pensar (inclui «Portugal Experiência Histórica»); **22.00:** Hora de música; **23.00:** Diário 23; **23.40:** Bola branca (3.ª ed.); **23.55:** Meditando.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 055



HORIZONTAIS:

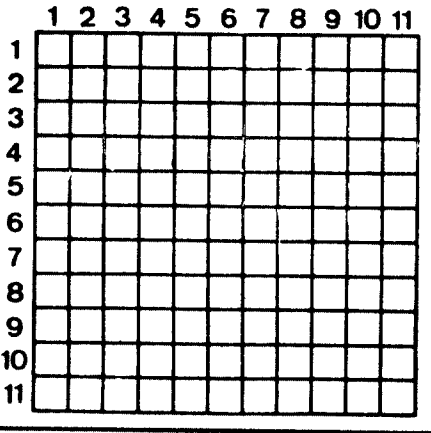
1 Tamanco rústico. Ser racional.
2 Cupido. Cantores entre os gregos.
3 Pequenos tumores.
4 Título honorífico na India Substituiçao.
5 Rumores. Interjeição usada para obrigar os distraídos a descobrir-se à passagem de qualquer símbolo respeitado. Samário. (s.q.).
6 Em o. Costumaram.
7 Verbais. Sua Majestade.
8 Rio de França. Ofereces.
9 Capital do Gana, porto no golfo da Guiné. Aceirou.
10 Poeta entre os Gregos. Reis. Crómio (s.q.).
11 Cidade da Argentina. Artilharia antiaérea.

VERTICAIS:

1 Curto.
2 Sapo do Amazonas. Órgão central da circulação do sangue.
3 Animal bovino, do sexo masculino e não castrado. Serra de Portugal.
4 Morta.
5 Pronome pessoal. Ósmio (s.q.). Sufixo que designa estado.
6 Preposição e artigo. Motivo. (fig). Contracção da preposição de com artigo.
7 Madeira escura das Antilhas. Frágil.
8 Compaixão (inv). Saísses frequentemente à rua.
9 Farsa satírica. Milímetro.
10 Pertences. Césio (s.q.). Cratera.
11 Sepultura. Larva das feridas dos animais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9905



HORIZONTAIS:

1 Aguço. Sarraceno.
2 Pesquiza. Outeiros.
3 Vila e concelho do distrito de Setúbal.
4 Em as. Fábricas de loiça de barro.
5 Ósmio (s.q.). Nome de jogo. Cantiga.
6 Ecoa.
7 Coragem. Negativa.
8 Preposição e artigo. Esteiro. Passadas.
9 Troveje. Curou.
10 Acrescentara. Dissipas.
11 Nivela. Navio.

VERTICAIS:

1 Actínio (s.q). Pronome pessoal. Prender.
2 Comes. Cabo.
3 Prendes. Solitário. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
4 Pátria (inv). Constara.
5 Vila e concelho de distrito de Évora.
6 Freguesia do concelho de Gouveia. Em as.
7 Peça de aço, elástica, para vários fins. Utensílio doméstico. Fedor.
8 Rezara. Naipe das cartas de jogar.
9 Irídio (s.q.). Cólera. Domestico.
10 Rebolai. Cidade da Alemanha.
11 Ósmio (s.q.). Curas. Pronome reflexo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 054

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 QUANTO. MAIS.	1 Que. CONHEÇO.
2 Urra. Suai.	2 Urraca. As.
3 Erada. Lisos.	3 Arar. Urros.
4 Aranhas.	4 Nadar. Aalen.
5 EC. No	5 An. Ama.
6 Oau. Moer.	6 OS. HOMENS.
7 Rate. Siri.	7 Ulamo. Ad.
8 Hora. Nata.	8 MAIS. ESTIMO.
9 Olas. Inda	9 Ais. Triana.
10 Casem Amali	10 OS. DLV.
11 Os. Nardo VS.	11 Sãs. ANIMAIS.

Provérbio: QUANTO MAIS CONHEÇO OS HOMENS MAIS ESTIMO OS ANIMAIS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9904

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Fama. Amarra.	1 Farda. Anela.
2 Ará. Aramei.	2 Ária. Ato. Er.
3 Rir. Sol.	3 Marrada. Agá.
4 Dariam. Cora.	4 Ida. Arar.
5 Adia. Asas.	5 Alai. Adir.
6 Ada. Sãs.	6 Aromas.
7 Ata. Coa.	7 Mas. Amadas.
8 Nó. Adiara.	8 Am. Cãs. Roma.
9 Ari. Domai.	9 Repôs. Camas.
10 Legar. Amada.	10 Ri. Ra. Ad.
11 Arar Usas.	11 Rasparias.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
M. 13 anos
CORAÇÃO DE OURO

ÁVILA 539930

Av Duque d'Ávila, 92A

Às 14 45, 17, 19.10, 21 45 e 23 45
– M. 18 a.
MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
Realização de Terry Jons
Comédia

AVIS 547153

Av Duque de Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. m. 18 anos
Kate O'Mara e Paulo Freeman
no 1.º filme sobre um problema actualíssimo!
DE QUEM SOU FILHA
Wose child am I?

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
às 14, 16.30, 19 e 21.30
(Para todos)
Walt Disney Productions
apresenta
AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE

CASTIL 530194

R Castilho

Às 14.30, 18 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
UNS... E OS OUTROS
2.ª Semana

CINE BLOCO 556824

R Pinheiro Chagas, 10
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. m. 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
Às 23.30
M. 12 anos
A GOLPADA – PARTE II

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30
Não ac. m. 18 anos
BIONIC BOY
Um filme de: Leody Diaz
Com: Johnson-Yap, Ron Rogers e Susan Baecher

CINE 222 579460

Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. m. 18 anos
O ESPIÃO IMPLACÁVEL
Às 24
Não ac. m. 13 anos
A BATALHA DAS ARDENAS

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 21.30
Maiores de 18 anos
UM DRAMA BURGUÊS

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30
Maiores de 12 anos
COMÉDIA ROMÂNTICA
Com Dudley Moore e Mary Steen Burgen
Realização: Arthur Miller

CONDES 322573

Av da Liberdade, 2

Às 15 15, 18.30, 21.30
Não ac. m. 13 anos
PAPILLON

2000 2100055

Av B Voluntários, lts 113/4

Às 15, 18 e 21.30
Maiores de 18 anos
SCARFACE

EDEN 320768

P Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 16 anos
OS COMANDOS DA NOITE

ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
96.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 2130
— M. 16 A.
A MULHER DO AVIADOR

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 15.00, 18.00, 21.30 e 24.00
Não ac. m/13 anos
PAPILLON
com Steve McQueen
e Dustin Hoffman

SALA 2
Às 14.30, 16.30, 19.00 e 21.30
Maiores de 6 anos
O REGRESSO DO AVENTUREIRO
de Herbert Ross
com Donal Sutherland

IMPÉRIO 555134/5

Al Afonso Henriques, 35
Às 15, 18.15 e 21.30
Maiores de 10 anos
Uma produçao de Darryl F. Zanuck
O DIA MAIS LONGO
(70m/m) 42 grandes artistas
O filme começa no inicio das sessões

LIDO 936593

P. D. João I. Amadora

Às 21.30
Maiores de 12 anos
MILAGRE DE AMOR

MONTECARLO 681117

Av Pedro Álvares Cabral 37
Às 14.15, 16.30 e 21.30
AS JÓIAS DA GRÃ-DUQUESA
Com Roger Moore4Tony Custs
Às 24
Não ac. m 18 anos
JAGUAR

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. m. 18 anos
A FORÇA DO TIGRE

PATHÉ 821933

R Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
Maiores 16 anos
GANGSTERS DAS 4 RODAS

Uma cena do filme «A Mulher do Aviador» realizado por Eric Rohmer em exibição no ESTÚDIO 444

POLITEAMA 326716

R Portas S Antao 109
Às 14.15, 16.30 e 19
Ultimas exibições
Int. m. 18 anos
Um filme de John Irving
CÃES DE GUERRA
Com Christopher Walken e Colin Blakely

QUARTETO 771378

R Flores de Lima, 16

SALA 1
ÀS 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Não ac. 18 anos
DESESPERADO CITY
Às 23.30
M. 18 anos
VAI TRABALHAR MALANDRO
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Maiores 16 anos
PAIXÃO
Às 23.30
M. 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
M. 18 anos
A MULHER EM CHAMAS
Às 23.30
M. 18 anos
CARNE DE PRIMEIRA
SALA 4
Às 14,15, 16.30, 19.00 e 21.15
M. 12 anos
O CONTRATO
Às 23.30
O MISTÉRIO DE OBERWALD

QUINTETO 573407

R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
BLOW OUT (Explosão)
Não ac. m. 18 anos
Às 24.00
TIMES SQUARE

ROMA TEL. 727778

Av de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Maiores de 16 anos
Nunca um objectivo foi tão importante e perigoso!
OS COMANDOS DA NOITE
Com Gene Hackman

ROXY 548560

Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
A FÚRIA DO GUERREIRO

SÃO JORGE 579144/579344

Av da Liberdade, 175

SALA 1

Hoje, às 21.30 horas início do Ciclo
Meryl Streep
Não ac. m. 13 anos
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

SALA 2

Às 14., 16.30, 19 e 21.30
— M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
Maiores de 12 anos
O COMPANHEIRO
Com: Albert Finey e Tom Courtenay

7.ª ARTE 730715

Av República, à E Entre Campos junto ao n.º 63
As 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 18 a.
MONTY PYTON'S, O SENTIDO DA VIDA
Às 11.15
Para todos
FESTIVAL DISNEY DE VERÃO

STAR 804210

Av Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15.00, 18.15 e 21.30
M. 12 anos
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E de Benfica, 723-A
Às 14, 17.30 e 21.30
Maiores 18 anos
SCARFACE
– A FORÇA DO PODER
Domingo, às 11.00
Para todos
AVENTURAS DE ALICE

VOX 880808

Av. Fr Miguel Contreiras, lote 879

Às 15.00, 18.15 e 21.30
Não ac. m/13 anos
O milagre feito cinema. A mais fantástica aventura da história do cinema continua em...
O IMPÉRIO CONTRA-ATAQUE

XENON 368480

Av da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
7.ª Semana
Maiores de 16 anos
CHRISTINE
– O Carro Assassino
7.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «Hollywood Porno» (18 anos (sessões Permanentes)
MUNDIAL – «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)
TERMINAL – Star 80 a tragédia 21.30 (16 anos)
CINE ESTÚDIO – ACS – «Guerra do Mirandum», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUB – «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «O Consul Honorário», às 21.30 (16 anos)
TIVOLI – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «Classe», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 – «Apocalypse Now», às 21.15 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Casais Trocados», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «A Força do Poder às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Rocky III», às 21.30 (6 anos)
CINEMATECA – «Em Plena Selva», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Carrie» 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Um chui de Blue Jeans» 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «A febre continua» 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Afrodite» 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Big Boss o implacável» 21.30 (18 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Caçada dos Duros» 21.15 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrivel – «Piranha II – O peixe vampiro» 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Os incorruptíveis contra a droga» 21.15 (13 anos)
AMORA – CRUZ DE PAU – Lord – «O dragao ataca» 21.30 (13 anos)
SETUBAL – Júpiter – «Amantes de Verão» 21.15 (18 anos)
ALMADA – Cine Estúdio – «Soldado Aventureiro», às 21.30 (6 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine Estúdio Flores – «Eu e Catarina que maravilha» 21.30 (12 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «O maníaco» 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A golpada» 21.30 (12 anos)

Porto

PEDRO CEM – «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (18 anos)
RAIONE – «Perigo no Espaço», às 21.30 (12 anos)
VALE FORMOSO – «Convulsões Eróticas», às 21.30 (18 anos)
SALA BEBÉ – «Christine», às 21.45 (16 anos)
BATALHA – «Implacáveis Exterminadores», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Projecto Bainstorm», às 21.45 (12 anos)
TERÇO – «Desforra Apache», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Finalmente, Domingo», às 21.30 (12 anos)
CHAPLIN – «Opção Final», às 21.30 (12 anos)
SAO JOAO – «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «A Turma dos Tarados», às 21.30 (12 anos)
JÚLIO DINIS – «Vigilante», às 21.30 (16 anos)
FOCO – «Os Comandos da Noite», às 21.30 (16 anos)
COLISEU – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-L – «Guerra do Miradum», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
ESTÚDIO – «Perseguição Alucinante», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «Os Frutos da Paixao», às 21.45 (18 anos)
LUMIÈRE-A – «A Educação de Rita» às 21.45 (12 anos)

farmácias

Lisboa
PERMANENTE

AJUDA – Moura – Tv. Memória, 55 (Tel. 630944); **ALVALADE – Líbia** – Av. Igreja, 4 BC (Tel. 891681); **AVENIDAS – DUQUE D'ÁVILA – Cosmos** – Av. João Crisóstomo, 44 C (Tel. 40592); **BAIRRO AZUL – Bairro Azul** – Av. Ressano Garcia, 7 A (Tel. 571451); **BAIXA – Normal de Lisboa** – Rua da Prata, 220 (Tel. 321342); **BENFICA – ST.ª CRUZ – Lavinha** – Rua Eng. Paulo Barros, 28 A (Tel. 708242); **CAMPO D'OURIQUE – Linaida** – Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 708242); **CHELAS – Sacramento** – Rua Actriz Palmira Bastos, Lt. 42 (Tel. 384904); **CHILE-ALAMEDA – Nobel** – Rua Actor Vale, 53 (Tel. 842152); **CONDE DE REDONDO – SANTA MARTA – Davi** – Rua Conde de Redondo, 68-72 (Tel. 554342); **GALINH. CHARNECA – LUMIAR – São Bartolomeu** – Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969); **PAMPULHA – JANELAS VERDES – Lealdade** – Rua Olival 226--228 (Tel. 663441); **BRANDOA – AMADORA – Correia** – Urb. Alfornel – Cel G-LT 137-Loja B (Poente); **ODIVELAS – Almeida** – Pct, A Rua Tomás da Anunciação, 38-B;

REFORÇO

AREEIRO – Garantia – Av. Padre Manuel Nóbrega, 5 AB (Tel. 887300); **GRAÇA – Morão** – L da Graça 63 (Tel. 860700); **JARDIM DOS ANJOS – Confiança** – Av. Almirante Reis, 46 B (Tel. 821653); **JARDIM ZOOLÓGICO – Alegria** – Est. Benfica, 180 AB (Tel. 780511); **OLIVAIS SUL A EST. MOSCAVIDE – São Paulo** – Rua José Campos, Lote 823 (Tel. 310711); **PC. ALEGRIA – Brites Moita** – Pc. ALEGRIA, 33-34; **PICHELEIRA – Mariuz** – Cc. Picheleira, 14C BC – Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **POÇO DOS NEGROS – Valentim** – Rua Poço Negros, 88-90 (Tel. 601453); **SALDANHA – Dalva** – Av. Duque d'Ávila, 125 (Tel. 545225); **SANTO AMARO – Botânica** – Rua da Junqueira, 38-40 (Tel. 6381132); **XABREGAS – Salter** – Rua Xabregas, 63-65 (Tel. 381185); **BURACA – AMADORA – Vaz Martins** – Rua António Ferro, 6A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores, 11 A (Tel. 910305); **PÓNTINHA – Cruz Correia** – Est. Santo Elói, 41 A (Tel. 992453); **PRIOR VELHO – Matos** – Trav. Prioras (Tel. 2519939).

Linha de Cascais

ALGÉS – Dias Saraiva – Av. Afonso Palha, 17 (Tel 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA – Melo Almeida** – R D. Diogo Couto, I 182 (Tel 219697) Até às 19 h; CARCAVELOS – Central – R 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Permanente; **OEIRAS – Oeiras** – L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485). Permanente; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta da Palmeira, lote 24 (Tel. 247723); **PAREDE – Asirir** – Av. Gago Coutinho, B.º Caixas de Previdência (Tel. 2472948). Permanente; **CASCAIS – Cordeiro** – Av. Comb. G. GUERRA, 40 (Tel. 280170). Permanente.

Outra banda

ALMADA – Cristo Rei – Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE – Louro** – R. Alexandre Herculano, 6-B (Tel. 2763517). Até às 22 h; **COSTA CAPARICA – Higiénica** – Av. República, 23 (Tel. 2400020). Até às 19 h; **LARANJEIRO Baptista Marques** – R. Boa Vontade, 17-B (Tel. 2298572). Até às 22 h; **SESIMBRA – Leão** – Av. Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **LAVRADIO – J. Consolado** – Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Tel. 2043126); **BARREIRO – Soares** – Av. República, 1 (Tel. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA – Aliança** – Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302). Até às 19 h; **CORROIOS – Abreu Cardoso** – B.º Cid. Setúbal, 1-B (Tel. 2291192). Até às 19 h; **AMORA – Nova Amorense** – EN 10 – Bloco A – Loja (Tel. 2216355). Até às 22 n; **SEIXAL – Soromenho** – P. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2213560). Até às 22 h; **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020). Até às 22 h; **ALCOCHETE – Gameiro** – R Antônio Santos Jorge, 15 (Tel. 234100). Até às 19 h.

Linha de Sintra

32 AMADORA – S. Jorge – R. Pedro del Negro, 5 (Tel. 1938703). Permanente; **Campos** – R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072). Até às 22 h, **DAMAIA – Romeiro** – Urb. Casal S. Brás, Lote 116 Até às 22 h; **Lemos** – R. de Goa, 21-A (Tel. 971121). Permanente; **QUELUZ – Zeller** – R. República, 83 (Tel 950045). Até às 22 h; **CAMARATE – Batalha** – R. Cid. Lisboa, 9-A (Tel. 251872). Até às 19 h; **CACÉM – Quimia** – Est. Mem Martins, 285 (Tel. 9210012) Permanente; **MEM MARTINS – Silva Duarte** – R. Elias Garcia, 167 (Tel. 9248120). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA – Araujo** – Até às 22 h; **COLARES – Abreja** – (Tel. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (Tel. 980456). Permanente; **MOSCAVIDE – Banha** – Av. Moscavide, 22-A (Tel. 2518518). Permanente; **SACAVÉM – Maria** – R. Salvador Allende, Lote 2 (Tel. 251434). Até às 22 h; **LOURES – Sálvia** – Av. República, 29 (Tel. 2531240). Permanente

teatros

Lisboa

COMUNA – «Marat», às 21.30 (13 anos)
TEATRO IBÉRICO – «Gardel, el Dia que Me Quieras», às 21.30 (13 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
O Grupo Novo — «Confissões numa Esplanada de Verão», às 21.30 (12 anos).
ABC – «É Tudo a Roubar», as 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Eu Desço na Próxima, e Você?», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «Abel, Abel», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA – «A Carroça do Poder», às 21.30 (12 anos)
SALA EXPERIMENTAL – «Reis Coxos», às 21.45 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «Comédia dos Horrores», às 21.45 (18 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE – «Um cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE – «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
REALEJO – «Memoria no Espelho», às 21 45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «O meu Amor é Traiçoeiro», às 21.45 (13 anos)
TEATRO UNIVERSITÁRIO – «Judith contra Holofernes», às 21 45 (13 anos)
TEAR – «Anfitriao», às 21.30 (13 anos)
TEP – «Eles Nao Usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

PORTO

Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h

CAMPOS – Rua Padre Luis Cabral, 943 – Foz; **HENRIQUES** – Praça da Batalha, 64-A; **ORIENTAL** – Rua do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS** – Rua D. Afonso Henriques, 646-Areosa; **MAFALDA** – Rua do Monte Cativo, 444.

De dia e toda a noite

CLÉRIGOS – Rua dos Clérigos, 36; **CARDONA DOS SANTOS** – Rua D. Manuel II, 90; **MARTINHO, SUC** – Praça Marquês de Pombal, 122; **MOURA** – Rua do Bonfim, 582-A e B; **RAMOS** – Praça do Exército Libertador, 91

Coimbra

BAPTISTA – Praça da Republica 9-10 – Tel. 23747; **PAIVA** – Praça do Comércio – Tel. 23231

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.32	03.40 m	02.57	01.30 m
21.52	03.60 m	15.20	01.50 m

DIA 8

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.40	03.50 m	04.09	01.20 m
23.01	03.70 m	16.31	01.40 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	8°
PORTO	11°
COIMBRA	11°
CABO CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	15°
ÉVORA	10°
BEJA	10°
FARO	13°
SAGRES	–
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	18°

"Hermenegildo Capelo" chocou mas não foi com um submarino...

A fragata portuguesa «Hermenegildo Capelo» embateu num objecto submerso na costa da Noruega e deixou de integrar os exercícios navais da NATO que desde há dias decorrem na Europa sob a égide Stanavforlant. A «Hermenegildo Capelo» era a única unidade portuguesa participante nas manobras e será rapidamente substituída pela «João Belo».

Um informador do Estado-Maior da Armada afirmou esta manhã ao «DL» que o choque com uma pequena rocha submarina, não previsto nestes exercícios, ocorreu em Maio e afectou a cápsula do «domo-sonar», impossibilitando a «Hermenegildo Capelo de prosseguir nos exercícios.

A sua reparação, que está a ser feita no Norte da Noruega (em Lofoten Island), deverá permitir-lhe estar no dia 10 em Havre (Norte de França), nas comemorações do 10 de Junho (Dia de Portugal e das Comunidades) e na «Semana de Kiel», no Norte da RFA – cerimónias que estavam reservadas para a «João Belo».

A fragata «Hermenegildo Capelo», como acima dissemos, participava num exercício de luta anti-submarina, no âmbito da Stanavforlant, quando foi detectada a presença de um objecto submarino não identificado. Dois navios, incluindo a fragata portuguesa, seguiram para o local para tentarem identificar o objecto com o «domo-sonar», uma cápsula que mergulha no mar e emite sinais ultra-sonoros e que muitos comparam a uma espécie de antena situada no casco do navio.

Segundo um comunicado há dias enviado para Lisboa pelo comando da Força Naval da NATO, foi durante essa operação de reconhecimento que o «domo-sonar» da «Hermenegildo Capelo» embateu contra um pico rochoso, não assinalado nos mapas, e que se erguia a poucos metros da superfície.

O casco do navio nada sofreu e por isso é errado falar de encalhe, como já foi dito.

O acidente ocorreu em finais de Maio, mas só agora foi tornado público, depois de terem sido bem analisadas as suas causas, para evitar especulações.

«Como o navio operava numa zona onde há muitos submarinos estranhos à NATO, temeu-se inicialmente que a Capelo tivesse embatido num» acrescentou uma fonte da Armada.

A fragata possui sonares de pesquisa e de ataque, radares de aviso de superfície, de aviso aéreo de tiro e de navegação sonda, odometro, equipamentos passivos de guerra electrónica e equipamento de protecção contra a guerra nuclear, e tem uma guarnição de 14 oficiais, 29 sargentos e 154 praças.

Antecipação das obras do porto de Sesimbra entre as medidas de emergência para Setúbal

A antecipação, para 4 de Julho, do lançamento do concurso internacional relativo ao porto de pesca de Sesimbra (que estava previsto para 1985), figura no conjunto de medidas de emergência do Governo para o distrito de Setúbal, ontem divulgado. A adjudicação desta obra deverá agora ocorrer até Outubro do presente ano, segundo refere um comunicado dos gabinetes dos secretários de Estados da Presidência do Conselho de Ministros e da Segurança Social.

A decisão respeitante ao porto de Sesimbra figura entre as «medidas de utilidade económica e social indiscutível» as quais abrangem ainda o «desbloqueamento rápido das operações de crédito necessárias ao acabamento de navios graneleiros em construção na SETENAVE; o financiamento à construção de habitações sociais no distrito de Setúbal e «medidas de carácter social no âmbito do sistema de passes sociais dos transportes».

Recorde-se que, no dia 31 de Maio, o Conselho de Ministros aprovou um conjunto de acções de emergência para o distrito de Setúbal, com o objectivo «de fazer face a situações de carências mais graves em que se encontram determinados sectores da população». O conjunto de acções de emergência foi elaborado por um grupo de trabalho constituído por determinação do Primeiro-Ministro e vice-primeiro-ministro e é coordenado pelo secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, conjuntamente com a secretária de Estado da Segurança Social.

Nos trabalhos deste grupo têm também participado o governador civil de Setúbal, a presidente do Conselho Directivo do Centro Regional de Segurança Social, o presidente do Instituto de Acção Social Escolar e o vice-presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Na qualidade de observadores, têm assistido aos trabalhos representantes da UGT.

Entre o conjunto de acções de emergência já adoptadas pelo grupo, contam-se as seguintes: «Apoio alimentar às crianças e a idosos em situação de carência previamente reconhecida pelos Serviços de Segurança Social»; «apoio económico a agregados familiares com rendimentos degradados e insuficientes para garantir níveis minimamente dignos de subsistência»; «apoio à manutenção dos postos de trabalho em pequenas e médias empresas em dificuldades, mas reconhecidas como viáveis» e «dinamização das acções de formação profissional dos jovens do distrito de Setúbal».

A coordenação da execução das acções de emergência está a cargo do governador civil de Setúbal, em estreita colaboração com a presidente do Conselho Directivo do Centro Regional de Segurança Social.

Mensagem de Eanes do 10 de Junho

Entre a Europa e o mar soubemos ir para além de ambos

O Presidente da República afirma, na sua mensagem às Comunidades Portuguesas por ocasião do 10 de Junho hoje divulgada, que é possível mudar o presente inventando, contra todos os fatalismos, modelos viáveis de desenvolvimento.

Ramalho Eanes salienta ainda ser possível fazê-lo «sem perder oportunidades no vasto Mundo por onde nos espalhamos e continuamos a ser recebidos com reconhecimento pela utilidade do nosso trabalho e com aceitação da nossa maneira de ser».

«Celebrar Camões neste seu dia é também aprender com os próprios erros, sem azedume, e explorar as próprias possibilidades, sem desistência» — afirma o Presidente da República na sua mensagem.

«E redescobrir e cultivar qualidades — prossegue — que são mais nossas que temos julgado: a vontade de mudar o presente que não nos basta, a esperança na capacidade de construir dias melhores e o bom humor perante as dificuldades que nos adiam esse futuro.»

«É finalmente — diz ainda — reforçarmos em torno da nossa identidade, redescoberta, e assumida, a indispensável coesão e solidariedade entre todos os portugueses, os presentes como os ausentes.»

«Importa sublinhar que os portugueses no exterior, qualquer que seja a sua situação, continuam a ser portugueses da Nação aqui radicada» — sublinha a mensagem do Presidente Ramalho Eanes.

«O afastamento dos emigrantes é um acidente histórico com evidentes razões de natureza económica mas, também, com razões de natureza cultural» — lê-se na mensagem enviada pelo Presidente da República às Comunidades Portuguesas por ocasião do 10 de Junho.

«Nem sempre — prossegue — as oportunidades na sua terra natal pareceram aos portugueses bastantes para as dimensões do seu sonho, assim com nem sempre os portos de destino lhes foram suficientemente acolhedores.»

«Somos um povo que se defeniu entre a Europa e o mar, e que soube ir para além de ambos, passando fronteiras consideradas definitivas e assimilando culturas julgadas incompatíveis. Um povo de miscigenação, primeiro no seu território de partida, depois também em todas as partes do Mundo aonde nos levaram as caravelas dos nossos navegadores» — afirma Ramalho Eanes.

«Este desenraizamento — sublinha — tornou-se parte de nós. Somos, os portugueses, capazes de abalar sem trair o vínculo original à Terra-Mãe, capazes também de nos adaptarmos aos novos espaços com toda a nossa disponibilidade criadora.»

O Presidente da República considera ainda que o 10 de Junho, «mais do que a evocação de uma data, deve ser uma revelação viva e criadora, que nos dê lições e estímulo».

João Gilberto: a voz que não ouvimos

Era grande o entusiasmo. João Gilberto, que não costuma falar aos jornalistas, tinha-se decidido conceder à Imprensa as suas impressões. À hora aprazada para o início da conferência de Imprensa muitos eram os jornalistas que esperavam junto a uma das salas do hotel. Depois de uma hora de espera, sem ninguém da organização ou da comitiva para dar qualquer explicação, os jornalistas são informados com alguma indelicadeza que «dentro de 15 minutos»... Só que, para grande espanto, João Gilberto não desceu do quarto. Cansado por uma noite de trabalho, e fatigado pela viagem, o cantor ainda descansava. Mas, num assomo de ousadia e arrogância, alguém da comitiva decidiu pela Imprensa. Se não há o cantor, há o maestro e o empresário. «Essa não!», e alguns de nós saíram. A voz de João Gilberto vamos ouvi-la esta noite, no Coliseu, acomanhado pelo violão.

Nuno Ribeiro

Começa amanhã e termina dia 15

Teatro para a infância debate-se na Gulbenkian

Promovido pelo Centro Português de Teatro para a Infância e Instituto de Apoio à Criança, principia amanhã, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, o 6.º encontro nacional de teatro infantil.

A reunião vai prolongar-se até ao dia 15 e nela deverão participar os criadores de teatro para a infância e juventude bem como pessoas que se interessam pelo teatro infantil, técnicos, jovens, psicólogos, sociólogos, educadores para a infância, professores e escritores.

O tema do encontro será o trabalho do actor observado e debatido através e após a realização de oito espectaculos que se efectuarão no âmbito desta iniciativa. O primeiro espectáculo, realizado logo no primeiro dia do encontro, será representado pela Associação de Teatro de Turim. Os seguintes estarão a cargo dos grupos «O Bando», TEC, «Columbina» (Leiria), «Pé de Vento» (Porto) e Grupo Teatro Amadores (Porto).

Os trabalhos desta reunião vão repartir-se pelos auditórios da Gulbenkian e Centro de Arte Moderna.

A próxima segunda-feira, dia 11, será totalmente preenchida com um colóquio sobre um texto para a infância e juventude.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:
1.º PRÉMIO – 15 361 – 72 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 21 694 – 15 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 23 597 – 6 000 CONTOS

O 2.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETUBAL – FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
15.360 – 819.000$00
15.362 – 819.000$00

PRÉMIOS DE 300 CONTOS
3.310; 3.613; 6.614; 7.213; 7.902; 13.038; 16.491; 22.728; 25.582; 28.196; 29.447; 30.487; 32.769; 34.333; 34.544; 34.576; 35.222; 35.864; 37.440; 38.933; 43.650; 46.787; 48.325; 48.821; 49.717; 55.669; 55.707; 58.898; 60.330; 61.845; 64.182; 64.568; 65.471; 66.484; 68.730; 69.763; 69.790; 72.595; 75.713; 75.907; 76.960; 77.551; 77.714; 78.029; 76.338; 80.109 e 83.791.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
[illegible] – 317; 361; 513; 534; [illegible]; 597; 685; 693; 694; 843; 966 e 987
[illegible] – 18; 20 e 93
[illegible] (terminação)

PRÉMIOS DE [illegible] (CENTENAS)
[illegible]

NOTA: O direito aos prémios [illegible]
[illegible] A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS,
NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL
Lisboa, [illegible]

Diário de Lisboa

LER ESCREVER

Suplemento literário

N.º 163 • 7 de Junho de 1984

A saída da **Comuna** de alguns dos seus principais elementos não deixou de provocar profundas alterações no trajecto do grupo, embora este rapidamente recuperasse o nível de qualidade e a especifidade de estilo que marcaram os seus espectáculos, resultado da coerência do trabalho, em especial, do encenador João Mota.

Os que partiram

Além dos grupos já citados, **Os Bonecreiros** e o **Grupo 4**, outros vieram e desapareceram, caso do **Proposta**, fundado em 1976 por Augusto Sobral e Fernando Gusmão; **Oficina de Teatro e Comunicação**, fundado em 1976 por um grupo de actores brasileiros e portugueses com Águeda Sena, e que viria a produzir os seus últimos espectáculos em 1979; **Os Cómicos**, grupo que trabalhava numa sala anexa ao Teatro do Bairro Alto que seria fechada por razões burocráticas (1975--1979).

Dos espectáculos apresentados por estes grupos, merece uma chamada especial, o labor desenvolvido pelos **Cómicos**, de que salientámos já o espectáculo de estreia com a peça de Carl Sternheim, **As Cuecas**, sendo justo não esquecer, entre outros, **A Noite dos Assassinos**, de José Triana (outra peça proibidíssima), encenação de Angel Fácio e José Caldas e notável trabalho de três jovens actores, Fernando Heitor, Maria Amélia Aranda e Maria de Jesus Aranda (1975); **A Mandrágora**, de Maquiavel, clássico que a censura proibira, encenação de Ricardo Pais (1976). O grupo foi ainda co-produtor de um espectáculo extremamente ambicioso de Ricardo Pais, trabalho polémico sobre o **Frei Luís de Sousa**, com o título **Ninguém** (Teatro da Trindade, 1978).

Da rotina ao Teatro Nacional

Não é possível reconhecer em grande parte destes grupos independentes um projecto estético e cultural minimamente fundamentado. Seria injusto, no entanto, acusar os grupos dessas carências programáticas tendo em conta que, sobretudo por falta de vontade política, não se ergueram os alicerces de uma política cultural, e mais especificamente teatral, que abrisse um espaço de questionamento e de debate das respostas possíveis, criasse estruturas flexíveis de apoio à actividade teatral (que não deveria ser apenas económico), inventasse motores de dinamização da nossa vida cultural e teatral. Optaram os sucessivos governos por manter uma actividade rotineira que faz da atribuição de subsídios, sempre insuficientes, sempre a destempo, sempre mediante critérios errados, o único canal de relacionamento com a prática teatral.

De resto, a história do Teatro Nacional, desde que reiniciou as suas actividades em 1978, demonstra com eloquência a incompetência dos poderes tutelares que ainda não entenderam a importância que essa companhia devia assumir como força de arranque e dinamização da vida teatral. Nesse domínio, o que de mais importante se passou foi a criação de uma segunda companhia nacional que logo uma outra autoridade viria a extinguir numa prova de notável mas não surpreendente escassez de perspicácia.

Se são graves os problemas com que depara a companhia do **Teatro Nacional**, as dificuldades que os grupos independentes e o teatro da descentralização vivem no seu quotidiano não podem deixar de ter consequências nefastas na produtividade dos grupos. Essas dificuldades têm sido agravadas pela retracção do público, vítima de uma conjuntura económica que tem vindo a estreitar cada vez mais o seu poder de preenchimento dos tempos livres.

Os últimos anos

Os anos 80 têm sido marcados profundamente por essa conjuntura que, aliás, tem outras componentes, além da económica, condicionando as opções de criadores e públicos. Nestes primeiros três anos e alguns meses, verifica-se a proliferação de espectáculos de café-teatro de que uma experiência da **Comuna** serviu, mais recentemente, de modelo **(Deixó os Pousar!**, 1981). Não se pode dizer que só problemas económicos expliquem este fenómeno em que se transformou aquilo a que já poderemos chamar o movimento do café-teatro. Também a reacção de alguns actores à rotina de uma linguagem codificada e ao domínio imposto pelo texto e pela encenação bem como o desejo de experimentar novas formas de expressão (canto, dança) explicam o vigor manifestado pelo movimento.

A decadência progressiva em que a revista foi resvalando, acentuada pela suspensão da actividade do Ádóque, obrigado a abandonar o impróprio espaço de que dispunha no Martim Mo-

Continua na pág. 2

A confissão de Breytenbch

Preso em Agosto de 1975 em Johannesburg ao viajar na África do Sul sob falsa identidade quando trabalhava para uma organização anti-«apartheid» clandestina, posto em incomunicabilidade durante três meses, condenado em Novembro a nove anos de prisão e acusado, dois anos depois, de tentativa de evasão, Breyten Breytenbach foi libertado a 5 de Dezembro de 1982 graças a diversas intervenções, em especial à do governo francês. Breyten Breytenbach, que é considerado como o maior poeta sul-africano de língua afrikaans, não voltará decerto ao seu país. Publicou há pouco o livro Confission véridique d'un terroriste albinos, **que escreveu no ano passado. Explica-nos, num texto inédito, as razões que o impeliram a escrever esse livro.**

"Não sou um herói, nem sequer sou um revolucionário"

Por Breyten Breytenbach

Die woord is'n engte. A palavra é um istmo, uma língua de terra entre dois oceanos escuros. A palavra é também um encerramento. Mas é ela o único caminho que eu conheço; é o único espaço. Apercebo-me agora de que o meu livro é, em si próprio, um espaço de liberdade.

Eu tinha de escrever. Tinha de depurar-me, e tinha de fazê-lo antes que a própria recordação fosse obscurecida pela deformação do tempo. Se digo «depurar-me», isso poderá implicar que há acontecimentos, que eu fiz coisas pouco honestas, e que, portanto, devia ter vergonha. É verdade, eu não sou um herói, nem sequer sou um revolucionário. Retrospectivamente, devia ter feito isto ou aquilo — com apoios, num contexto ligeiramente diferente, se estivesse melhor preparado, se tivesse sido menos ingénuo, era isso que teria feito.

Isso, agora, não tem importância. Não creio que possa modificar o passado, a não ser na medida em que uma modificação do futuro vem lançar uma luz diferente e permanente sobre o passado. A mutação continua. Que faria eu para a próxima?... Mas eu procurei não me apresentar mais bonito que aquilo que sou.

Mesmo sem a apreciação pessoal — será isto provocado pelo orgulho? —, há a porcaria, a degradação das relações humanas que é imposta por si própria na relação interrogador-detido ou guarda-peisioneiro e da qual uma pessoa tem de libertar-se se quiser continuar a viver. Assim é para mim — sinto que há em mim zonas que nunca mais renascerão para a vida, mas tive de pôr em ordem e transformar esse período de alienação para poder virar-lhe as costas e avançar para o que se me depara. É bom viver. Sobreviver é também uma opção. É importante continuar.

Eu tinha de escrever aquilo. O documento propriamente dito ganhou forma nessa necessidade obsessiva que conheci nas primeiras semanas e nos primeiros meses a seguir à minha libertação: falar, falar, falar, contar a minha história e todas as outras histórias. Isso deve ter sido horrível para os que foram vítimas dos meus vómitos.

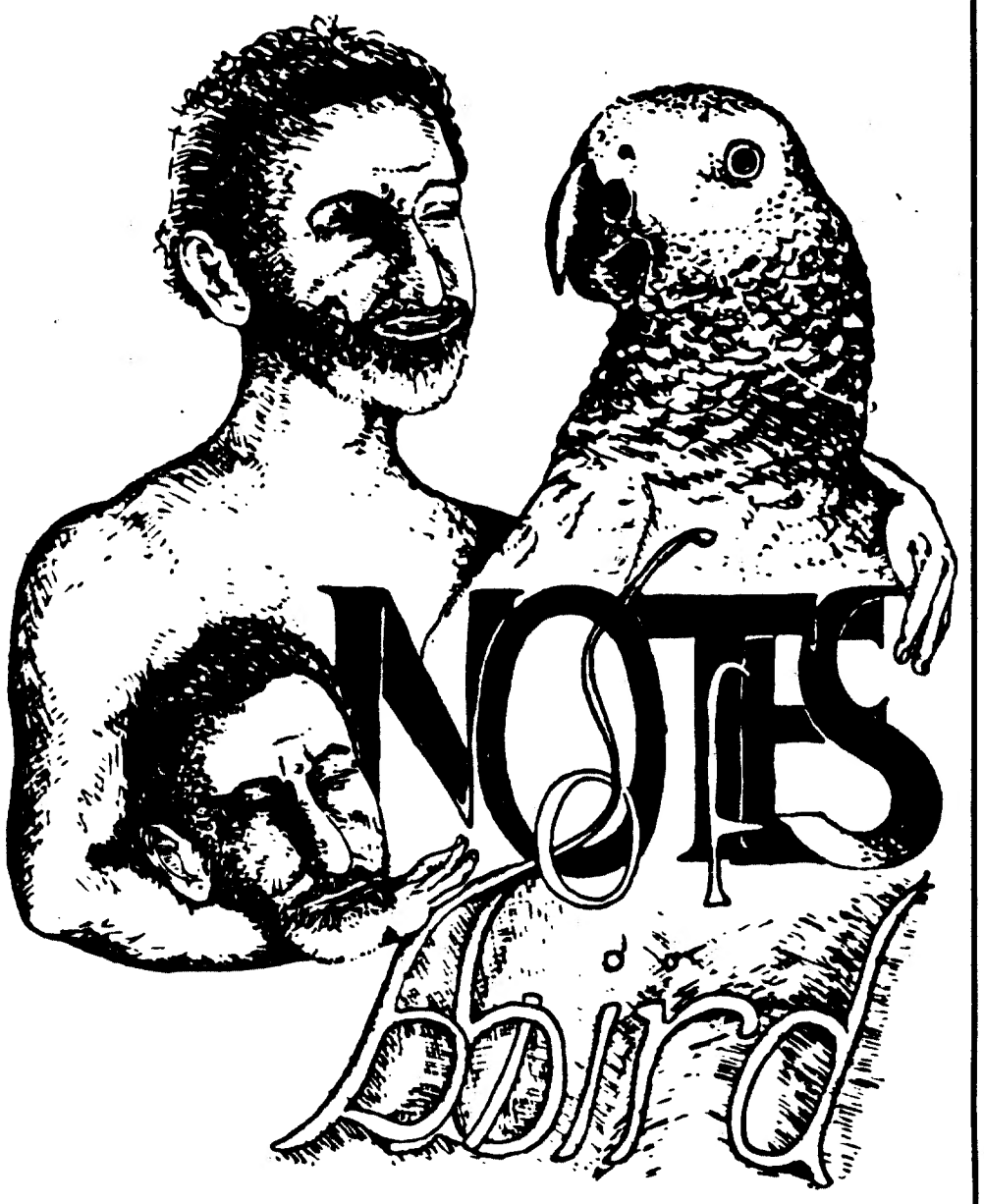
Assim se definiram a estrutura interna e o tom do livro. E, inevitavelmente, ele foi também a história de um livro que se faz. Depois, foi a reflexão sobre a procura daquilo que realmente se passou e da identidade do narrador. A andar é que se aprende a andar. E é sendo, quer dizer: fazendo perguntas a si próprio, que se descobre o que é **ser**.

Afastei conscientemente muitas coisas que sabia ou que vim a saber: tudo o que se passou cá fora. Outros terão de completar a história se disso sentirem desejo. Não penso que exista uma objectividade total. Mas nós devemos tentar — é isso que eu acho e foi isso que eu tentei: manter-me plenamente consciente em todas as circunstâncias —, o que novamente significa que se tem de tomar opções e que é preciso tomar a responsabvilidade pela consciência e pelas opções.

Um prisioneiro não é um sábio

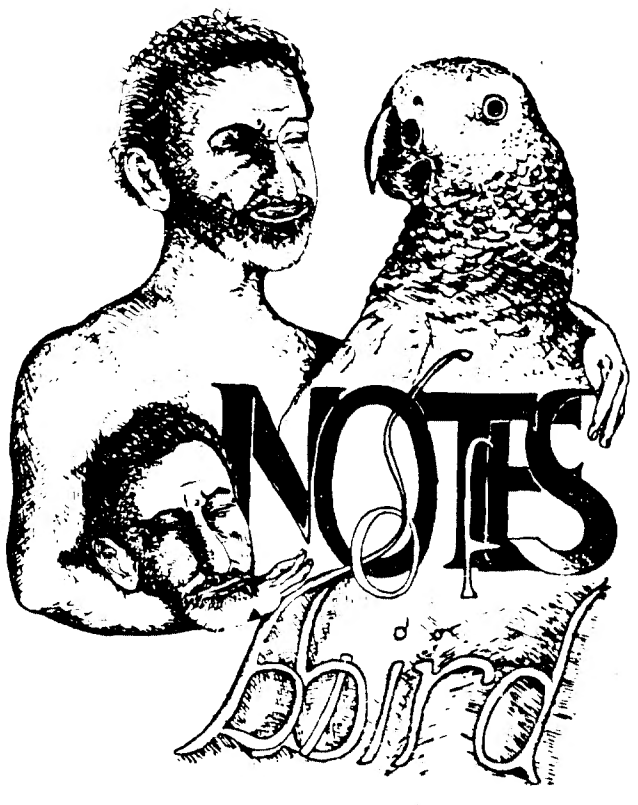
Procurei descrever tão fielmente quanto possível apenas o que vivi ou vi. Certas coisas seriam consideradas como conhecimentos de outiva num tribunal. Mas um prisioneiro não é um sábio. Estamos

Continua na pág. 2



Auto-retrato de Breyten Breytenbach

A confissão de Breytenbach



Continuação da pág. 1

todos sujeitos às fantasias do nosso mundo, que está – conscientemente – privado dos meios de verificação e de equilíbrio de um ambiente aberto. No entanto, tentei sempre manter a clareza e descobrir o que havia de verdade naquilo que ouvia ou que sabia pelos outros. Quando se é obrigado a viver em alerta permanente acaba-se por avaliar instintivamente, com as tripas, as pessoas que aparecem.

Pode haver erros no texto – erros de nomes e datas, de menos importância. Certas coisas que poderão parecer erros são intencionais: as pessoas a quem isso diz respeito compreenderão. Outras poderão talvez provocar reacções reveladoras.

Em certos casos, utilizei os verdadeiros nomes das pessoas de quem falo porque de nada serviria dissimulá-los. Em muitos outros casos, modifiquei-os ou substitui-os por outros, mas por trás de cada nome há uma pessoa verdadeira e podeis ter a certeza de que todos os citados se reconhecerão no livro. Só num caso dividi uma pessoa em duas a fim de fazer duas «personagens». Sucedeu de uma maneira muito natural. Não inventei nem «transpus» nenhum facto. Será evidente ao leitor que emiti com frequência opiniões ou juízos: são os meus juízos e as minhas opiniões.

Não tive a intenção de vingar-me de um sistema ou de determinadas pessoas – ou, pelo menos, não penso em tal. Estamos ligados demasiado para isso. Do mesmo modo que a ideologia do «apartheid» é apenas uma aberração – um bloqueamento – daquilo que potencialmente está presente na humanidade, também os carrascos e os interrogadores não são mais monstruosos que vós ou eu. É isso que os faz tão horríveis e tão míseros. É por isso que devemos continuar a condenar e a combater os seus actos. Penso que o torturador é tão depravado pelos seus actos como aquele que é torturado. Não passaríamos de imbecis e de simples joguetes da história se fossemos buscar as causas da depravação apenas na «natureza humana». Fazemos as sociedades e as sociedades fazem-nos a nós, a nós todos. Mas certos tecidos, uma vez rasgados, não podem ser consertados: certas transgressões em ser perdoada.

Eu tinha a intenção de fazer um texto político, e se ele surgiu mais «Literário» que aquilo que eu esperava, foi unicamente porque não consegui fazer de outro modo. É devido à deformação profissional, é por causa da seduação e da **vida** das palavras. Mas as duas maneiras de o entender não estão assim longe uma da outra.

Ser um africano branco na prisão dos negros

Quando uma pessoa se interessa por narrativas da prisão, apercebe-se de que o universo da prisão é o mesmo que o do mundo exterior. É a relação poder-repressão, que parece imutável qualquer que seja o local onde nos escondamos. E, quando se arrranha um pouco a superfície, descobre-se que o nosso século está marcado por actos e até políticas de brutalidade, institucionalizadas e em grande escala, em regiões do mundo que não cessam de alastrar. A tolerância diminui e o totalitarismo aumenta.

Nunca foi tão importante para cada um de nós — em particular para os cidadãos «vulgares» — lutar com todos os meios de que dispomos contra a desumanização do homem. O mínimo que podemos fazer é unir toda a gente — os marginais, os proscritos, os banidos, os trabalhadores emigrados, os cidadãos dos diversos países — para dar a conhecer todos os serviços de informações, todos os organismos de espionagem, todas as polícias de segurança e políticas, todas as sociedades secretas de todo o mundo. Projecto ilusório! São tantas... De modo que, se aquilo que eu descrevi tem algum valor documental, será talvez porque tentei, como africano branco que teve o privilégio de entrar num mundo demasiado bem conhecido da maioria dos sul-africanos, pintar tão completamente quanto possível a minha visão dessa sociedade tal como ela existe actualmente.

Desejo dedicar este livro não ao sr. Interrogador mas à multidão de detidos, de torturados, de presos do meu país natal, e não apenas aos «políticos» mas também aos de direito comum; com um pensamento amável para alguns daqueles patetas que levam umas vidas retorcidas, com a sua humanidade enlameada, a extorquir, a oprimir, a punir e a dirigir em nome da «segurança».

Diálogo com o carrasco

«Acusaram-me de ser um terrorista, levaram-me aos tribuanais em virtude da lei contra o terrorismo e, na minha ficha prisional, no sítio onde diz «condenações ou crimes», escreveram cuidadosamente «terrorismo»; por conseguinte, porque é assim que se passa para o «no man's land», sou efectivamente um terrorista.»

O autor faz questão de repetir que esta «confissão» não é um romance mas sim o relato exacto, argumentado, fiel, «verídico», de uma experiência que deixa marcas atrozes: sete anos na casa dos mortos. Histórias dos nossos dias de fazer eriçar os cabelos e de gelar o sangue: Breytenbach descreve a prisão friamamente, tal como ela é, com os «gangs» e as guerras dos «gangs», os assassínios, as violações dos rapazinhos, a antropofagia, a autodestruição e os suicídios... E descreve também os agentes especiais, os bufos, a falsa cumplicidade com os polícias, o sadismo dos guardas prisionais. Mostra-nos como se pode ser transformado num coelho que vê que o estão a comer mantendo os olhos abertos, «reduzido pelo polícia à pura nudez da confissão espontânea». Mostra o apartheid, que enlouquece tantos seus partidários como os seus adversários. «Haverá quem pergunte como foi que eu sobrevivi e eu respondo que não sobrevivi» — escreve Breytenbach.

Uma dolorosa interrogação sobre si próprio

Soube na prisão que o objectivo era destruir. Disseca o funcionamento da polícia política, recapitula os sete anos no «morredouro»[1], e os seus dois julgamentos, o seu papel na Okhela[2], as suas relações com a organização clandestina «Solidarité» e com Henri Curiel, mas sem trazer esclarecimentos ao mistério que o envolve.

Mas o livro, que ele classifica como «narrativa», nada tem de testemunho de um militante qualquer. Porque Breytenhach é poeta e este diálogo com o carrasco, que ele prolonga infatigavelmente, decorre num espelho, como um longo poema em prosa, em busca de si próprio, Quem é então o Sr. Interrogador a quem o autor se dirige e a quem resiste?

«Eu sou aquele que te domina. Conheço-te muito bem, Pertences-me», põe-no ele a dizer-lhe. Será o afrikaner, o padre confessor, a sua imagem no espelho ou ele próprio? pois Breytenbach procura-se a si próprio e o livro acaba por ser uma dolorosa interrogação sobre si próprio. Quem sou eu?, interroga-se este homem que já ultrapassou os 40 anos. Será necessário discutir o passado? Que faria eu para a próxima? Embora nada lamente das suas experiências, diz para consigo que, no fim de contas, a actividade clandestina «é apenas uma maneira elaborada de iludir-se a si próprio».

Quem é Breytenbach? «É o meu nome. Não é o único, mas afinal o que é um nome? Já me chamaram Dick; outras vezes, Antoine; houve quem me conhecesse com o nome de Hervé e quem me conhecesse com o de Jian Bloom; duma vez, chamei-me Jean-Marc Galaska; depois fui «o professor»; mais tarde, fui «Mr. Bird», o sr. Pássaro. Já disse que me chamam sr. Pássaro — escreve mais adiante —, que quer dizer bicho de forca». Compara as palavras que enchem o espaço da sua célula com pássaros desprovidos de asas — não inúteis, mas reduzidos ao nada. E sonha com asas, com areia e mar, para sair do labirinto. Sabe o que é ser negro num país de brancos, mas «como ser anti-«apartheid» quando se é branco, quando se pertence à minoria que está no poder?».

Agora, está virada na sua vida um página. Vive em Paris. Fez-se há pouco em Amsterdam uma exposição de quadros seus. Tinha de escrever esta confissão, que é um testemunho extraordinário sobre o Inferno de todos os «no man's lands» e, em particular, sobre a África do Sul. E agora, como poderá ele voltar a ser o Sr. Pássaro, poeta?

NICOLE ZAND

1. ***Ver o artigo** Sept ans au mouroir **(Le Monde, 14.10.83).***
2. ***Organização clandestina fundada em 1972 para lutar contra o apartheid.***

* *Confession véridique d'un terroriste albinos,* ***de Breyten Breytenbach, trad. do inglês para o francês por Jean Guiloineau. Stock, 356 p., 89 f.***

APRESENTAMOS-LHE

PARA LER E REFLECTIR

Para além dos grandes romances, do «Livro de Bolso», do livro prático e do infanto-juvenil, editamos também obras de carácter didáctico e as *obras de reflexão* indispensáveis a todos os que pretendem formar opinião sobre o seu país ou sobre o mundo.

A esses, e só a esses, sugerimos a leitura de três livros.

1° livro

CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA

EDGAR MORIN

Um novo livro de E. M. que é indispensável ler porque «[...] As ciências não têm consciência de que lhes falta uma consciência [...] As ciências não têm consciência dos princípios que comandam as suas elucidações [...] Por todos os lados nasce a necessidade de uma ciência com consciência [...] Uma ciência privada de reflexão e uma filosofia puramente especulativa são insuficientes. Consciência sem ciência e ciência sem consciência são mutiladas e mutilantes [...]»

2° livro

A ALUCINAÇÃO NUCLEAR

GEORGE F. KENNAN

George F. Kennan, antigo embaixador dos Estados Unidos em Moscovo, alerta para a ameaça representada pela política externa soviética e para o perigo de nos apoiarmos em armas nucleares. Ao delinear os principais problemas das relações soviético-americanas, Kennan indica como e porquê se deve fazer algo para acabar com a corrida aos armamentos e por que é do interesse da URSS e dos EUA fazê-lo.

3° livro

TEXTOS E ENSAIOS

JOÃO PALMA-FERREIRA

Palma Ferreira sempre foi uma personalidade polémica. As suas actuais funções na RTP expõem-no ainda mais aos olhos do público. No entanto, isso não o impede de expor as suas reflexões sobre política cultural, que considera «uma contribuição teórica para uma discussão em que alguns sectores da sociedade portuguesa se empenharam». E os ensaios que ora publicamos são a brilhante análise de algumas circunstâncias que perturbam a vida do País e das exigências e problemas da televisão em Portugal.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Continuação da pág. 1

niz, ajuda tambem a explicar esse vigor. Dois espectáculos, em especial, vieram justificar a atenção que o movimento merece e sobretudo reflectir a procura de novos caminhos para o teatro português. Com **Um Cálice de Porto,** a **Seiva Trupe** produziu não só o maior êxito de público do teatro independente desta década, como um modelo que foi buscar às raízes mais autênticas do teatro de revista a sua razão de ser. Trata-se por isso de um trabalho que consegue fazer a fusão de experiências diversas no levantamento de um espectáculo com características próprias. Isto, contudo, não invalida o que houve de correcto e justo na atribuição ao espectáculo da Seiva Trupe há cerca de dois anos em cena, do Prémio da Melhor Revista de 1982, atribuído pela APCT.

O segundo espectáculo dos dois a que nos referimos, foi **Marlowe,** na Casa da Comédia (1983), também este procurando uma síntese de várias formas e atingindo limites de virtuosismo que outras experiências do género não atingiram.

Os clássicos

Um outro elemento que parece caracterizar estes primeiros anos de 1980 é constituído pela recuperação de textos de autores clássicos, nos quais os encenadores encontram material não só muito rico

como s
do no s
jectos
do tea
clássic
regula
forçad
ça. Ta
esgota
lembra
cópia,
tónio J
Luís M
to de
gem **C**
A Cas
cenaç
TEAR
de Iné
Vicen
(1984)
Silva,
cenaç
na **Co**
tarém
de Gil
Gil (19
dia, d
trang
(1983
das; n
cente
nina?
(1980
pério,
Ribeir
der C
nal D
tistas,
des (
do Ca
los Ce

JOANA RU

como susceptível de ser aproveitado no sentido dos seus próprios projectos criativos. Embora na história do teatro independente, o autor clássico tenha sido uma presença regular, parece evidente ter-se reforçado recentemente essa presença. Também aqui sem querermos esgotar os exemplos possíveis, lembraremos, no **Teatro da Cornucópia,** o **Labirinto de Creta,** de António José da Silva, encenação de Luís Miguel Cintra (1982); e um texto de Gil Vicente, incluído na colagem **Oratória** (1983); na **Comuna, A Castro,** de António Ferreira, encenação de João Mota (1982); no **TEAR,** além de Gil Vicente, **Farsa de Inês Pereira** (1982), **Rapsódia Vicentina** (1983) **O Velho da Horta** (1984), um outro António José da Silva, **Os Encantos de Medeia,** encenação de Castro Guedes (1983); na **Companhia de Teatro de Santarém, Romagem dos Agravados,** de Gil Vicente, encenação de José Gil (1982); no **CEE,** o **Auto da Índia,** de Gil Vicente (1982), **Os Estrangeiros,** de Sá de Miranda (1983), encenações de Mário Barradas; na **Barraca** o mais belo Gil Vicente da década, **É Menino ou Menina?,** encenação de Hélder Costa (1980), e **Um Dia na Capital do Império,** colagem de textos de António Ribeiro Chiado, encenação de Hélder Costa (1983); no **Teatro Nacional D. Maria II,** dois autos quinhentistas, encenações de Castro Guedes (1983); no **TAS, As Moléstias do Casamento,** encenação de Carlos César (1982).

O caso dos dramaturgos nacionais

Estes bons exemplos de recuperação de textos, por vezes, esquecidos ou ignorados do teatro português não nos deve levar a minimizar a situação dramática, sem ironia, dos dramaturgos portugueses vivos que continuam a escrever para a estante, ou a não escrever, agora por outras razões, também elas dificilmente aceitáveis e que têm a ver com as opções dos criadores teatrais, opções que funcionam tão implacavelmente como uma censura. Apesar disso, alguma coisa foi feita que vale a pena lembrar, até por servirem de demonstração do infundamentado da marginalização a que esses autores são geralmente votados.

TEATRO De Abril a Abril

Logo depois do 25 de Abril, a **Companhia da RTP,** instalada no T. Maria Matos, apresentou um ciclo de espectáculos com textos nacionais: **Português, Escritor, 45 anos,** de Bernardo Santareno, encenação de Rogério Paulo (1974); **A Taição do Padre Martinho,** de B. Santareno, encenação de R. Paulo (1974); **Seara de Vento,** adaptação do romance de Manuel da Fonseca, encenação Artur Ramos (1975); **Legenda do Cidadão Miguel Lino,** encenação de Herlâder Peyroteo (1975). Mais tarde, pudemos ver no mesmo teatro, **O Encoberto,** de Natália Correia, encenação de Carlos Avilez (1977). O **Teatro Nacional D. Maria II** apresentou **Felizmente há Luar,** de Luís de Sttau Monteiro, encenação do Autor (1978); e **O Judeu,** um dos grandes textos da nossa literatura dramática, encenação de Rogério Paulo (1981), como as outras também estas condenadas ao silêncio pelo fascismo.

Se se pode discutir os resultados obtidos por estes espectáculos, e em especial por **Felizmente há Luar,** não se pode deixar de tem em consideração o seu significado na paisagem teatral desta década. Outros autores, no entanto, foram revelados, alguns deles graças ao facto de serem os encenadores das suas obras. Citemos: Hélder Costa com **Zé do Telhado,** encenação de Augusto Boal (1978); **D. João VI** (1979); Fernão Mentes?, ambos encenados pelo autor na **Barraca; Viagem,** encenação de João Mota (**A Comuna,** 1982). Jime Gralheiro: **Onde Vaz, Luiz?,** encenação de Carlos Avilez (**TEC,** 1981). Também Luísa Maria Martins encenou, no **TEL,** os seus textos: **Lisboa 72/74** (1974); **Trapos e Rendas** (1975); **Temas e variações** (1978); **Quando a Banda Tocar** (1980), e **O Homem que se Julgava Camões** (1981). Além de várias adaptações, Filipe La Féria escreveu e encenou um dos mai importantes espectáculos dos anos 80: **A Marquesa de Sade (Casa da Comédia,** 1983). **Grupo de Teatro de Campolide** produziu, com encenações de Joaquim Benite, a adaptação de Virgílio Martinho do seu romance **O Grande Cidadão,** (1976) além de outras adaptações como a já citada **1383,** e duas obras de um dramaturgo estreante, o grande escritor José Saramago: **A Noite** (1979), e **O que Farei com este Livro?** (1981); o **Grupo 4,** a peça de Luís de Sttau Monteiro, **Crónica Atribulada do Esperançoso Fagundes,** enenação de Morais e Castro (1978), e a segunda tentativa no género de José Cardoso Pires, **Corpo-Delito na Sala de Espelhos,** encenação de Fernando Gusmão (1979). Vimos de **Augusto Sobral: Memórias de uma Mulher Fatal,** encenação de Rogério Vieira (Sala Manuela Porto, 1982); e **Quem Matou Alfredo Mann?,** encenação de Castro Guedes (**TEAR,** 1982); de Jaime Salazar Sampaio: **Os Preços, encenação de José Cayolla (TEP,** 1977); **Conceição ou Um Crime Perfeito,** encenação de Rogério de Carvalho (**Companhia Nacional 1 — Teatro Popular, O Desconto,** encenação de Rogério de Carvalho **(Teatro à Beira da Estrada 1981);** 1978); **Fernando (Talvez) Pessoa** encenação de Artur Ramos (**Teatro Nacional D. Maria II,** 1983), entre outras. Outros autores poderíamos citar: Carlos Coutinho, Alice Sampaio, José Viana, Fiama Hasse Pais Brandão, de quem o **Teatro da Cornucópia** estreou **Auto de Família** (1977), Norberto Ávila, que escreveu para o **TEP, Florânia ou a Perfeita Felicidade** (1983).

Novos grupos/ /Grupos novos

Ao longo da segunda metade da década de Abril, sugiram novos grupos, ampliaram-se registos de carácter dramatúrgico e cénico; e também novos problemas foram levantados obstaculizando, por vezes fortemente, o itinerário dos grupos. Também a citação de uns e outros parece indispensável no traçamento deste gráfico, demasiado incompleto, de dez anos de teatro em liberdade.

A Barraca conheceu a sua primeira grande mudança ainda em 1976 com a entrada de Augusto Boal que deu ao grupo uma consistência e um projecto, que lhe escasseavam; depois de Augusto Boal, que marcou a sua passagem por Portugal através de outras realizações nomeadamente cursos e seminários, além do seu trabalho como professor na Escola de Teatro, Hélder Costa ampliou e aprofundou esse rumo e **A Barraca** acabou por se transformar num dos mais activos e importantes grupos do teatro independente, conseguindo produzir um teatro de grande qualidade, ao mesmo tempo feito com poucos recursos e popular; **A Comuna**, apoiada

Continua na pág. 4

"SAPOS VIVOS E OUTROS MONSTROS" Contos de Regina Louro

Ana Paula Portugal

«Fiel discípulo do filósofo Dionisos prefiro ser um sátiro a ser um santo. De sabê-lo depende que se leia bem este livro.»

Nietzshe/«Ecce Homo»

AO ler o último livro de contos («Sapos vivos e outros monstros») de Regina Loura não pude deixar de o classificar de perigosamente (para a autora) libertador porque nele a escrita se assume dançante riso na cena trágica que é a vida. É que ter a coragem de zombar com a própria dor me parece ser a acção temerária de uma mulher habituada a conviver com deuses, ou então a acção de quem muito alto se elevou no íngreme caminho que é a sabedoria.

Sibilinos e mordazes são estes contos em que a palavra se reconhece sangue-coagulado graças a uma sagesa adquirida ao longo de um viver que não é alheio à contemplação. E, por isso, o mérito que lhes atribuo refere-se mais à análise do conteúdo neles encontrado do que à forma (aliás despreocupada) neles utilizada.

Detenhamo-nos então no conteúdo destes contos, ora zombeteiros («Coisas de Gato», «A Velha História» e «O Objecto Sexual», ora mordazes («O Coração sem Homem», «O Herdeiro» e «Romance Familiar»), ora ainda sibilinos.

Em quase todos eles perpassa uma reflexão filosófica (mal ou bem orientada) que de modo algum é estranha ao pensamento Nietzscheano e à histórica problemática ontológica e gnoseológica que a autora mostra conhecer num Descartes (obviamente: ver as duas meditações do lagarto no conto «A Velha História»), num Kant (ver no conto «Sapos Vivos» a referência feita à razão prática e ver no conto «OBjecto Sexual» a tentativa de condenar o idealismo por aquele filósofo desenvolvido na «Crítica da Razão Pura») e talvez até num Parménides (ver no conto «Objecto Sexual» o modo como é encarado o problema do Ser).

Acerca desta influência que a filosofia mostra ter nestes contos, só me resta dizer que é louvável a coragem que a autora teve ao brincar com a polémica questão do relacionamento Sujeito/Objecto (ler «Objecto Sexual»), tanto mais pela inocência que revela da evolução que tal polémica questão seguiu em autores como Edmund Husserl, Martin Heidegger e Jean Paul Sartre para já não falar de Karl Popper e...

Como uma amadora que se deslumbra, sem prévia iniciação, com conceitos encontrados em filósofos diferenciados pelo pensamento que abraçam, iniciou Maria Regina Louro (no conto «Objecto Sexual») um jogo anárquico/filosófico em que saiu derrotada. E a sua perda é tão espectacular que com ela se percebe uma má assimilação de Nietzsche. Mas ilustremos o que afirmo para que não se pense que falo sem DIZER.

Leiamos a parte de «Objecto Sexual» que assim diz:

«É. Todas as histórias que não começarem e não terminarem ao mesmo tempo nesta palavra são histórias falsas, ou melhor aparentes. Talvez que toda a história o seja, que a aparência constitua o cerne mesmo da sua essência.

A história impossível que me propus contar-vos (...) é uma não-história que assenta nas costas largas do Ser. (...) Ei-la: É.»

«Todas as histórias que não começarem e não terminarem ao mesmo tempo nesta palavra são falsas, (...)» — diria a autora se correctamente tivesse lido Nietzsche e se não tivesse parado no Kant. (Ler Nietzsche «Humano, demasiado Humano-208» onde o autor, em determinado momento, diz o seguinte: «Se presentemente se considera que qualquer acção humana, e não apenas um livro, acaba de algum modo por determinar outras acções, resoluções ou pensamentos, que tudo o que acontece se encadeia indissoluvelmente com tudo o que virá a acontecer, reconhecer-se-á que existe uma imortalidade real, a do movimento: tudo o que alguma vez suscitou um movimento é, como um insecto no visgo, apanhado e eternizado na totalidade complexa do Sendo.»)

Que a autora me perdõe o desnudar da sua audácia no que à estória do pensamento filosófico diz respeito, nestes contos, mas não posso permitir que ao leitor, menos bem informado no caminhar da filosofia, apareça como sedutor e correcto um tratamento literário/filosofante que não passa de um impertinente conto — «Objecto Sexual».

Denunciado o voo pelo espaço filosófico, só me resta concluir que no conjunto dos contos é este livro o riso-vitorioso do homem face ao destino que o agarra.

Um livro corajoso, onde a genialidade («O Dia de Serpentes» e «O Coração sem Homem») e o gozo («Coisas de Gato» e «A Velha História») se mostram como uma chama corrosiva em que a crueza e a brutalidade aparecem entendidas com uma serenidade-mordaz («O Herdeiro» e «Romance Familiar)» que não as quer anular ao espalhá-las — eis o que é este «Sapos Vivos e Outros Monstros», de Regina Louro,

(Edição «Relógio d'Água»)

Eis um livro

Pedro Alvim

SÚBITO, chega-nos um livro às mãos e nós dizemos: «Eis um livro!» Intitula-se «Zona» e é sua autora Joana Ruas. A acção do livro decorre (nomeadamente a primeira parte) num estabelecimento hospitalar. Quem desmonta o ambiente, fibra a fibra, fá-lo na primeira pessoa do singular – e logo este facto, esta posição de assumir individualmente o que se observa, confere à escrita um grande poder de atracção sobre o leitor.

Poder-se-ia dizer, sem quaisquer sentimentalismos, que a autora toma para si a dor de quem a rodeia, o parto para a morte de muitas e muitas pessoas – e porque utiliza a verdade escorreita, através de palavras que não podiam ser substituídas por outras, temos que a nossa sensibilidade é tocada por lâminas de sílabas, de letras, de meros sons...

Um arrepio, por vezes, percorre o leitor – e, noutras ocasiões, o leitor fica suspenso de quadros de uma grande beleza, vindos do fundo do ser, ônticos pela sua grande simplicidade.

Como este, por exemplo:

«Nunca tive uma casa de banho só para mim. E as casas de banho públicas horrorizam-me. Tenho de estar atenta para ser sempre a primeira a lá entrar. Tenho de lá ir antes de outra pessoa. Sabes, preciso de silêncio. Eu só sei que acabei de urinar quando não ouço a urina. Quando alguém vai antes de mim há o ruído da queda da água a insinuar-se pela pia abaixo. E eu se urino nunca mais páro de urinar ou pelo menos não sei se estou a urinar ou não. E chego a demorar lá tanto os que as pessoas começam a bater à porta. Então saio e fico de novo à espera para ir urinar porque não sei se urinei ou não. Acontece-me sonhar que estou a urinar e no sonho o corpo urina e eu sinto-o.

Quando acordo percebo que não urinei. Outras vezes noto uma mancha amarela nos lençóis. Nessa altura sinto vergonha mas ao mesmo tempo a sensação de bem estar como se tivesse urinado entre as árvores num dia quente de Verão. E da terra sai um calor, um vapor fumegante, um cheiro a ervas verdes e húmidas. E o meu corpo estremece como se tocasse outro corpo.»

E mais não dizemos. Ou antes: iremos repetir as palavras com que iniciamos este apontamento. Súbito, chega-nos um livro às mãos – e nós dizemos: «Eis um livro!»

Diário de Lisboa LER ESCREVER

TEATRO

de Abril a Abril

Continuação da pág. 3

por um público entusiástico, tem produzido espectáculos de uma riqueza cénica invulgar; com o fim do **Grupo 4**, sucedeu-lhe no Teatro Aberto, o **Novo Grupo** que tem produzido espectáculos de excelente nível, como **Oiçam Como Eu Respiro**, de Franca Rama e Dario Fo (1982); **O Suicidário**, de Nikolai Ardmann (1983); **Comédia à Moda Antiga**, de Arbuzov, encenação de Jorge Listopad (1983), **A Boa Pessoa de Sé Chuan** (1984), encenações de João Lourenço, excepto a indicada. Estes espectáculos têm carreado para o Teatro Aberto um público quantitativamente significativo, o que de resto tem acontecido com os espectáculos produzidos por aquele encenador.

É mais complexo o caso do **Teattro da Cornucópia** cuja trajectória ao longo destes dez anos tem sido pautada pela exigência de um trabalho de grande rigor ético e estético e aberto a um imaginário sem paralelo no teatro português. Depois de dois trabalhos em que o grupo encontrou respostas mais animadoras por parte de um público mais vasto (**E Não se Pode Exterminá-lo?**, de Karl Valentin, e **Não se Paga, Não se Paga**, de Dario Fo), o grupo apresentou um belo espectáculo sobre a peça de António José da Silva, **O Labirinto de Creta**, de O Judeu, que não obteve a mesma resposta por parte do público, o que levou a ensimesmar-se de novo na criação de espectáculos de grande qualidade artística mas fechados numa reflexão circular que o público dificilmente pode acompanhar (**A Oratória, A Missão**); o **TEC**, além de **Onde Vaz, Luiz?**, produziu um outro grande espectáculo, **Jadermann**, de Hugo Von Hoffmansthal, encenação de Carlos Avilez (1983), mas o seu trabalho parece quantitativamente insuficiente; também o **Teatro do Mundo**, fundado por elementos saídos da Comuna, produziu um grande espectáculo, uma dos mais impressionantes máquinas teatrais desta década, que contrastou com a tibieza da maioria dos seus trabalhos; **Terramoto no Chile**, adaptação da novela de Kleist, encenação de Michel Mathieu (1981); um alemão, Stephan Stroux, dirigiu no grupo portuense **Cena**, uma polémica leitura experimental de **Leôncio e Lena**, de Buchner (1982).

Esta lista, que não é exaustiva, não contradita o que ficou escrito: a necessidade de dar ao dramaturgo português o lugar que lhe pertence na criação teatral. Aliás, também aqui seria necessário um esforço mais consequente por parte do Ministério da Cultura no sentido de estimular o relacionamento entre uns e outros.

Teatro para a infância e juventude

O mesmo poderíamos dizer

em relação ao apoio que o teatro para a infância e juventude exige. Com dificuldades acrescidas num campo em que foi necessário partir praticamente do zero, os grupos especialmente dedicados à especialidade bem como os grupos independentes que de forma mais ou menos irregular têm produzido espectáculos do género, apresentaram criações que se distinguiram não só pelo inconformismo dos projectos pedagógicos que continham como pela qualidade, nalguns casos excepcional, das formas cénicas em que se exprimiam. **A Comuna, O Teatro da Cornucópia**, a **Casa da Comédia**, o **TEP**, o **Grupo de Teatro de Campolide**, a **Unidade-Infância do CCE**, dirigida por Manuel Guerra produziram alguns espectáculos de grande qualidade, a que não podemos deixar de juntar as criações dos grupos especializados **O Bando Joana, Pé de Vento**, no Porto, além de outros, e ainda os espectáculos produzidos por José Caldas, alguns dos quais constituíram autênticas obras-primas: **Ou Isto ou Aquilo**, textos de Cecília Meireles, com a **OTC** (1979); **A Vida Íntima de Laura**, de Clarice Lispector, com o **Teatro Hoje** (1981); **Corda Bamba**, de Lygia Bojunga Nunes, com o **CCE** (1982); **Chorar para Rir**, de Marcel Sabourin, com o **TEC** (1984).

— Com a entrada de Filipe La Féria para a direcção da **Casa da Comédia** este espaço tornou-se numa célula viva e polémica de criação teatral.

Citámos **A Marquesa de Sade**, mas outros espectáculos devem ser lembrados: **Faz Tudo! Faztudo!! Faztudo!!!** (1979); **A Paixão Segundo Pier Paolo Pasolini** sobre o texto de René Kalisky (1980); **Seis Aparições de Lenine sobre um Piano**, sobre o texto de Noel Coward (1981); com encenação de Fernando Heitor; reposição de um admirável espectáculo dos anos 60, **Dias Felizes**, de Beckett, encenação de Artur Ramos, genial trabalho de Glicínia Quartin (1982). Ainda na **Casa da Comédia**, não se pode deixar de lembrar **Saudades** (hetero cabaret ero-satírico), colagem com encenação de Ricardo Pais (1978). Outros grupos, outros espectáculos deveríamos aqui citar mas já vai o espaço escasseando para o efeito. O **TEL**, onde Luzia Maria Martins e Helena Félix tentaram, muitas vezes em vão, produzir um teatro de qualidade, de que citaremos **A Classe Dominante**, de Peter Barnes (1982), **Tudo Acabado**, de Edward Albee (1983); o **Teatro Hoje**, dirigido pelo poeta e ensaísta Gastão Cruz e pelo actor e encenador Carlos Fernando, de que vimos alguns espectáculos com interesse, nos quais devemos sublinhar a importância das propostas plásticas de um dos nossos grandes cenógrafos, José Rodrigues. Citaremos, desses espectáculos **Feliz Natal, Avozinha**, de George Léautier, que Ivone Silva transformou num espectáculo insólito; o **TNT**, cuja produção se define por uma mediania pouco estimulante; **Maizum**, com dois ou três espectáculos também pouco interessantes.

Espectáculos a que estiveram ligados os encenadores Ricardo Pais e J.A.. Osório Mateus mereceriam figurar neste levantamento dos marcos, principais e secundários, que balizam a prática teatral portuguesa de Abril a Abril . E também um outro, muito importante, produzido pela Fundação Gulbenkian: **Portugal, Anos 40**, texto de Luiz Francisco Rebello, encenação de Carlos Avilez (1982).

Não esquecer

Entre os fenómenos do teatro português, não se pode deixar de evocar o trabalho das **Marionetas de São Lourenço** que recupera a tradição do teatro de bonecos de António José da Silva com um sentido de modernidade que faz das criações do grupo dirigido por José Alberto Gil e Helena Vaz qualquer coisa de único em toda a Europa.

Seria injusto, além disso, esquecer alguns espectáculos apresentados pelo **Teatro Nacional D. Maria II**, além dos já citados, nomeadamente **Rómulo, o Grande**, de Durrenmatt, encenação de Varela Silva (1981); **A Casa de Bernarda Alba**, de Frederico Garcia Lorca, revelação de um grande encenador, Mário Feliciano e para nosso gosto um dos grandes espectáculos da década (1983); **Longa Viagem para a Noite**, de Eugene O'Neill, encenação de Jacinto Ramos (1983); **O Anúncio Feito a Maria**, de Claudell, encenação de Jorge Listopad, com um belo aproveitamento de um duplo espaço ao ar livre (1983); e na Sala Exeperimental, o peoma dramático de Yannis Ritsos, encenação de Rogério de Carvalho, com a admirável interpretação de Fernanda Lapa (1983); **Sopinhas de Mel**, de Teresa Rita, encenação de Jorge Listopad (1983).

Seria do mesmo modo injusto, ignorar o trabalho da **Companhia Nacional 1 — Teatro Popular**, em especial com a já citada peça de Jaime Salazar Sampaio, **Conceição ou Um Crime Perfeito; Baal**, de Brecht, outro notável trabalho de João Lourenço (T. da Trindade, 1980), e **Casamento Branco**, de Tadeuz Rozevicz, encenação de Fernanda Lapa, outro grande espectáculo (T. Aberto, 1981).

(Conclui no próx. número)

"Para sempre" - romance de Virgílio Ferreira

Margarida Madureira

Para Sempre é um romance que põe em causa uma sequência linear do tempo, não só em termos de encadeamento da narrativa, mas, e de modo muito mais profundo, em termos de vivência. De certa maneira, pode-se dizer que este modo de percorrer a existência tende a destruí-la enquanto história. Por outro lado, já como percurso de reflexão e escrita, tende a preencher o vazio criado pela consciência da aproximação da morte por uma plenitude transbordante, excesso gerado no interior do sujeito pela solidão.

A vida surge neste romance como destituída de sentido na banalidade dos gestos inúteis, instaurando o vazio da imobilidade. No que diz respeito ao presente, tudo é o sem interesse de gestos e movimentos triviais: sair do carro, levar as malas, abrir as portas e janelas, subir ou descer as escadas – movimentos vulgares a que a solidão de uma vida sem futuro retira a possibilidade de sentido; até à imobilidade completa de horas sentado num sofá. Mas também no que se refere ao passado, ou no que se refere ao passado visto a partir de um presente sem futuro que o perspective: tudo foram gestos banais de uma existência comum. A aproximação da morte revela-lhe o sem sentido. Sem que, no entanto, se possa saber o que na morte morre da vida, o que na morte morre de si, numa ignorância do seu próprio ser.

O presente é à partida preenchido (paralelamente aos gestos inúteis) pela rememoração e pela reflexão – antes de o ser pela plenitude final da compreensão absoluta. Assim, o presente vai sendo progressivamente invadido pelo passado, ou melhor, pelas imagens ou cenas (por vezes extremamente rápidas) do passado que tomam forma aos olhos do narrador. Movimento que não se produz apenas num único sentido: sempre, mas cada vez mais à medida que o romance se vai desenvolvendo, é o presente que avança sobre o passado, penetrando nele e transformando-o. Mais que um recordar o passado, é uma recriação do passado que se produz:

Então eu disse – ou sou eu que o digo agora? sou eu que ainda atravesso tudo o que sinto e sou e me condensou a vida para o ser lá agora?

Não é apenas um domínio sobre o passado, mas um domínio do próprio tempo que o faz «existir» para o sujeito. Tudo é criação e tudo é já memória antes mesmo de haver alguma coisa: o futuro surge em imagem como o passado, saindo da sombra da inexistência.

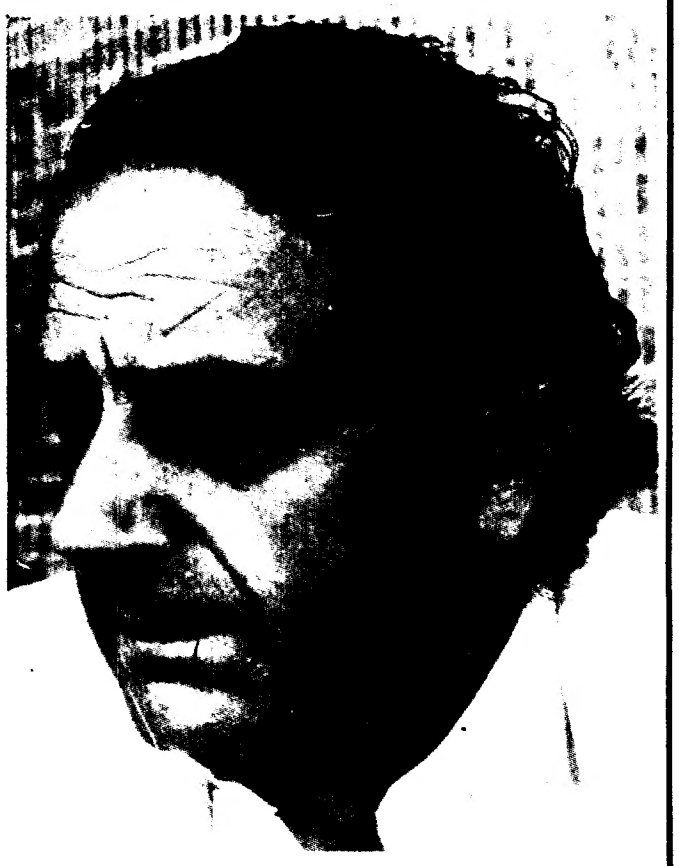
Passado, presente e futuro perdem, nesta interpenetração constante, qualquer hierarquia: como se não houvesse um antes e um depois, mas sempre tivesse existido tudo; ou melhor, existindo tudo agora no nada que antes foi. Apenas domina, na sua vacuidade aberta ao preenchimento, o momento a partir do qual o narrador constrói a sua visão da (que é toda a) sua existência.

Se existe um percurso, ele nada tem a ver com o percurso existencial, do nascimento à morte. Ele é o itinerário que a «viagem» pela casa simbolicamente representa, lenta e difícil penetração no passado podre e corroído, poeirento como a casa. A casa funciona, deste modo, como o local de convergência de todo o tempo, de todos os tempos, que a«memória antiquíssima» (re)cria. Ao nível da construção da narrativa (ou dos fragmentos de narrativa) essa convergência é conseguida através da interpenetração dos vários fragmentos narrados que justapõe diversos tempos. A ilusão de simultaneidade é reforçada pela utilização indistinta (e dominante) do presente.

(...) tanta gente à minha espera, e coisas que acontecem e coisas que fui sendo, para ser agora tudo no balancear da memória, instantâneo fulgor, e nada deixar de mim quando o silêncio me cobrir. (p. 101)

No «balancear da memória», incapaz de reconstruir um passado de «alegria morta» (figura de cera que se esfuma), o narrador encontra-se alcançando a plenitude da imobilidade sem tempo nem lugar, centro do universo e ponto de convergência de todos os tempos imemorais, início e fim de todas as eras: o infinito e a eternidade gerados na profunda contenção interior. Retomando no último o primeiro capítulo, mas revertendo-o, o romance abre-se para essa plenitude construída a partir do vazio e do nada da existência. É assim que, no final do romance, se alcança uma paz imensa, feita de compreensão e de plenitude interior.

Toda a compreensão, aceitação do destino na vida e na morte, está contida numa palavra única, incessantemente procurada ao longo do romance: palavra primordial e final que abre o ser para si no universo do tempo sem limites, instaurando uma nova cosmogonia, interior e contida. A plenitude converte-se então num canto interior, canto ancestral da «memória antiquíssima», que preenche o vazio da existência do ser destinado à morte.



A melodia enche o silêncio da casa, enche todo o meu passado que procura. Toda a terra vibra nela, todo o universo se explica numa palavra final. A mais alta, a mais profunda. (p. 303)